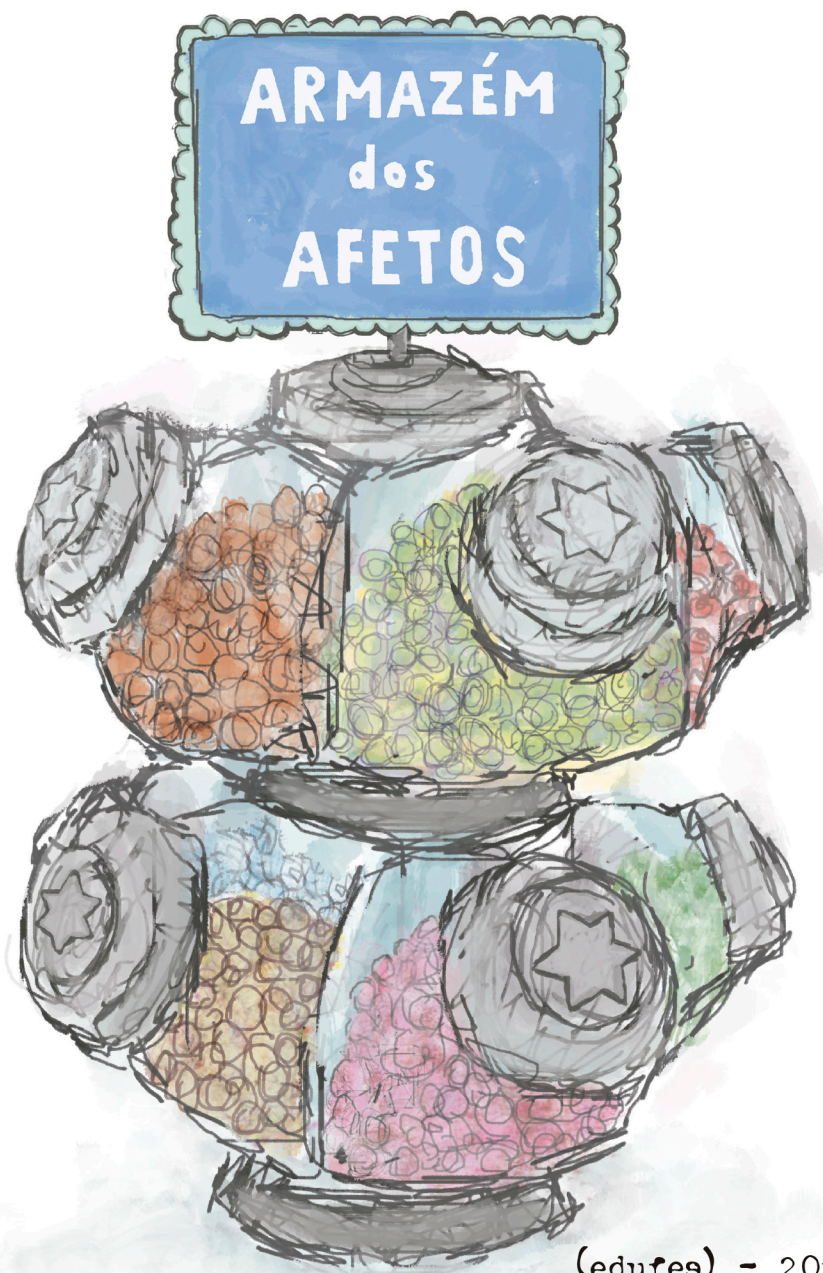


crônicas de Mara Coradello



(edufes) - 2013

crônicas de Mara Coradello

armazém dos afetos



Vitoria - 2013



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (EDUFES)
Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. FERNANDO FERRARI, 514 - CAMPUS DE GOIABEIRAS
CEP 29075-910 - VITÓRIA - ESPÍRITO SANTO - BRASIL
TEL.: +55 (27) 4009-7852 - E-MAIL: edufes@ufes.br
HOMEPAGE: [HTTP://WWW.EDUFES.UFES.BR](http://www.edufes.ufes.br)

REITOR | REINALDO CENTODUCATTE

SUPERINTENDENTE DE CULTURA E COMUNICAÇÃO | RUTH DE CÁSSIA DOS REIS

SECRETÁRIO DE CULTURA | ROGÉRIO BORGES DE OLIVEIRA

COORDENADOR DA EDUFES | WASHINGTON ROMÃO DOS SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

AGDA FELIPE SILVA GONÇALVES, CLEONARA MARIA SCHWARTZ,
ENEIDA MARIA SOUZA MENDONÇA, GIANCARLO GUIZZARDI, GILVAN VENTURA DA SILVA,
GLÍCIA VIEIRA DOS SANTOS, JOSÉ ARMINIO FERREIRA, JULIO CÉSAR BENTIVOGLIO,
MARIA HELENA COSTA AMORIM, RUTH DE CÁSSIA DOS REIS,
SANDRA SOARES DELLA FONTE

ILUSTRAÇÕES DA CAPA | DAVID CAETANO

PROJETO GRÁFICO | Denise R. Pimenta

REVISÃO | Regina Gama e Tânia Canabarro

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Coradello, Mara, 1974-
C787a Armazém dos afetos : crônicas / de Mara Coradello.
- Vitória, ES : EDUFES, 2013.
179 p. ; 21 cm

ISBN: 978-85-7772-171-9

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-94

Este livro é fruto da
premição Taru 2007,
parte de seus recursos
foi originado através da
Lei Rubem Braga, com
apoio da Dacasa Finan-
ceira.

crônicas de
Mara Coradello

armazém dos afetos

..... crônicas de Mara Coradello

Índice

Para um amigo que não escreve mais	7
Sentimentos de plástico	10
Fragmentos de mim I	13
Fragmentos de mim I	15
Lembrança da saudade que some	18
De violinos, cães e pessoas bravias	20
Histórias do amor alheio	22
Quase carta ao recente ex-amigo --escrita em	
Verdana	25
Risque as palavras em desuso	28
Sinestexto	30
As brumas de Itaúnas	32
Amor entre aspas	35
Química	38
Armazém de afetos	40
O passado da semana anterior	43
Um teto todo meu	46
Crônica em pedaços de mares	52
CRONQUINHAS	54
Manual de procedimentos para ser menos intenso	56
O amor favorito	59
Correio sentimental anônimo	61
Por uma vida menos ordinária	64
Onde não haveria uma crônica	69
Água-de-coco	71
Crônica em forma de abraço	74
O homem que sabe mentir	77
Manias, pequenas obsessões e alegorias da vida	80
Os riscos além da sua janela	
Escritos soltos para dias felizes	83
Coisas para se fazer nas tardes mais felizes	86
Passeia por meus pensamentos uma gata*	88
Relato de um feriado santo	91
Nunca mais voltar	93
A biblioteca	96
Só singular	98

Fale baixo nas manhãs	103
A imobiliária da falta de sutilezas	106
A pessoa spam	108
O efeito sanfona no amor	110
Histórias acerca de botões	112
Pseudocrônica	114
Wanderlust	116
Eu na praia	118
A felicidade é um bocado simples	120
A Ilha de Verdana	122
A vida é breve	125
Anacronismos contemporâneos	127
Fragmentos de pequenos natais.	130
O descaso com arte é o descaso com o delicado da vida?	133
Biologia I	136
Carrossel	139
Crônica de amor desajeitada	141
Um céu repleto de distâncias demoradas	144
Dê-me tudo que eu tenho por direito	147
Crônica em terceira pessoa	150
Da natureza itinerante de uma ilha	153
Inútil paisagem	155
Lugares-comuns ou procedimentos para um sarau	157
De plantas de plástico e dos inseticidas do amor	160
Do que poderia ter sido	162
Quando vejo o céu desaba sobre nós	165
Sapos ao sugo	168
Maior que a vida ou No lugar de auto-ajuda: auto-amor	170
Deus e o Diabo sem maniqueísmo	172
Volatéis	176
O sorriso do gás do Curinga	178

Para um amigo que não escreve mais

Dedicada a *Jorge Luis Borges*.

Numa dessas noites do verão que acabou de passar, conversávamos eu e um amigo meu que escreve. Falamos de literatura e de como o Bar do Ceará perdeu parte do charme em seu novo endereço. Esse amigo, que vou batizar de Jorge, ainda não lançou um livro sequer e está quase desistindo da escrita. Escritores iniciantes como eu, que capitulam, me enternecem. E reproduzo parte do monólogo que despejei na mesa, em meio aos maravilhosos pastéis: Sim, há livros demais no mundo, palavras demais e talvez pessoas demais. Mas eles seguem uma Ordem Oculta nas dobras misteriosas do tempo, inserida em algo tão imenso que não se vê. Somos seres que não vislumbram o grande, precisamos voar com asas falsas, usar telescópios e toda uma parafernália para divisarmos o apenas grandinho, imagine o incognoscível?

A Ordem (assim mesmo, com maiúscula) apareceu para mim como uma das verdades imutáveis da vida, descoberta com auxílio da mistura daquele óleo dos pastéis, certa textura exata do gelo da batida de pitanga e uma conjunção numérica da hora. Vou tentar repassá-la:

Para cada leitor há no mundo uma soma de sentenças, partículas de textos, fragmentos de poesias, frases a esmo, que lhes salvarão a vida. Nada que sequer lembre livros de auto-ajuda. Esses estão classificados pela Ordem como derivados de apenas um livro genial, que não foi escrito pelo autor em questão e por isso alastra-se pelo mundo em forma de semi-ordens

narcotizantes. E claro, a auto-ajuda existe para que livrarias e editoras lucrem o bastante, para que apreciadores de literatura possam ler o que há de ... bem, o que há de literatura na Terra.

Portanto, a auto-ajuda muito nos ... ajuda! Seguindo: caso você não escreva aquelas frases, idéias e descrições da pele de sua musa e volte a dormir, esses fragmentos voarão se abrigando num enorme panteão localizado bem acima dos Açores, na Biblioteca dos Livros que Não Existem. Algumas vezes a visitamos, nós, escritores sem inspiração. Acontece muito que ao voltarmos da Biblioteca, mais uma vez não escrevemos, nem sempre há blocos de papel por perto, ligar o computador acordaria o amado que dorme, então as frases retornam para as estantes que não-são, num eterno ir e vir. Bem, para cada frase não escrita, mesmo que inspirada em cotidianas idas ao dentista, caminhadas pela margem do Porto de Vitória, uma leitura com esmero no livro do Marcos Siscar ou uma fatia de bolo de queijo com café. Para cada frase há um leitor desesperado, uma espécie de órfão desses caracteres. Muitos textos servem a várias pessoas. Alguns têm o propósito de fazer o mal. Não há juízo de valor na literatura, e como você já deve estar com lesão de esforço repetitivo de saber, não me estenderei nesse pormenor.

Algumas frases, ou mesmo livros inteiros, servem à apenas um leitor. Não há também ganho de bônus por maior quantidade de leitores atingidos por texto. A Ordem desconhece todos os algarismos, exceto os que numeram páginas ou definem idade de personagem e datas.

Há apenas uma norma: sendo você assomado diversas vezes por dia pela construção interna de frases, sem sequer construir um hai kai, ou seja, se você sucumbir

às facilidades de uma vida sem escrever ... Meu amigo, você há de se tornar um ser sem elo com a Biblioteca dos Livros Não Escritos. O que não se sabe se é bom ou ruim, e de fato isso não importa. É bom que escreva apenas porque o leitor órfão de suas frases, em primeira instância, será você mesmo.

Sentimentos de plástico

Voltei a nadar. Para manter a direção nas águas que se movem abaixo de mim, olho para o céu. Nadar de costas me faz imaginar que há uma inversão: o céu azul em cima torna-se a piscina e nele vejo as águas onde as nuvens também parecem nadar em braçadas lentas.

Então eu penso: é preciso falar dos ônibus incendiados e não adianta sonhar como quem olha as nuvens achando que elas são nosso chão. É preciso ter cuidado para não esquecer da dimensão da piscina, senão bateremos na borda. Queria parar de nadar e pedalar. Sonho com uma ciclovia que contorne toda a cidade, como quem reza por dias mais inteiros. Sem recortes de medo entre um trajeto e outro. Não sei por que essa cidade não é uma imensa ciclovia. Essa pequena, ilha, pontilhada de encostas, mas retilínea de fato. E deveria se unir ao continente por pedaladas. Ela é turquesa vista de cima. E também de frente, se você ignorar pedaços que insistem em se inscrever na paisagem, como as propagandas das lojas do centro. Oh céus! Aonde andam os protetores da arquitetura do Centro? Se as cidades têm corações, não moram à esquerda, moram no centro, quanto mais neste Centro no qual "os navios parecem parar no sinal de trânsito ao lado dos automóveis". É preciso continuar as braçadas. E pensar no menino que abordou a mim e uma amiga no Cochicho da Penha. Era engraxate, mas queria um tênis. Ela o prometeu. Eu falei que lhe daria livros, mas nunca lembro de levá-los. Menti para ele, sou incapaz de abrir mão de alguns livros, pedaços de mim na estante.

E tenho medo de trair o garoto engraxate com essa pequena ilusão de que o mundo pode ser melhor, apenas para que ele descubra na próxima esquina que o mundo é muitas vezes um não.

Porém, algo no olhar dele já demonstra que sabe mais do que. A esperança é a única honestidade que nos resta. É preciso falar do tempo, das borboletas, do jazz que o Geraldo escolhe para acompanhar as pessoas do Cochicho, é preciso saber mais das nuvens, penar com o futebol como quem sofre de encomenda, olhar as crianças na praça e pensar em felicidade póstuma.

É importante escolher um novo sofá para a sala, organizar a ordem das roupas pelas cores, tirar sapatos mais delicados debaixo de outros de inverno. É preciso lavar os cabelos, folhear a esmo livros já lidos, apenas para ter alguma sensação de cumplicidade. Tão perdida a cumplicidade nesses tempos de iPod em que até a música não é mais gregária.

É necessário contar como foi a semana sem contar como foram os dias, pernoitar pensando nas tarefas da manhã como num pai-nosso. Contornar as praças porque no meio delas há os delitos que cometemos: meninos cheirando cola ao invés de giz de cera. Tudo isso guardado, arrumado, penteado e devidamente lacrado, porque é preciso mesmo e estamos fazendo uma coisa apenas: escapamos de falar de amor. Eu mesma, nessa crônica, consegui meu objetivo_ não pronunciei seu nome em vão. Porque a palavra amor é barroca. E canções de gosto duvidoso se apropriaram dela. Porém, é como se o amor fosse um luxo caro. Parece que esquecemos que ele é a única coisa do mundo que se alimenta de si mesma.

Sonhar com amor pode parecer imaginar coisas que

não deveriam acontecer em primeira pessoa. Mas esquecer o amor é se afastar do afeto. Se afastar do afeto é ter dias com menos pulsação, sem necessidade do preciosismo raro do cuidado com o outro. Por isso falamos de outras coisas e inventamos desculpas e enquanto nos tornamos infláveis paramos de ter combustões. Seria perigoso demais: plástico derrete fácil. Só que o amor é também fôlego. E temos sempre mais braçadas por vir.

Fragmentos de mim I

Tenho que tirar uma fatia do silêncio a meu respeito que aqui se instaurou... E colocar um agradecimento. Desde o primeiro dia em que me leram por aqui, pouco ou nada sabem de mim. E tenho recebido manifestações gentis de estímulo. Por isso acho que tenho de ser um pouco eu.

Vou falar o que consigo, e ainda bem que páginas de jornal não coram.

Não pareço muito com a foto acima, carinhosamente feita pelo meu irmão do meio, Fabrício, com o qual gostaria de parecer mais. Adoro café expresso, dias chuvosos, livrarias. Mas não leio desbragadamente, sou fragmentada, abandono livros e pessoas complicadas, para logo depois, em meio a uma solidão intensa, procurá-los no meio da noite. Procuo-os quase nunca pelo telefone, quase sempre apenas puxando fios na memória enevoadá.

.....

Meus pais se conheceram de uma maneira curiosa, minha mãe, uma das mulheres mais lindas daquela cidade naquela época, era enfermeira-noviça de uma Santa Casa. Papai, então um com quase trinta anos e conhecido por sua recusa ao matrimônio, foi levar sua irmã, a adorável tia Tercília, ao hospital. Após ver minha mãe, especializou-se em inventar uma doença por semana até conquistar o coração da quase freira, que era prometida a Jesus. Eles se casaram por

paixão, era fácil perceber isso pelo tom do amor neles. Hoje têm suas vidas separadas.

Fui sempre uma pessoa de reflexo palavrório involuntário.

Um dia minha avó, uma senhora italiana católica de gênio mercurial, especialista em frases fortes e nada ortodoxa no modo de nos educar, disse que Jesus Cristinho me viraria as costas, se eu teimasse tanto em mandar em mim. Qual foi a surpresa quando me viram com seis anos, escalando o sofá e virando o crucifixo para a parede ao exclamar: "Já virou, vovó!". Pedi desculpas de joelhos por isso. Acalme-se. Hoje sou do tipo que prefere perder a piada e manter o amigo. Acho que boas frases e verdades francas acontecem aos montes, mas um bom amigo só depois de vários quilos de sal, melhor cuidá-los bem.

.....

Ando apaixonada. Por um ser humano macio. As pessoas macias são abraçáveis por princípio. Gosto da falta de asperezas do moço, de sua doçura e de seu falar baixo.

Ele talvez nunca saberá disso, ao ler essa crônica (?) talvez pense que falo dele, ou nem mesmo irá suspeitar. Não importa, gosto desse fogo sagrado-coração no peito.

Como se me fizessem uma tatuagem devagar por dentro. Aquece.

Dois pequenos dramas barrocos

Da falta

I. Quando dei por mim havia esse anjo nada torto, era contrito e de falsa esquerda. Pagava mensalidades às mentiras e chamava-se Desamor. Acabou com minhas pernas, elas pesavam itinerários que não traçavam nas noites, nem nas tardes, nem em quaisquer dias. Alargava-me na cintura, era minha boca em forma de não, os vincos na testa onde pensamentos lúgubres se escondiam.

E mulher que anda em companhia deste anjo vira motivo de chacota. Que o mundo ainda tem a pachorra de fazer ganir cachorro quase moribundo. Eu gemo: de tristeza. Ouço Paloma Negra e penso: por que não eu? Por que não eu?

Brigo com Eros mesmo sabendo que ele deixou de existir a tempos... Mas antes me mandou esse anjo de cor morena, tez adocicada como sua voz, não suporta barulhos, fala baixo, se esconde denso entre minhas roupas, parece estar pregado no espelho em que me olho antes da festa, por isso menos festa, menos rua, menos alegria. O anjo nada torto o tempo todo é o único que não me troca pelas novas moças dos sabonetes Araxá. Fiel, o Desamor te deixa o bastante para esperar o próximo Dia dos Namorados, quando ele volta a te esfregar na cara os sorrisos dos casais deitados nas gramas dos parques.

E ainda te sacaneia, atirando a seus pés rapazes:

tolos, casados, parvos, desonestos, que suam nas mãos, que dançam engraçado demais. Desamor esconde todos os homens que prestam, na casa, no quarto e nas escrituras em posse das outras damas, essas que nasceram com a sorte do acalanto na voz, com a sabedoria de serem meigas, magras e melhores.

Do excesso

II. Da próxima vez que ouvir qualquer ser falar que tal dama é triste por falta de homem (e nessas horas os malfadados proferem logo o nome do órgão por extenso, quase com divisão silábica), da próxima vez eu lembrarei de algumas possibilidades que podem ser causadas pelo excesso de homem. Mesmo que seja o de um só. Essa coisa que pode ser reticente e jogada no sofá da sala, que pode ser apreensão somente por isso. Ou da coisa que é um telefone que não liga, nunca. Ou somente toca quando já é tarde demais para que até lembremos de seu nome por extenso. E os pescoços de alguns homens? Devem ser os mecanismos com maior mobilidade na Terra, elásticos ao olhar para o lado. E os ciúmes deles a respeito de suas mulheres, exige-se desse ciúme uma medida tênue, que em excesso atormenta e quando não existe preocupa. E para piorar tudo são os que nos vêm com camisetas largas e calcinhas de algodão frouxo, e nem sempre somos Audrey Hepburn em Bonequinha de Luxo, linda de camisa de homem branca. Tudo bem, eles nem sempre são George Peppard, o Fred do filme mais adorável que jamais houve. Tudo bem? Não, nada disso. Mesmo exibindo suave (eu não tenho nada contra, juro) pancinha falam em academia com toda

cientificidade para suas esposas, gratas por algum tempo entre o trabalho e o jantar. Açam que ser bem-sucedido é o que nós queremos em demasia. Ou desejam ser amásios. Eu espero sorridente o meio-termo.

E tantos têm a virtude da falta de assunto, da falta da cantada certa. Coisa que deveria ser mole - a palavra, é dura. Coisa que deveria ser dura - é mole. Portanto, quando perceberem naquela chefe, taxista, diretora da escola, dona do bar, policial, advogada e outras mais em quaisquer cargos, mesmo que donas-de-casa (ó que vida difícil), quando por acaso nelas existir esse detalhe que há milênios apavora a humanidade, o mau-humor feminino, podem pensar em tampas de vaso levantada, em toalha molhada em cima da cama ou simplesmente em excesso de homem displicente em casa e falem, só para treinar -- isso deve ser excesso de membros.

Lembrança da saudade que some

De repente o sangue nas veias desfila morno. Posso ouvi-lo. E sonho com coisas que não deveriam acontecer em primeira pessoa. Fragmentos de filmes vistos e sorridos. Tento reestruturar. Do que você tem medo quando não consegue pregar os olhos nos seus travesseiros à noite? O que te faz adiar esse minuto por tanto, tanto tempo que se descolorem as horas? Vou tentar ler antes de dormir. Não tenho paciência para autores da nova geração em inglês e francês. Não tenho curiosidades. Talvez porque queira ouvir minha voz interior e esses poderiam parecer interferências numa rádio mal sintonizada. Quero o apuro do som real. Mim mesma no quarto onde moram minhas obsessões e felicidades. Comecei a ler *Nenhum olhar*, do português José Luís Peixoto. Finalmente. Eu o ganhei de uma livreira querida, que é médica. Ou seria médica que é livreira? Livraria Largo das Letras, em Santa Teresa. Tenho saudades de ir lá. Tenho saudades de partes do Rio de Janeiro, que se unidas fossem, formariam a cidade ideal. Sei que isso é exatamente o significado da palavra saudade: partes sensacionais de coisas que se coladas, resultariam tão diferentes do que passou que seriam outras. Por isso tantas vezes saudades são meras mentiras. Como lembranças do parque da infância, que se visitado agora, pareceria pequeno e descascado. Mesmo assim, provavelmente, eu me sentaria num dos balanços e mesmo estática moveria lembranças.

Não tenho vontades. Tenho o átimo em que escrevo isso, quando termino a última letra já há um ponto

final. E prossigo para a próxima e assim, não sucessivamente, mas intensamente. Tenho certa tendência a exagerar nos impulsos ao escrever, me apaixonei por um autor que faz justamente o contrário: Quim Monzó. No livro *O porquê de todas as coisas* ele corta. Eu leio, releio e vejo sua secura matemática e quase corto os pulsos de inveja. Vou terminar aqui porque já estou com saudades da minha preservação pessoal e essa foi mesmo uma crônica inteira em primeira pessoa, mas inspirada em uma terceira. Que está quase de volta para me ensinar, inclusive, a entreter melhor você. Até quarta, neste mesmo local. Com a textura do novo que impregna às vezes as mãos, mas por isso mesmo marca os inícios.

De violinos, cães e pessoas bravias

Vim de São Mateus, norte deste estado, com cerca de dezessete anos. A intenção era prestar vestibular na UFES, passar, me formar e voltar para lá. A amiga veio por acaso encontrar comigo, não consigo divisar o dia exato em que a conheci. Sei que aprendi com ela a quase não ter medo. Aliás, isso quase me custou o pescoço algumas vezes, porém uma nobre forma de viver esta: coragem. Mais tarde descobri que medo é também fluido de impulsionar a vida, não somente nas ruas da noite, mas no claro do dia. Os animais mais inteligentes têm medo. Algumas raças de cães não têm quase nenhum medo e são proporcionalmente as mais bobas. Mas há de se ter um medo manso. Desses que te impedem de levantar a voz para a chefe que você pediu a Deus e apenas não está num bom momento, desses que te fazem levar o casaco caso chova. Mas medo paralisante nem pensar. Bú! Essa minha amiga costumava ser confiante e tinha um violino. Empréstou a mim os primeiros livros dos *beats* e algumas inflexões na fala que eu nem uso mais. Violinista, adepta de frases curtas e tantas vezes cortantes, simpática ao extremo, apesar de extremamente mal humorada. Uma dessas pessoas que encontram esse equilíbrio no mau-humor porque troçam de sua própria rabugice. Na verdade ela não se enquadra na categoria dessas pessoas, ela é uma pessoa singular. Clara, rápida e genial. Um pouco mais inteligente que esse mundo. Por isso cansa logo das coisas e volta e meia fica como agora, três meses sem tocar o tal violino.

Ele fica mudo embaixo da cama. Como um cão esperando o dono o levar para passear. Ela passeia com seu setter e descubro que ela pertence a essa raça de cães. Sabe que ando comparando pessoas à espécie de cães? Leio o perfil do cão e vejo seu focinho nele. Há cães ranhetas, cães mais cordiais, e há os poodles. Apesar de Lola, cachorrinha cinza da minha amiga cantora ser uma não-poodle: calma, educada e calada. Gosto deles. Acho cachorro divertido e cheio de calor. Um pote peludo de carinho ao alcance das mãos. No Rio eu visitava o pet shop ao lado do Copacabana Palace, era minha fonte emprestada de ternura rápida e de graça. Foi justamente essa minha amiga do violino que me deu meu primeiro cão unicamente meu: Gogh. Um vira-latas que eu tosava como schnauzer e até a veterinária achava que era. Gogh eu levava para a UFES e o amarrava nos lugares enquanto pegava livros na biblioteca. Ele sentava aos meus pés enquanto eu lia. Um cachorro honesto. Quando arrumei um emprego duro em agência e virei *workaholic* ele foi embora. Fugiu de casa para nunca mais. As pessoas que a gente cultiva pela vida também fogem da nossa falta de tempo, da nossa rabugice. Mas creio que Gogh estava errado, são os que nos compreendem em nosso mau humor que merecem os melhores afagos quando a crise passa. Assim como o violino merece que Gigi retorne a ele. Nós esperamos.

Histórias do amor alheio

É batata, como diria o Néelson, não tem assuntos? Fale de amor. Fale da luta inglória para entender esse sentimento que pode ser chamado de Mito do Amor Romântico, como naquela comunidade do orkut, que eu insisto em fazer parte, alheia ao fato de assustar prováveis futuros qualquer-coisa. Até amigos. Estou mesmo sem assunto. É que nesses dias as histórias estão com frio. Estou sem início meio e fim. Perdi provisoriamente meu livro do Rubem Braga, com mais de quatrocentas crônicas escolhidas para que sua inspiração me acuda em favor do texto daqui. E eu me acostumei tanto com minha própria frase: eu tenho histórias demais e todas com inícios meio fim. Mas adoro histórias do amor alheio. As coleciono como uma antiga senhora cria gatos em sua casa em meio ao bosque. Leia algumas:

Terapia cifrada

Eles eram um para o outro. Apenas bons amigos. Integrantes da mesma banda de música eletrônica. Os dois possuíam o mesmo ângulo de olhar para a vida. Ambos freqüentavam divãs. A terapeuta dela falou que ele era e sempre seria o homem certo, que ela fingia não ver. A terapeuta dele falou o mesmo em relação a ela. Brincaram com esses diagnósticos em um telefonema seguido por dias de silêncio constrangido. Logo depois se casaram. As músicas que fazem são ótimas, o mundo inteiro os ama num amor que eles tocam em conjunto. E claro: brigam de quando em vez. Descobriram, anos mais tarde, que as duas

terapeutas são amigas de longa data. Adivinham que ambas, em segredo, devem ter violado o código de ética e decidido o empurrãozinho quem sabe numa cerveja de tarde, no restaurante árabe do Bairro República, ou no Alemão. Graças a Deus que o amor volta e meia ignora a ética.

A mulher e o ladrão

Eram amantes há cerca de dois anos. De um amor desses que doem. Ele era casado e tinha uma filha de dois anos. Promessas de separar desestimuladas por ela que dizia sempre: respeito profundamente famílias. Um dia, num longo telefonema de celular, ela ouviu um “perdeu, perdeu” e logo depois o tum-tum-tum do telefone sendo abruptamente desligado. Não teve dúvidas, ligou para a mulher oficial e disse que ouviu o assalto. A mulher só perguntou: quem é você? A amante: uma amiga dele que não sabe o número da placa do carro, que ouviu todo o infortúnio. Ele agradeceu a ela, a vida e o final do casamento. Logo depois voltou para a mulher, mas ainda hoje pensa em como teria sido se.

O amor perfeito

Num reino muito distante, uma princesa sádica brinca com um plebeu masoquista. Como? Nunca lhe concedendo nenhum prazer e com requintes de ferocidade: ele não vislumbraria jamais em sua vida o rosto da princesa. Ele: sofria deliciosamente construindo a imagem da cruel nas nuvens do céu e nos objetos a seu redor. Masturbava descrições mentais do rosto da princesa. Ela: mandava sinais

..... crônicas de Mara Coradello

de sua existência - em boatos, lembranças do que
jamais houve e truques com perfumes. Torturas e
delícias a ambos, ao mesmo tempo e através de um só
instrumento: o desconhecimento.

Quase carta ao recente ex-amigo – escrita em Verdana

Algumas pessoas amam Vitória exatamente pelo que ela tem de compacta. E a falta de um café vinte quatro horas aberto e de um teatro que comporte um grande musical, como a Ópera do Malandro, não inviabilizam essa cidade. Penso nisso no domingo à noite, depois de vir da casa de amigos. Onde um dos assuntos “o que nos leva a ter solidão numa cidade onde conhecemos cerca de trinta pessoas intimamente em cada evento de arte”? Afinal encontramos sempre alguém com quem conversar, onde quer que estejamos. A idéia dessa crônica surgiu justamente da quase impossibilidade da mesma, porque estou sem *notebook*, eu escrevia em um desses, um que veio ao mundo em 2000. E ele deve mesmo ser chamado de *laptop*, porque é compacto. Tem leves oscilações agora, e pensei num determinado amigo que talvez pudesse me emprestar sua máquina, mas ele, segundo suas próprias palavras, rompeu relações comigo. Tentei entender porque se rompem relações, e claro que pensei em Vitória, e não sei se aqui é diferente de outros lugares mais populosos, porém lembrei que a única forma de não sentarmos novamente à mesa de quem não queremos falar é cortar definitivamente os laços. Esse ex-amigo sempre me alertou, entre risos, que está descartando amigos feitos em 1993. Eu sempre me lembrava, nas inúmeras vezes em que ouvia essa frase, que eu realmente era uma versão 93. Não sou mais, ele conseguiu. Parece que outros dois amigos de 94 também entraram nessa espécie de coma de amizade por mera senilidade, proposta por

ele. Portanto essa crônica sai sujeita a oscilações de teclado. De letras que entram sem querer no meio das palavras escolhidas a dedo. Entra uma série de zzzz, entra um q maiúsculo e entra uma ponta de indignação e piedade. Entraria só piedade, mas é tão pretensioso que eu sinta compaixão de outro ser humano, afinal sou tão imperfeita quanto qualquer pessoa, talvez nem tanto quanto Suzane Richthofen ou como gente que buzina no trânsito. Mas sou.

Ao amigo que não quer falar comigo, digo obrigada. E penso que no nosso próximo encontro vou ter apenas que contorcer o pescoço e falar com todos, menos com ele. Ao invés de ouvir uma de suas frases típicas, como: “que horror! Meus amigos de 1993 estão envelhecendo”. Sim, estamos todos envelhecendo. E achamos glorioso ter amizades que já duram mais de dez anos e não entendemos como alguém pode se fiar nesse anagrama temporal crônico e relapso para julgar. Até porque meus amigos de três meses atrás também me trouxeram boas surpresas e eu acredito que é balela de autor de série americana dizer que não fazemos mais amigos após os trinta.

Fazemos, desfazemos, e criamos novos vínculos com velhos amigos, porque no terreno da amizade ainda somos e sempre seremos crianças. Tem uva-pera-maçã-e salada mista, risadas e tardes inteiras conversando, nesse terreno. Um quintal onde também cabem, às vezes, críticas que, ditas pelo amigo, têm o peso e a leveza de uma daquelas bolinhas de isopor que.

Acontece que essas considerações ínfimas a respeito de amigos me lembram que ex-namorados

também coabitam comigo em diversos lugares. E acho que isso seria igual numa cidade extremamente gigante, em Nova Iorque eu conheço um tradutor de literatura brasileira que nesse momento deve estar tomando café com um conterrâneo capixaba, meu contemporâneo na universidade. É simples: interesses em comum transformam o mundo num botão de camisa. De madrepérola, refletindo esse brilho leitoso do aconchego que buscamos ao trocar idéias sobre assuntos que conhecemos, com quem também adora o último CD do Koop, filmes do Woody Allen, contos obscuros do Caio Fernando Abreu...

Não adianta fugir, brigar, romper, não ligar no dia seguinte. Qualquer dia nos esbarramos novamente, então o que se espera é que tenha sobrado, ao final de tudo, motivo para um sorriso, para um "oi, como vai?" Mesmo que nem queiramos saber de verdade. É esse mínimo de educação que eu espero. E mesmo que não mais sejamos amigos, não ignoro suas qualidades, seu bom trabalho e seu senso de humor, mesmo que eu tenha me ferido com sua acidez. Vamos lá, eu também não sou uma pessoa de PH básico. Diga oi, se não doer muito. Se doer, deixe para um futuro próximo, não sei se pelas minhas próprias experiências, ou se pela falta de lugares interessantes no mundo, eu tenho quase certeza que um dia vamos nos encontrar. E teremos de explicar à platéia porque não nos falamos, no mínimo é chato admitir que não convivemos bem com os erros alheios, no mínimo é triste cortar amigos como itens numa lista de compras. É que eu não pretendo cortar o vinho tinto, nem aquele carbonara que te servia com prazer. Sinto muito. Ainda não inventaram um meio de cortar de mim o afeto.

Risque as palavras em desuso

Sabe por que o amor é uma palavra tão curta ? Porque é a abreviação. Não caberia. O continente do teu olhar, as planícies do teu abraço, teu sorriso cordilheira. E todos as constelações de tuas palavras no escuro dos dias em que não as escuto.

E nessa imensidão no amor as coisas não possuem proporção. O que pequeno se avoluma, o gesto delicado deriva do imenso que nos olha por dentro e nos assombra acima de nós, o coração pulsa inchado, os afogeados glóbulos do sangue se fazem ouvir em veias que são ferrovias por onde passam os dias, descarrilhados. As pequenas e delicadas texturas de sua carne, onde deposito toda a minha vida de imensa reclusão no desconhecimento do amor. Paixão é a única coisa que, quando não a temos, sentimos falta de todos os seus detalhes. Mesmo sem nunca ter tido. Talvez igual a ter algo que não possuímos com o dinheiro, porém o amor é ainda maior que um carro, uma casa, uma jóia que brilharia falsa se no pescoço da pele faltasse amor. O amor é feito de pequenas coisas que grandes são quando as possuímos, múltiplo denominador comum, matemática perversa de um árabe que inventou as regras como um deus cria o mundo, sem nos mostrar a origem. Oculto em perfumes e trejeitos e faltas de jeito o amor coabita com a surpresa e é tão inesperado como a explosão de um sol, a superfície de buracos negros, a relatividade aplicada a Deus e o acaso. Aleatório o amor deriva da química, da geometria e acaba por causar literatura e novas línguas e novos países e novos e insondáveis mulheres e homens.

Dizem que o amor é precipício. Eu acho que precipita.

Mas o amor também reveste de imensa calda e sabor o que de perto é fátuo, é pouco. Porque o amor queima as pessoas ao longo dos dias e delas restaria apenas um núcleo pequeno e mole, onde algumas vezes achamos o medíocre, o “não era bem isso”. Porque o amor edulcora, calcifica e aromatiza. O corante do mundo é o amor. A invenção das horas foi para contar alguma distância de enamorados. O intenso gasto e uso da palavra amor a tornou irmã menos nobre da amizade em muitas sociedades: devido a novelas de televisão, livros mal escritos ou escritos no calor das horas. A amizade hoje em dia, tantas vezes, é apenas a roupa de trabalho do amor. O amor cotidiano, que não atrapalha casamentos já forjados, opções de sexo já previamente escolhidas e bebês que estão a caminho. O que o amor quebra a amizade cola. Dois irmãos de natureza fogo e bombeiro. Duas pequenas coisas em meus bolsos, que por muitas vezes não acho onde as procuro, óculos, chaves de casa, tesouras de aparar unhas. Sigo assim a ver no amor a espera e a esperança. A vida e vilania, a morte em sossego no berço da criança que surge de seu intento: do amor.

Sinestexto

Anda tristeza! Deita aqui ao lado nessa cama que me abraça, ao menos algo tem que me abraçar. Chega vento, vem me fazer ficar aerada como o chocolate da infância, que não quero ser leve, quero ser ultraleve, aerada por dentro. E, eventualmente, desconfio que a gente fica leve mesmo quando morre, antes disso somos densos e de conteúdo biológico misterioso.

Eu que erro leis da física, me pego absorta com orações novas: quero receber logo o que me é de direito. Quero entender porque não me dão, se não me derem.

Quero que se fodam, suavemente e intensamente. Me pego abjeta porque ser humano é ser, por vezes, abjeto.

E nada daquela teoria que nós nascemos repletos de amor, que temos de gastar com bichos de pelúcia, quero a penugem da vida inteira em mim, dentro, fora e todos os poros loucos que não comando, não quero o controle, quero o amor porco e cheio de incenso que assemelha-se ao cheiro do que não há.

Quero conhecer o amigo de Nova Iorque, quero visitar a irmã em Portugal, quero passar um final de semana em Campinhos com o meu Wonka particular. Quero escrever cada vez mais em primeira pessoa, mesmo quando para terceiros.

Quero ser adolescente que faz do blog agenda, quero pau e quero língua. Quero perder a vergonha que essa

é como o ditado “dispensável na mesa e na cama”.
E eu complemento: inútil nas letras. Que eu pareça
ser da década de setenta na falta de pudor, oitenta na
atitude de destruição plena e noventa na compostura
familiar.

Que eu seja arauta mesmo e grite à moda de Oiticica.

Quero cica da vida na minha boca, entalando a
garganta. Quero aquele visco do mel a causar
tonturas de tão doce e o gelo de doer quando o dia
está quente. E quero a sensação constante da melhor
droga já inventada: cafeína. E não espalha, senão a
proíbem.

Quero nascer de novo mais de mil vezes, que nessas
horas creio em dogmas espíritas, que nas horas de
amor creio nos ideais de Baco, que nas horas da
fraternidade sou cristã, que sou pagã quando preciso
ser racional e sou cientológica quando vejo.

As brumas de Itaúnas

Viajar perverte o tempo, e inventamos outras formas de medi-lo. Os compromissos diários contam nossas horas muito mais do que o relógio, mas há algo além de contar ou não minutos numa cidade que é o espelho de uma outra que se escondeu sob areias. Houve, na semana passada, a oportunidade de mais uma vez me inserir na doçura desta estampa suave no mapa norte do Espírito Santo. Um lugar adorado por Elisa Lucinda, perto do berço de Bernadette Lyra, escritoras de verdade, mas agora eu também declaro Itaúnas meu refúgio eventual, ao menos nesta crônica. Ao pisar nas areias, pela manhã, parecia-me que todas as minhas preocupações pouco a pouco estavam sendo soterradas. Como a areia sob meus pés havia feito com a cidade anterior.

Duvido que alguém não conheça a história, mas como sempre me chamam de hermética, de escrever o que ninguém entende, explico com eventual tom de historiadora:

Itaúnas: tombado pela Unesco como Patrimônio Natural da Humanidade, esse parque tem 3500 hectares e 25 quilômetros de praia, além de diversos ecossistemas como manguezal, restinga e alagados, e espécies ameaçadas de extinção como preguiças, capivaras e lontras. É famoso por suas dunas que, com o desmatamento e a força dos ventos, se moveram e cobriram a antiga vila.

E essa fina nuvem de areia ainda circula por Itaúnas, principalmente em minhas idéias, areia que aturdia

minhas certezas que nada pareciam significar. Pela minha mala podem julgar o que houve: levei um par de sandálias, um de havaianas, dois pares de biquínis, e algo que há muito eu não usava: shorts. Dois livros quase não lidos e pouquíssimo tempo, que escorregou nas dunas e se perdeu para sempre, como é de costume do tempo. Levei demasiadas roupas de frio porque meu amigo anestesista, cuidadoso como devem ser os médicos, me convenceu, e o melhor, era verdade: Itaúnas é fria à noite nessa época do ano e durante o dia o sol quente derrete o resto da friagem que ainda está escondida em nossos ossos. Não há muito com o que gastar, bem que merecia que o Franco reabrisse o restaurante. E existem *cybers* cafés por lá. Eu chequei meus e-mails em um deles. Mas é a água do mar que envia notícias e te sacode, intensamente quente, para que você acorde para seus refúgios. Aprendi nas aulas de arte que refúgios podem existir dentro de nós e se assemelham ao que os orientais chamam de ponto de fuga: um espaço mais suave no quadro, onde não há nenhum desenho, como as areias que têm em seu conjunto o minimalismo, o puro debruçar do sol.

E na volta, ao lado de quem consigo dormir, mesmo num banco de carona, pude ver algo que nunca suspeitei encontrar: no meio de alagados e manguezais fortes e recortados de plantas, cujos nomes admito que desconheço, vi a suavidade de brumas. Uma verdade plena que a cada dia tenho mais certeza, as coisas estão sempre onde menos procuramos. Eu, que acreditava que ao ir embora para uma grande metrópole, onde cafés ficariam abertos por toda a noite, seria feliz em meio a dezenas de livrarias, sou feliz na livraria da praça próxima a minha

casa. Acho que Deus, como dizem, pode até ser carioca, mas ele deve ter se mudado para uma cidade pequena. Para um lugar que ainda não é emancipado. Certamente a felicidade é um estado como se tivéssemos uma cidade pequena em nossa alma, proximidade, pés no chão, céu azul, crianças correndo sem medos, cachorros se abanando lentos. E Itaúnas ficaria ainda mais bela e sua catuaba mais exótica e suas noites imensas mais longas se eu estivesse em estado de graça de amor, mas isso eu deixo para outra crônica.

Amor entre aspas

“O amor comeu meu nome, minha identidade, meu retrato. O amor comeu minha certidão de idade, minha genealogia, meu endereço. O amor comeu meus cartões de visita. O amor veio e comeu todos os papéis onde eu escrevera meu nome. O amor comeu minhas roupas, meus lenços, minhas camisas. O amor comeu metros e metros de gravatas. O amor comeu a medida de meus ternos, o número de meus sapatos, o tamanho de meus chapéus. O amor comeu minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos.” [1]

Quando ele entrou em casa estava tudo na mais perfeita desordem, roupas na pia da cozinha, os frascos de perfume na sapateira, almofadas na varanda, e as janelas todas abertas, com um sol entrando em estilhaços de ironia, cerejas maduras nos sofás.

Logo ele, que deixava tudo fechado, em nome de possíveis tempestades que deram para cair sem avisar nem aos metereologistas. Mas o que ele achou mais tocante foram as milhares de folhas brancas pregadas nas paredes da casa, papéis portando frases escritas na velha Remington:

“Parabéns a você com sua vida dividida em cores. Roupas no armário dos significados.”

“Parabéns a você que acha ser tão cáldo assumir que precisa de um amor, eu que sempre soube que o

amor romântico era algo à margem das ordens, não pode ser útil, utensílio ou ferramenta. Companhia nas tardes de domingo?”

“Um viva àquelas pessoas que entram em nossas vidas para organizar nada.”

“Um amor de assepsia é o que você quer?”

“Não sei se o amor preenche, mas sempre o comparo com o vento.”

“E ainda misturo as químicas, enxergo no amor as características da paixão, que pode ser curada com fluoxetina de acordo com sensato parecer médico.”

“O amor contemporâneo pode ser interrompido na farmácia de manipulação? Pena que ainda não sabemos precipitar paixões.”

A maioria das outras folhas eram citações sobre estudos que explicavam a chamada química do amor, que como quase tudo era passível de dúvidas, críticas e novos fatos, afinal nem o orbitar dos planetas está seguro, porque o amor estaria?

“A ciência moderna conseguiu provar que o amor romântico causa reações químicas. Quando a pessoa fica apaixonada, seu organismo produz grandes doses de três substâncias: dopamina, norepinefrina e feniletilamina. São anfetaminas naturais que provocam euforia e podem causar dependência. Isso explicaria o comportamento das pessoas incapazes de relacionamentos duradouros. Elas seriam viciadas em paixão. Se o relacionamento permanece, passados

dois ou três anos os amantes começam a produzir endorfina, substância que dá a sensação de calma e tranquilidade. Uma das últimas descobertas na química do amor é a oxitocina. Chamado o hormônio da confiança. Que também estimula e inicia a produção de leite nas mulheres.”

Logo ele que tinha pareceres tão lacrados a respeito de não se apaixonar, até virginiano era.

Olhou todas as folhas e as leu uma por uma, numa ordem que ele encadeou devagar na mesa de carvalho. E logo depois se descobriu talvez apaixonado. E nesse momento a tempestade não começou.

[1] de Melo Neto, João Cabral in “Os Três Mal-Amados”, Obras Completas”, Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A. - 1994, 59 p.

Química

No começo aquele trabalho como diagramadora de embalagens de remédios a inspirou.

Perdia horas escolhendo se Lexxotan Matrix deveria vir com uma ou duas linhas azuis embaixo do nome.

Alterava-se ao escolher ariais. Fontes que oscilavam entre 1,2 até a 16. Nunca mais. Delicadezas farmacológicas. Eliza. Sempre amou sua própria não-necessidade de cópula,

poucos homens a tinham feito sair das trincheiras confortáveis de seu pouco apego ao sexo.

Um mero bocejar químico para doses de endorfina que poderia praticar na ergométrica.

Mas vamos aos fatos, ela era quarentona, ele também.

Ele tinha certa relutância em ser canalha, o que ela gostou. Alberto. Eles praticavam o gosto pela pouca sensualidade. E tinham delícia pela modorra dos pés no chão.

Ele era um dos chefes do laboratório, no setor de vendas. Era casado.

No parco currículo dela, nunca houve um casado. Eles a enojavam. Talvez porque soubesse que seria incapaz de amar um homem a ponto de dividi-lo de antemão.

Que as mulheres dividem homens entre si, isso é fato, corriqueiro como uma aspirina numa caixinha de primeiros socorros.

Mil desculpas ao revisar compostos sem atentar para erros do bioquímico.

Mil cuidados em ser sensata.

Hipersensibilidade à presença dele, principalmente

agora, que descobriram morar em bairros vizinhos. Noturnamente passavam nos caminhos dos motéis, aquelas luzes todas, Sweet Love, mais néons rosa? Hora Marcada.

Certo dia, na altura do Sin Less, ele roçou na perna dela, de vestido de liganette, fluida e severa ao mesmo tempo, riscas de giz.

Ela o olhou abrupta nos olhos e logo estavam dentro de uma suíte, trepando como cachorros, cavalos, e outros bichos que urram.

Ele tinha uma forma toda especial de fazê-la gozar: Onde está minha serotonina, ou: A 5-hidroxitriptamina ou serotonina (5-HT) é uma indolamina produto da hidroxilação e carboxilação do aminoácido L-Triptofano na seguinte seqüência bioquímica: L-Triptofano- L-5OH Triptofano - 5-OHTriptamina ou Serotonina.

A serotonina tem um efeito inibidor da conduta, juntamente com um efeito modulador geral da atividade psíquica. Assim sendo, a 5-HT influi sobre quase todas as funções cerebrais, inibindo-a de forma direta ou estimulando o sistema GABA.

Na verdade, eles se entusiasmaram tanto com a paixão entre flâmulas que decidiram mudar o mundo. Num certo dia, uma quantidade de 120 mil caixas de um famoso antidepressivo saiu com a seguinte bula:

Trepai.

O passado da semana anterior

Nunca pensei claramente em quanto atribuía culpas passadas a quem estava na minha frente no instante do agora. Mas naquele dia o grande cavalo em que eu estava montado subiu sozinho as serras mais íngremes, alheio a minha vontade. Era uma névoa tão espalhada que parecia que algo de nebuloso tinha se entornado de dentro da gente. Semelhante à sopa que meu pai me deu quando eu era criança: “miolos meu filho, para que tenhas coragem de ser inteligente”. Mioslos de vaca. Que parecia sopa de nuvens. E foi exatamente nesse dia de nuvens com seu algodão se desmantelando do céu que decidi não ir de carro à casa de Seu Joaquim. Optei pela montaria e cheguei por volta de meio-dia à casa dos meeiros. Eles faziam sopa e pude sentir o cheiro de miolos que subia pelas paredes e entrava nodoso em minha garganta. Neguei-me a almoçar.

O filho do Seu Joaquim estava sem camisa e pude ver, assombrado, o seu peito com tatuagens imensas, na verdade constrangi-me de olhar simplesmente, sem proferir palavra, e logo falei no tom tímido, mas elevado de minha voz:

-- O que está escrito?

-- O nome de meu pai e o de minha mãe.

Soube que o rapaz tinha hábitos citadinos, falava inglês fluente e precisava de ajuda financeira, em forma de empréstimo, para seguir novamente para Governador Valadares, de onde ganharia o mundo.

Soube que da última vez ele havia consertado com o dinheiro de seu trabalho todas as coisas quebradas na parte das terras que cabia ao pai. Porém, algo em seus olhos me fazia antever que era de sofrimento o que ele havia mandado pintar, construir e que o trabalho na fazenda não lhe conquistava. Era daquela imensidão no olhar dele, de planícies inquietas, que eu adivinhava também o que eu era.

A culpa de ter abandonado meus estudos, me lançado no mundo da jogatina e do supérfluo e o ruminar de que ele não voltaria desta vez me fizeram negar o empréstimo, alegando poucas condições, havia mesmo sido um ano ruim. Naquela semana, especialmente, minha mulher me fizera dar uma festa com vinhos importados o que nem de longe dizimara as minhas economias, mas me parecia uma perda.

Ele assim mesmo partiu, e quando voltou, anos depois, me encontrou devendo a todos os bancos da pequena cidade. Os exageros para manter meu casamento nas palafitas frágeis de seus mais de doze anos não tinham sido o bastante. Vestidos de seda e felicidades fáceis ficam puídos com o tempo, esgarçam e voltam à condição de trapos assim que passam seus ares de novidade, seus cheiros de novo nas caixas com fitas e logotipos foscamente elegantes.

Era sua hora de me conceder um empréstimo. Só naquele momento soube que ele havia sido preso injustamente na viagem, exatamente por seus poucos recursos em conseguir justiça paga, a única que presta no mundo inteiro, até naquelas terras estrangeiras.

Ele me perdoou. Emprestou-me o dinheiro que logo se converteu em mais terras. Dele.

Minha filha, já com dezenove anos, viu as tatuagens imensas do rapaz, que eu tenho de admitir: era de tal presença forte que me fazia ficar à espreita, afiado e a espera de alguma decepção.

A melancolia, por sua vez, permanecia em seus olhos, ainda mais adornada por suas convicções fortes e serenas:

--Vamos plantar nozes raras, criar rãs e cultivar madeira para a venda.

Alguns espécimes de árvores demorariam dez anos para erguerem-se fortes, outros, cem anos.

--Vou batizar a todos com o nome de sua filha, e, assim, de seus netos.

O que fui no passado não era este que estava à minha frente, minha filha casou-se com ele e hoje sobrevôo essas árvores por cima, no alto. E ainda vejo a serenidade que insisti em não olhar, por medo de meu próprio passado. Eu peço desculpas a ele como peço perdão por minha própria frivolidade, faço chover desse modo.

Um teto todo meu

No ensaio *Um teto todo seu*, Virginia Woolf estabelece limites e sugere posturas para a mulher que escreve e como o próprio título já entrega, ela coloca como prioridade que a moça escrevinhadora tenha um lugar só dela, de preferência com uma janela que se abra para uma frondosa árvore.

Estou em busca deste lugar. Voltei para Vitória há cerca de doze meses, morei por cinco anos no Rio de Janeiro, mas um dia a Ilha me convocou e vim. E assim que cheguei, o convite para escrever neste espaço deu teto para meus textos, teto com janelas, que são os olhos de leitores como você.

Mas escritores ou iniciações de escritores como eu são pessoas sem horário comercial definido, pude comprovar lendo algumas biografias e ao conversar com alguns exemplares. A maioria anda pela casa de madrugada ao brigar com as palavras que suspensas pela indecisão se avolumam e nos seduzem, uma a uma.

E há outras complicações: Ligia Fagundes Telles falou numa entrevista que trabalha toda arrumada e maquiada, como, aliás, sempre se apresenta a grande dama, sem dúvida uma de minhas favoritas. Porém, eu não sou uma dama de tão alta estirpe, e às vezes escrevo o dia inteiro de pijamas.

E nem aposto que a qualidade de meu texto se apruma quando uso uma indumentária mais apresentável,

e para a crônica e para a poesia gosto de estar entregue. O romance, escrevo de vestidos largos de ficar em casa, e para textos profissionais, de redatora publicitária, uso roupas de escritório.

Além de tudo, tenho este olhar vago, essa alergia a barulhos, nunca ligo a TV e até mesmo a filmes vejo pouquíssimo, prefiro cinema. E sim, a rua me atrai, com as pessoas e suas histórias de não-amor, meu tema maior, e as histórias de fora, despropósitos, mulheres que terminam relações e querem voltar para ex-namorados que estão já com outras mulheres, pessoas que encontram seus cônjuges na cama com desconhecidos, tudo isso seria impossível de viver em casa, ou lendo, por isso sou da geração que, como a pesquisadora Beatriz Resende falou, usa a cidade como personagem. Pelo menos histórias íntimas dos moradores anônimos desta cidade. E amo lugares duvidosos, escuros e com músicas clássicas do abandono.

Por isso sou difícil de morar junto e para tudo tenho justificativa, porque ainda ordeno minhas palavras organizadamente. E como escrever é escolher palavras, morar é decisão por vizinhanças e climas. Estou entre Jardim da Penha, Bairro República, Jabour, Fradinhos, Bairro de Lourdes, Goiabeiras, Maruípe, Praia do Canto e tantos outros.

Sou ainda mais integrante da cidade quando estou a decidir o lugar depositário de minha esperança de viver. E tenho descoberto que essa ilha está em franca construção.

Barulhos de obras, casas que caem e viram prédios,

peessoas que chegam e outras que partem, sem vagas para garagem em tantos prédios que previam estudantes e agora têm famílias que se agrupam.

Uma cidade em franca vida. Se São Paulo é uma dama antiga, o Rio é uma mulher, Vitória seria uma jovem? Com suas novas buscas de estruturas e definições? De qualquer idade e sem sotaque, essa moça passa mutante ante meus olhos, que a querem. Essa vida compacta de afagar a paisagem porque tudo é tão perto. Procurar uma casa é mesmo como procurar a si mesmo.

Um país de homens e livros adulterados

É domingo nublado de eleições e este nosso Brasil me esvazia, como se minha alma fosse feita de um lápis e as ruas do meu bairro a apagassem aos poucos. Fui cumprir obrigações da democracia, uma contradição, em termos. Exatamente na esquina do clube onde fui votar, um mendigo de sexo e idade indefinidos, dormia. Ele (ou ela) tinha no chão sua cama e travesseiro, amaciando as pedras irregulares com seu corpo aparentemente magro. Tudo estava encoberto pela manta puída de um laranja ironicamente alegre. Menos seus pés claros com manchas de uma cor roxa que ainda não consegui apagar de minha memória.

Nada diferente de ontem: ao comprar um pastel de queijo na feira, eu ouvi meninos que me pediam para ser mãe, pari-los ao meio-dia com uma nota amassada de um real. E senti a vergonha do medo pequeno burguês da minha bolsa ser arrancada por um sorriso. No dia anterior ao sábado houve a atrocidade com o filho da Judith, ela que vinha às terças-feiras e aos sábados limpar a casa de nosso cotidiano. Dizem que seu filho morreu porque "mexia com drogas", talvez sim, talvez não. Boatos como folhas de um jornal invisível tecido no vento e nos sussurros do medo, vindo de onde não chegam as notícias, só saem.

O que eu tenho certeza é que Judith tinha os cabelos sempre presos em coque e só usava roupas lisas, uma senhora discreta e com a serenidade do seu trabalho em completo silêncio. Gostaria de discordar do reclame que afirma que a elegância independe de classes, porque gostaria de propor justamente a

lembrança às diferenças, mas Judith me fez saber que mesmo ao ganhar por dois dias de trabalho por semana, em cada casa de família, duzentos reais por mês, mantém sua boa combinação de tom de voz, gestos e sorrisos. Sem carteira, sem verdades que não: “se forem três dias vira vínculo empregatício”. E era aparentemente feliz, mesmo que houvesse a constatação de que não podemos arcar mesmo com vínculos. Não se pode arcar com quase nada e nem assumir que se vota nulo: “mas a senhora tão esclarecida como pode ter votado nulo?”.

Os sentimentos de não-confiança de quem votou nulo devem ser tão grandes que sequer comportavam a possibilidade de se rever o processo eleitoral. Este sentimento é o extremo, reflexo de algo que não pode ser medido em pedaços, algo que somente existe ou não existe: a esperança.

A esperança é a menos abstrata das abstrações, além de ser o nome do inseto que cantava surdamente em minha infância, pode-se quase senti-la em olhos, em perspectivas, mas somente em quem tem um estômago repleto de prováveis nutrientes. Aquele mendigo na esquina do clube, ali perto da praia, me parecia uma profecia, espero que não.

Não sei por que lembrei da frase de Monteiro Lobato: “um país se faz de homens e livros”. E lembrei de tudo que se adultera neste país em nome de interesses de uma conta bancária melhor provida, de um carro novo, de ternos bem cortados, ômega 3, beta caroteno, vinhos, lipoaspirações, narizes novos, jóias e quase nunca educação. Livros são comprados a metro,

quando são. O que me faz crer que não há mais livros
que sejam realmente relevantes, parecem
todos de isopor e combinam com suas estantes
caríssimas.

Talvez não haja sequer verdades que sejam enaltecidas
e a poesia soa ridícula perto de meninos que cheiram a
terebintina, perto dos preços nos supermercados, dos
absurdos dos salários e do não-pagamento de horas
extras que agüentamos quietos com receio de perder
empregos e de não pagarmos o aluguel.

Um mendigo dormindo no dia 29 de outubro de 2006,
no meio da rua, me tirou o sono, e parecia rir, sem
dentes, de minha esperança escondida. E o mais
incrível é que me surpreendi.

Crônica em pedaços de mares

Eu deveria tentar entender o porquê daquela mulher aposentada ter posto fogo às vestes daquela senhora numa calçada de um de nossos grandes centros. E o nome daquela cidade não digo, porque seria mais uma cicatriz no mar de gente que mora naquela capital e está na hora de parar de pensar que o quintal do próximo é mais violento do que o nosso.

Ou deveria reclamar de que começou na segunda mais um festival. E que este, ao contrário de ocupar mais de uma agenda no mesmo dia, ambas com o mesmo peso, estende as atrações uma por uma, por toda a semana, comprimindo pessoas em filas quase expostas nas ruas. E temos tantos espaços perfeitos para novos cinemas e tantos cinemas que poderiam participar da mostra. Mas somos fechados em nossas ilhotas.

Eu deveria ainda entender porque os bailes daquela parte aterrada da Ilha andam tão enfadonhos, nossa corte de ferro cada vez mais escondida no material de que é feita, ainda mais sorrateira em audiências populares para as quais eu não vejo, não leio e não ouço convites.

E ainda deveria lembrar que na década de setenta a população impediu que o final da praia de Camburi abrigasse um estaleiro de reparos de navios, e perguntar ainda se agora nos mobilizaríamos para tanto, creio que não.

Mas o dia amanheceu calmo e eu regressei à minha infância, lembrei daquele animal marrom acinzentado, de proporções que ocupavam um pedaço a ser visto de longe de uma das praias de minhas memórias: Guriri.

Havia algo de assombroso e terno naquele animal, depois disseram que ele era de períodos remotos, que ficara congelado e ao sabor dos mares havia chegado até aquelas águas quentes.

Não sei por que inventei de lembrar desta minha vida distante, que o ofício de tentar ser cronista tem esses pormenores, acende as coisas já vistas com olhos do que poderá ser narrado, enfim.

Sei que hoje decido estranha semelhança entre um amor e aquela espécie de baleia: vindo do mesmo mar em que eu me banho, misterioso que mete medo e ainda insondável, ancestral. Eu, que geralmente poupo a você, leitor, de meus adjetivos, exploro ao máximo essa pobreza de estilo para dizer que acordei com um amor tão intenso, doce, amargo e quase esquecido como aquele imenso mamífero prostrado no dia nublado da minha praia distante. E desejo o mesmo a você.

CRONQUINHAS

A morte deliciosa

Há tanto tempo tem insônia que em seu reino é proibido apagar as luzes à noite.
A casa toda acesa quanto seus olhos de um castanho estranho, último papel do bombom.
Permeia as paredes com conversas mudas, folheia álbuns de fotografias, se deprime ao nascer do sol.

Um dia acorda e dá de cara... Sim. Acorda. Até para quem tem insônia, a noite é uma espécie de sono.
Acorda e dá de cara com seu rosto no mesmo espelho que seu avô tinha se olhado pela última vez antes de morrer. Então pegou um pouco dessa pré-morte.
E agora sempre, antes de se deitar, passarinho, vai até ao espelho e dorme como um morto.

A livraria

Ficou ali, numa cadeira laranja dos irmãos Campana, perto da porta.

O esperava lendo Raduan Nassar. Um copo de cólera.
Um cálice de drambuie.
Terminou todo o livro, havia feito em São Paulo um curso de leitura dinâmica de utilização dos dois

hemisférios do cérebro.
Então cismou de olhar os homens.
Até porque esperava por um.
Mas olhou-os como se os amasse.
Olhou cada um como se estivesse tentando ver pela primeira vez um antigo amante.
Olhou cada desconhecido tentando adivinhar o susto de observar, com olhos imparciais, seu namorado de tanto tempo.
Olhou pensando em tentar ver cada um deles como apenas homem. Com suas expressões: um com um sorriso forçado, tentando parecer sorrindo, na verdade com medo dos livros; outro com o filho, usando a carinha e o tatibitate da criança para se aproximar das vendedoras; aquele de nariz adunco, empostado, em seu papel de intelectual, não se sabe se intelectual por ser adunco, ou adunco por ser intelectual...

Ao final, esqueceu-se de quem esperava. Foi embora com o livro.

Das perdas de um amor

Ele tocou em apenas um ponto seu. Na agenda.
Quando esteve com ele, ela perdeu quatro grandes exposições de arte.
Duas lindas declamações de poesia marginal cibernética.
Um lançamento de livro.
Um jantar degustação com um chefe do Daniel's.
E algumas aulas de yoga e outras de musculação.
E de tudo que ele fez. Depois de ir embora da vida dela.
No *score* de um mês.
Ela isso que ela contabilizava, realmente, como perda.

Manual de procedimentos para ser menos intenso

Uma vez li a crônica “Receita de domingo”, de Paulo Mendes Campos, e me surpreendi com a facilidade com que este texto se fixou em mim. Uma das passagens que sempre me lembro é a sugestão para que deixemos as cortinas abertas, para que no domingo acordemos com a claridade natural. Um dos filmes que mais gostei no nosso festival de cinema também era um manual, então passei a semana a pensar qual cartilha seria útil para mim. Pensei enquanto entrava no Glória, pensei em meio aos filmes, pensei ao ir para casa, e enquanto caminhava, pensei em meio às cervejas pós-filmes. Então vi certo olhar de um ser que perambula pelos mesmos lugares que eu e descobri: queria ser menos intensa e desfazer numa água qualquer este incêndio no meu lado esquerdo da caixa torácica. Ser intenso é viver suspenso com sentimentos ventríloquos que nos fazem de marionete, que nos fazem de insônia. Sim, quase nunca pessoas leves são insones. As rasas, então, dormem como uma pelúcia. Mas isso pode ser ao contrário, tudo pode ser ao contrário. Intensos costumam amar desajeitadamente, trabalhar em demasia e quando dançam, o fazem engraçado e muito.

Daí surgiram os primeiros tópicos *do Manual para ser muito menos intenso*. Que deve continuar em alguma próxima crônica, já que gastei grande parte deste meu espaço a explicar. Intensos costumam ser faladores, ou caladões convictos, me enquadro na primeira categoria. Adoraria sugestões de vocês, que podem sempre usar os e-mails, se têm receio de falar:

escreva.

1) Sempre nos é permitido ser intensamente leves.

Rir e não levar-se a sério, menos em velórios, mas pode tentá-lo em filas de banco, em pontos de ônibus, em engarrafamentos na Fernando Ferrari, na hora da briga com o seu par.

2) Saia à noite para um bar no bairro que você nunca foi, olhe as pessoas como velhas conhecidas, converse com o cara detrás do balcão, coma os ovos coloridos.

3) Ria de si mesmo, apareça mais ao espelho com sua touca de banho. Tente usar esta indumentária para o ser amado.

4) Desapareça, conte que seu celular caiu na água, que você teve uma gripe oriunda de extraterrestres que foram dissecados pela NASA, e, portanto, teve que faltar a todos os compromissos.

5) Coma a fruta que te lembra a infância. A minha seria um cajá robusto, que percebi somente ontem, ao olhar para o alto, fruto da árvore de um dos meus restaurantes preferidos. Fiquei feliz por dias com esta descoberta. Esqueça sua infância como ela foi e lembre-se do que você imaginava que ela seria. Olhe mais para o céu e não somente para ver se vem chuva.

6) Naquela festa, quando te perguntarem "como a vida vai te tratando?" responda: "bem, obrigado". Mesmo que ao responder "bem" você saiba que está sendo simplesmente obrigado.

7) Ao se queixar de dores saiba que está alimentando as mesmas, dores se nutrem de muxoxos, procure acupuntura, caminhadas na areia, água em copos coloridos, chás de cidreiras e quaisquer que sejam as indicações de saúde mais leves, creia nelas como verdade absoluta.

8) Não creia em verdades absolutas, mas creia em

absolutos dias de chuva ou de sol, como inscrições do tempo em sua epiderme dos dias.

9) Tente pensar a frase de Paulo César Peréio:

“desculpe-me, mas eu não tenho culpa de nada” * com parcimônia, mas pense e por vezes, fale.

10) Compre uma bicicleta, ou tire a ferrugem da sua. Arrume um cão para levar ao passeio, declare seu amor de supetão e depois retire o que disse, se a pessoa em questão correr. Tire a ferrugem dos sentimentos calados, eles acontecem na maresia da timidez. Enforque a timidez na árvore de ser ridículo. Ridículos são os que nunca confessam o crime do desejo.

* Frase escrita de lembrança por mim, já que ainda estou sem o livro “Por que se mete, porra? - Delicadezas de Paulo César Peréio”, com projeto gráfico da artista plástica Pinky Wainer, Editora do Bispo, lançado no Vitória Cine Vídeo.

O amor favorito

Ele me chamava de nomes estranhos a meu vocabulário, era assim que brigávamos. Descobri, após alguns meses, que eram nomes retirados de seus dicionários, ele colecionava estes livros imensos e tão pesados que dobravam meus pulsos finos de então. Mesmo assim, nestes livros, não cabem todas as coisas. Eu ouvia que era estulta, e me surpreendia procurando a palavra em vão. Nos lábios dele tudo tinha outro significado, tão diverso e menos feio que o lido na cabeceira da mesa grande de trabalho, onde o mar nos mirava dia após dia.

Ele gostava de cães e gatos. Dizia que contar com o amor dos humanos era precário, humanos eram instáveis. Como eu. Tínhamos como cachorros Gogol, Shandy e a cadela Rosa, a branca gata Clarice e o negro angorá: Osman. E tinha gaiolas vazias. Falava que era uma forma de não ter pássaros para si, mas lembrar que eles existiam. Nossa casa no alto do morro de onde víamos o mar era assim, repleta de gaiolas, e ao redor um verde cheio de pequenas flores que cresciam como praga, eu nunca lhes soube o nome, eram pequenas e vazias de outro sentido que não os de viver e enfeitar.

Era, claro, uma casa de férias, numa praia perto daquela capital. Era como se morássemos juntos apenas nos finais de semana, feriados e em certas tardes comuns de quarta em que enlouquecíamos. Então nosso relacionamento era uma espécie de divertimento. Talvez perdurasse muito assim, mas decidimos quase sempre fazer as coisas não durarem,

declaramos sua extinção como que em meio a um incêndio, viver tudo de súbito para que se estilhace em pedaços bem pequenos que não cortam, temos corações de duralex.

Então nos afastamos como forma de manter o fio que nos unia. O laço que à distância é elo frágil, mas bem perto ele cai no chão e se emaranha em nossos pés e tropeços. O cotidiano desgasta as coisas, somos vasilhames de uma porcelana que arranha?

Lembro dele quando faz tanto calor como nestes dias, de sua vontade que eu escrevesse mais, de sua coleção de frases feitas para ocasiões variadas. Ensinou-me a comer coisas que jamais suspeitei de que gostaria: ostras na praia, as unhas sujas do homem com sua faca, do limão e dos interiores de isopor cheio de marcas destas ostras. Pratos indianos, ou falsamente indianos, frangos com mangas e bebidas agudas, em meio a tudo isso eu crescia e todos os sabores não são mais meus favoritos, mas como não senti-los em dias e noites de tal calor?

P.s.: vocês que responderam com sugestões para o “Manual de procedimentos para sermos menos intensos” aguardem a próxima crônica, retomarei o assunto.

Correio sentimental anônimo

Vou escrever assim, feito um diário decomposto. Desses do tipo que você abre o peixe e as espinhas saem inteiras. Pena que as vísceras apareçam de chofre. Uma das coisas melhores e menores de estar longe de você: estar longe. Não compactuar com suas verdades pequenas, escondidas entre trejeitos. Eu queria tanto amar o que passou, apenas porque amar o que passou seria amar o que eu fui. Ao contrário, eu odeio e depois esqueço. Traíras são peixes onde se retiram espinhas com pinças.

Penso em distâncias e pormenores das separações dos outros. Entre as cortinas laranja, uma cidade compacta como as linhas da minha mão. A sensação de estar sempre deitada nessa cama de dossel que é Vitória, longe dos jogos e dos eixos. Consigo enfim voltar ao meu romance (o livro) e compro uma bicicleta. E pedalo. Imagino que toda separação necessita deste fim da admiração, por isso os casais inventam formas de se odiarem, se falam mal mutuamente, mesmo que seja (ah, os discursos da classe média) no analista. Dois no caso, o meu e o seu.

E isso parece não mais importar quando eu vejo alguma fagulha ainda acesa sobre a tampa já fechada. Frutas na geladeira, roupas novas em azuis, nova cor de cabelo, novo peso na balança, objetos pairando inertes nas sombras que o sol escalda.

É absolutamente verão por aqui e penso que eu deveria ter um romance desta estação. Parar com o Naftalinas e escrever um lindo livro de verão. Quem foi que pensou em casos com surfistas? Falo do romance gênero, assunto que me poupou de passar em um mestrado.

Cerveja combina com tudo aqui, mais perto da Bahia que de São Paulo. As horas se espreguiçam na castanheira do quintal. E escrever para vocês me lembra meu passeio no MASP, ano retrasado: olhar os Renoir e me sentir vigiada em cada passo, enquanto imagino um estilete em meu bolso.

Para amar tanto é necessário odiar mais ainda em cada final. E tornar-se amigo só é permitido aos casais que se amaram mais ainda que nós ou muito menos. Fomos tão voláteis.

Durma bem pensando que perco a noção do ridículo e que teço essa história para outro, não para você. Tenho tantos amores que pensei em pedir um novo no réveillon, um ano com cheiro de livro novo para todos nós e que os plurais não nos causem estranheza, assim como a soma e a divisão.

Que as antuérpias e bilbaos sejam mais que nomes estranhos num mapa-múndi da memória rarefeita do que não vivemos. Que eu fume menos, para seu prazer. Que consiga ser uma “ex” melhor, uma atual mais saciada, uma mulher de voz calma e com alma leve sem ostentar isso rudemente, que o mundo estranha esse inefável.

Construir coisas perenes com a inexatidão de quem pensa que o castelo vai cair, de cartas. E lembrar que

amar é mesmo apenas uma réstia deste sol imenso que é a vida. Eu estava pedalando agora e pensando nisso, descubro que escrevo mais depois de pedalar do que depois de beber. Vou nadar, então, e fazer hidroginástica, e ainda comer mais folhas, volta e meia um porre de uísque com gelo de água de coco, sou herege e daí?

Tenho músicas novas para ouvir e provavelmente passarei o ano novo em Portugal. Tenho ainda um ou dois sonhos destes sonhos de verdade, com os olhos fechados e travesseiros, que espero realizar. Você tem algum? Não? Então anda dormindo pouco ou comendo só proteínas à noite...Cuidado, isso emagrece os sonhos.

Por uma vida menos ordinária

As crianças que nascem acidentalmente, mesmo quando os futuros pais estão previamente protegidos, descobrem logo que a vida é inesperada. Claro que sabem disso apenas antes de aprenderem qualquer outra coisa, no tempo em que têm moleira ou quando colocamos pequenos pedaços de linhas vermelhas amarradas em suas frentes, para afastar-lhes soluços.

A mulher que veio embora da cidade ex-maravilhosa, agora vê o ex-amor todos os dias, no mesmo horário, na mesma novela das sete. E ele, que agora estampa várias estantes de salas anônimas com seus traços muito melhores pessoalmente, também sabe que a vida é inesperada.

Os amigos que foram embora e percebem que amam novamente este Estado cáldo e querem secretamente voltar, mas não admitem, também sabem que é tudo assim mesmo, insondável.

Os olhos de um cachorro cego, na foto suja de lama de um casebre no Capão Redondo, também parecem dizer que a vida é inesperada.

Quanto àquele senhor, o pequeno furo na melhor calça de linho o faz lembrar do dia em que conheceu a avó dos seus netos, no casamento chato do melhor amigo, quando esta mesma calça ainda integrava um terno, e isso faz com que reflita sobre como a vida é exemplarmente inesperada.

Por não nos pertencer plenamente há este inesperado da vida. E exatamente por ser inesperada ela somente cabe em nossas escolhas. E ao Deus das pequenas coisas.

Dobrar uma esquina e começar tudo de novo. Apaixonar-se na banca de revistas ao descobrir, enfim, quem é a moça que compra todos os meses o outro exemplar da sua revista favorita e tão rara.

Sonhar com um olhar e cruzar com ele numa esquina da Paulista.

Esperar o inesperado então, e por mais contraditório que isso possa parecer esta espera preenche mesmo, que seja do nada que é o surgir do inédito, dos novos e mesmos sonhos, a cada improvável manhã.

Trivialidades

Dedicada a A.C.G.

No começo discutíamos trivialidades. Ele elogiou o cheiro de chuva em Vitória. Eu falei que o cheiro da chuva na verdade era odor de ozônio e não da terra molhada, como sempre imaginamos saber. Em troca ele acabou com minhas ilusões sobre o azul do céu, explicou tudo de maneira tão científica que nunca mais vi nuvens da mesma forma algodoadas, macia e tantos outros adjetivos que eu tinha guardado só para elas. Brigávamos por qualquer motivo, o puro exercício da verve e do cinismo. Sobre a cor da xícara, sobre a postura que eu deveria usar com determinados clientes, sobre política. Ele era de direita a despeito de dizer que a esquerda nem mais existia. Eram meses de tango constante e eu sabia como os tangos terminariam. Mas mudei de idéia com o espetáculo Lecuona do Grupo Corpo. Qual não foi minha surpresa ao ver o par de dois (posso chamar *pas de deux* assim?) que mostra a mulher inclinando o homem, com tanta graça e feminilidade, num vestido longo de um vermelho óbvio. Mas nesta vida com passagens rápidas para a próxima cena (posso chamar *fast forward* assim?) há momentos em que temos de ser óbvios. Como nós dois. Era a clássica história chavão de tantos filmes românticos: ele me odiava eu implicava com ele. Eu era mais alta e mais rotunda que o seu padrão e ele ainda implicava, sabiamente confesso, com meu cigarro. E ainda mandava que eu fosse mais sucinta e objetiva. Ensinou-me que justamente por sermos, nós, do sexo feminino, criticadas pela nossa variação de humor,

não devemos nunca nos esquecer de manter-nos sob controle, quietas e sóbrias ao ouvir piadas machistas. Pontos para ele. Eu aprendi. Será que está certo? E comecei a aprender demais. A quase ter carinho pela forma como nossas discussões pareciam cada vez mais as de um casal na estrada, tentando achar uma casa, uma palhoça, uma pousada ou um chalé numa praia num interior da Bahia. Quando inevitavelmente descobrimos que nossa energia estava sendo desviada de um centro para outro e não posso ser óbvia agora, há crianças lendo.

O amor tinha a casa de praia, numa estrada fácil de achar. Um dia eles brigaram mais ásperos e ele apareceu na portaria do prédio onde ela morava num quarto na casa da tia. Ele trazia a filha, a prova quase antiética de que a coisa era para valer. O mais prosaico de tudo, por mais que a palavra prosaico lembre um antidepressivo, foi que eles não terminaram juntos. Ele tinha uma filha de cinco anos, uma ex-mulher que era mais antiga que a nossa heroína que por mais que tentasse pertencer a um filme de Fellini era mesmo uma mocinha de Nancy Meyers, a roteirista, produtora e diretora de “O amor não tira férias”. E ela descobriu que ainda gostava de histórias com finais infelizes, herança de um ou outro Bergman, alguns Almodóviles, de Romeu e Julieta e principalmente do livro de Emily Brönte: *O morro dos ventos uivantes*.

Mas nem tudo está perdido, apesar de todas essas referências ela foi vista vendo a obra completa de Nancy Meyers neste fim de semana e ainda leu Jane Austen, explico: ela quer acreditar.

Ela me visitou hoje, tomamos um vinho branco à

velha moda da década de oitenta, quase cafona em sua cor que traz menos daquelas substâncias de nomes esnobes que evitam o envelhecer: esta arte nada esnobe que é amadurecer e cair de leve. De leve como a vida da moça, minha amiga e personagem, que decidiu mais uma vez se aventurar numa história nova em folha, ou nova em e-mails, vá lá que estamos em 2007, dizem. Porque o amor, a paixão, ou seja lá o que isso vai virar, serve mesmo como um ponto de fuga, um refresco interno, um lugar para onde podemos sempre fugir no meio do dia, e se tivermos sorte e paciência, e cuidados com o outro conosco, poderemos fugir para o amor também no fim do dia: creiamos.

Onde não haveria uma crônica

Sei que aqui é lugar de ser leve, e que estamos convocados na crônica a narrar o pessoal e o próximo e ainda lembro que quando me convidaram, pediram para que eu falasse de amor.

Mas o João está em todos os meus olhares. Não vi o Fantástico domingo, evitei por dois dias ler a notícia que me acenava e era imediatamente bloqueada nos sites e jornais: eu mudava de página, entrava em outro link, mas em algum momento, sucumbi. Era uma sexta-feira em que eu acordara imensamente feliz, sem motivo algum como é de fato e de direito das felicidades enormes, e o João atravessou na minha frente e eu senti que era carioca antes de ser brasileira, porque sou capixaba, mas estou sempre ao lado da cidade onde publicaram meu primeiro livro, onde os jornais me deram janelinhas, onde eu tanto aprendi a conversar em ponto de ônibus quanto a desconfiar. Só que não é somente do Rio o problema e nem da maioria ou não dos assassinos do João. Entre outras dores, tenho receio de que ele deixe de ser uma criança e torne-se somente uma espécie de mártir longínquo e irreal de uma nova religião. Nunca a mesma religião que impede a distribuição de pílulas nas favelas do Rio, ou daquela outra que fala que camisinha é pecado, mas uma religião que nos narcotiza cada vez mais, nos faz ser convocados, como disse Viviane Mosé, a recomendar, ou nos propõe “um minuto de reflexão”. Sim, admito que vi trechos do Fantástico, mas na tela pequena da Internet, talvez nem um terço de todo o programa. Sei que as favelas no Rio interagem com a riqueza da Zona Sul, sei que nos sentimos mais seguros em quase todas as

idades do Brasil do que no Rio de Janeiro, sei que o último governo daquele Estado merece grande parcela da culpa, mas sei que nós, que amamos o Rio de Janeiro, temos de nos solidarizar e lembrar que nosso telhado é de vidro. Estatisticamente não estamos tão bonitos assim e somos geograficamente mais aptos a ter desigualdades sanadas do que o Rio. E mais: sei que não quero pensar em civilização, em barbárie, em condição humana e coisas filosóficas, quero que eles peguem mais de oitenta anos de cadeia cada um, só isso me faria achar novamente que este mundo tenta ser justo. E que nós, humanos, ainda tentamos frear nossos instintos cruéis. Como aquele psiquiatra falou na TV, realmente não somos anjos caídos, mas o João era. Ele sim era menor de idade, tinha apenas seis anos. Seis anos. Soube que populares falaram que ouviram os assassinos gritarem de dentro do carro que João Hélio era "o boneco de Judas deles". Isso eu achei em minha busca, de soslaio, com olhos embaçados e embasbacados, porque ainda não consigo entender e já que não podemos extinguir parte da humanidade (até porque não temos mecanismos que comprovem com segurança qual parte merece ficar, qual merece ir, e ainda se de fato é melhor ir ou ficar) devemos ao menos tentar parar de nascer tão desenfreadamente. E estas palavras talvez não deveriam ter nascido, são em vão, hoje perco o sentido, pela primeira vez sinto que aqui deveria existir um espaço de luto, um retângulo escuro e essa borra que me toma a alma se mostraria completa, hoje simplesmente não há palavras.

Água-de-coco

Da confusão do carnaval eu lembro de minha primeira fantasia, de baiana. Uma baiana desenhada por uma tia e costurada pela minha avó paterna. Havia pulseirinhas prateadas e o tecido, se não me falha a memória, era branco, quase um tecido cru, semelhante ao usado para panos de chão. Não sei se porque me marcou muito, ou se faço uma espécie de regressão autorizada quando escrevo, eu lembro também do que senti. Lembro de ter sido uma criança mal-humorada, neste dia especialmente.

Ao observar alguns coleguinhas no salão, não entendi sua superlativa felicidade. Fiquei ressabiada e surpresa com uma bailarina toda rosa que me perguntou por que eu não pulava. E em algum momento me juntei ao bloco dos tímidos e integramos uma nova ala, quase uma profecia do que seria minha vida dali por diante.

O carnaval sempre foi um assombro para mim. Igualmente nas ocasiões em que me isolei e quando me misturei à multidão. Entendo o carnaval como o sintoma que o precede: uma imensa ressaca. E essa é uma crônica sobre ressacas. E sobre como cuidar delas, a primeira receita contra ressaca é simples: não abusar de nenhuma bebida alcoólica.

Dizem que misturar destilados com fermentados não interfere em nada, porque para o fígado álcool é álcool, ele sequer diferencia uísque nacional de escocês. O fígado é incorruptível. Não é sensível ao que gastamos.

Porém, algumas bebidas de má procedência trazem outros venenos além do álcool (metanol é um deles, ou quem sabe, iodo).

Então, mesmo sem as obsessões com grifes ou com o “bouquet” no vinho, realmente importa a qualidade da bebida. Eu desconfio da fermentação da cerveja nacional há muito tempo, desde que uma amiga me alertou que a indústria se propõe a fazer exatamente o que vai vendendo, conforme a demanda. Não há tempo para uma fermentação natural e requintes de preciosismo. Desconfio tanto que todos os verões eu provo várias cervejas, para descobrir qual de fato tem o melhor sabor, e a melhor qualidade no dia seguinte, quando de fato se conhece uma boa bebida.

Há muito aprendi que o álcool resseca nosso organismo, por isso esqueça dietas ao beber, vá de gordurinhas, sem exageros, claro, um queijo, um bom queijo sempre ajuda a gente a viver e pastéis, definitivamente, pastéis.

Mas o método James Bond também é ótimo: alternar bebida com água, no caso dele eram destilados. Sempre tome muita água e não enferruja, é exatamente o contrário. Além de confessar que tenho ressacas, ou seja, que ingiro bebidas alcoólicas, mesmo conhecendo as regras, mas com dissoluto prazer em quebrá-las, ainda confesso que gosto, eventualmente, de coisas fortes. Aliás, as antigas “bebidas de mulher”, que eram doces e fracas, não são mais chamadas assim, mulheres tomam vodka pela elegância do odor, pelas baixas calorias e oras, pela rapidez do efeito desinibidor.

Sei que pensando em vias mais sensatas, a verdade mais coerente não é o “in vino veritas”, expressão latina que nos lembra que o álcool nos torna espontâneos. Prefiro um provérbio que, de acordo com um dos mais completos estudos sobre alcoolismo, do doutor George Vaillant, diz que “primeiro o homem toma uma bebida, e depois a bebida toma o homem”.

De qualquer forma, falemos do agora. Você que bebeu, abusou em nome do carnaval e preferia um quarto escuro e muita água, mas tem um dia inteiro, ou uma tarde, pela frente e para meu alento, está lendo esta crônica maltrapilha, desejo que esqueça a culpa. Essa, sim, a maior causadora de ressacas monumentais. Sei que você deve ter prometido nunca mais beber nada que tenha o éter malogrado, culpado pela deterioração de tantos lares, mas vamos ser leves e pensar que, apesar de tudo, estamos no Espírito Santo, e deve, eu posso apostar que sim, ter alguma forma de conseguir uma bucólica água-de-coco.

A despeito da existência de diversos refrigerantes, remédios, e estes coloridos e fantásticos repositores de hidratação em nossos corpos, que no fundo nem sei do que são feitos, existe e quase sempre existiu a água-de-coco. O que me faz, insensatamente, ter uma epifania, herege talvez, mas confesso: no mesmo mundo existem o álcool e a água-de-coco, o que me faz achar que o Criador pensou no dia seguinte.

Crônica em forma de abraço

Dedicada a Jean R.

Estávamos na manhã sonolenta de uma terça de carnaval. A casa de campo por si só mereceria uma crônica inteira. Construída na década de setenta, quando mal se ouvia falar em proteção ambiental, toda de madeiras nobres e com objetos típicos daquela época. Acolhedora, seria a palavra. E já tenho um quarto predileto lá, onde durmo lautamente, numa cama que não tem dossel, mas é como se. Temperatura agradável e escuridão completa, como devem ser os quartos de dormir. Eis que um celular toca seu absurdo *ringtone* feliz. Eu, com meu sono atento, de canceriana sempre a postos, ouvi o telefone e, sem pesar regras de bom tom quando uma casa inteira dorme, levei o aparelhinho ao dono, também canceriano, que não dormia, via um filme.

Volto para o escuro do quarto e ouço a voz do canceriano querido me chamar, havia um tom de urgência. Ele gritou em voz baixa, e sempre que percebo alguém gritando em quase sussurro, preparo-me para o pior: seu ex-amor havia partido de forma brusca, no alado do trânsito que nos leva e nos traz, precipitando-se, assim, por vezes. Provavelmente, a partir desta percepção alarmista do trânsito não dirijo: como é possível que uma série de seres humanos dentro de bólidos pesados com força para matar, organizados por setas, marcações no chão, apitos e sinais, saíam ilesos?

Acho realmente incrível. Meu amigo chorava ladeado

pelas janelas, um dia verde já se ia alto, as montanhas todas pareciam compactuar com o seu choque, que virou pesar, que se tornou letargia e silêncio. E eu que devo falar muito mais que a média de dez mil palavras por dia atribuídas às mulheres, me calei e fiz a única coisa que se faz numa hora dessas: abracei o amigo. E ainda tive a capacidade de lembrar de um dos meus filmes favoritos deste ano, possivelmente, de toda a minha vida: "Little Miss Sunshine".

O filme, a morte do jovem amor de meu amigo (ex-amor quando morre torna-se quase amor de novo) me fazem pensar: sabemos todos que vamos morrer, evitamos o assunto, nós, os fumantes inveterados, os praticantes do esporte radical que é dirigir, os comedores de betacaroteno, os bebedores de flavonóides. Evitamos todos pensar na senhora de preto. Eu mesma achei por bem, muitas vezes, não sofrer por antecipação, não criar alucinações com o "e se eu morresse amanhã?", terei feito tudo o que tinha de fazer? Nem concluí meu romance, não vivi um grande amor que me levasse ao outro esporte radical: morar junto. Não conheço a Patagônia, nem pedalei em Amsterdã, não comi no Nobu, e nem isso, nem aquele, quanta coisa para fazer, sem falar em arrumar meu armário e mandar as roupas à lavanderia. E nesta sentença caberiam risos. Sim, numa crônica que versa sobre a morte cabem sorrisos, como na vida de quem fica tem de caber alegria, prazeres, mesmo que um chocolate novo de edição limitada que custa pouco mais de dois reais e não exige visto. Vamos chorar nossos mortos na hora de sua partida e depois também, que somos de matéria de afago. Porém, sempre que pudermos, nos refiramos a eles no presente. Principalmente, vamos tratar de lembrar

de seus momentos agradáveis e leves. Sempre não de existir. Quando for um ex-amor, então, até as brigas devem parecer engraçadas, depois que ele se foi definitivamente. Vamos lembrar de seguir menos regras, comer carboidratos à noite, confessar que amamos, surtar de madrugada e telefonar para o nosso bem-querer, exigir menos horas extras, ver o sol não somente através de paredes de vidro, como naquela propaganda de carro.

Os trechos do texto que meu amigo escreveu sobre o ex-namorado que partiu trazem justamente esta esperança: de que valeu a pena, mesmo que tenha sido antes da hora. Não há mágoa nem rancor nas palavras dele, nem desconsolo. Há uma infinita tristeza, o que me faz pensar no clichê: sem as decepções, sem as infinitas frustrações, como saberíamos gozar das imensas maravilhas do viver? Sem conhecer um vinho avinagrado como podemos tomar um bom vinho, por exemplo, um Memórias. Ao amigo dedico este escrito em forma de abraço e a você, que me lê, desejo (sei que um pouco fúnebre, perdoe-me por isso) que paire em sua coroa de flores a frase que ornamentava a de um outro amigo meu, dos tempos de faculdade, que se foi ano passado. Em meio aos crisântemos, flores do campo, alecrins e lágrimas líamos: "ele viveu a vida toda".

O homem que sabe mentir

Ele esteve aqui em casa dia desses. E elogiou meu café e meu cabelo. E ainda me falou que eu tenho um ótimo gosto ao analisar a escolha do sofá e dos quadros que ainda não pendurei na parede. Ele prometeu que volta, se eu o convidar, para tal tarefa. O homem que sabe mentir me deixaria apaixonada se quisesse, mas não. Somente porque sabe mentir ele assume que mente, e eu não caio neste seu truque de espelhos. Exatamente como uma foto digital no melhor ângulo tirada pelo próprio fotografado. O surpreendente é que eu gosto dele. Talvez porque nestes tempos em que queremos tanto a verdade e até assistimos pessoas em cativeiros em suas supostas sinceridades, precisamos de alguma mentira de gentileza.

Como quando aquela amiga pergunta se ela ficou bem com o novo tom de cabelo, neste caso você pode sutilmente dizer que não, que preferia a anterior, aposto que é fácil voltar a tal cor. Porém, se a mudança em questão for silicone na boca, que acaba por virar um biquinho sexy vinte e quatro horas por dia, então, meu amigo, saque de seu bolso uma mentirinha que chamavam antigamente de mentiras brancas. E como estamos em novos tempos, aboliremos as possíveis alusões raciais e chamaremos essas mentiras de conveniência de “mentiras floridas”.

Uma mentira que usa perfume, que disfarça seu odor com um floral amadeirado com notas de tangerina e de lírio.

Exatamente quando perguntamos se alguém está bem. Esperamos mentiras floridas e não o aviso de que desde o ano passado está com a conta no vermelho (outra designação de cor: Veja só como somos bastante sinestésicos).

O homem que sabe mentir faz vista grossa para as pequenas imperfeições. E ele ainda é do tipo que sabe que numa festa, pista cheia e som acima do saudável, devemos falar somente frases curtas. Nunca entabular longos assuntos que teriam de ser gritados e, assim mesmo, não completamente ouvidos. Ele também nunca combina sapatos caramelo com cintos caramelo e ainda tem outras particularidades: leva escova de dentes e pasta na bolsa, finge que acha suas amigas apenas inteligentes, preocupa-se ao extremo com sua segurança e só por isso insinua que de vez em quando deveria pernoitar em sua casa, para protegê-la. O homem que sabe mentir não é aficionado por futebol a ponto de encher a casa de amigos e te fazer sentir uma promotora de alguma marca de cerveja, aquela mesma que estava em promoção.

Não que ele não goste de futebol, ou que não ache suas amigas gostosas: ele mente.

O homem que sabe mentir não se aproxima de você numa festa com meias palavras e até pode usar a frase “você vem sempre aqui”, mas com um sorriso cínico nos lábios, quase que admitindo a falta de assunto. E ele ainda instala ar-condicionado, ou te acompanha na dura tarefa de procurar um técnico para tal façanha. Ele ainda entende de canetas e de como, misteriosamente, os fios entram lá, perfeitamente conduzidos por seus canutilhos.

Na ingloria batalha entre ser masculino e não machista, entre ser homem e não um exemplar levemente atualizado do Jece Valadão (que Deus o tenha!), o homem que sabe mentir aprendeu a... Mentir. Ele, de ouvido, percebe na hora onde tem que mostrar sua macheza, onde pode dar-se ao luxo de ocultá-la. Ele, por sinal, até gosta de seus amigos gays, mas também os admira por sua inteligência somente. E mais do que ignorar nossos quilos a mais, trata logo de encorpar também, além de acreditar piamente quando você diz que uma repentina elevação abdominal masculina, conhecida popularmente como barriga, é sinal de sossego e de um narcisismo sob controle. Porque o homem que sabe mentir principalmente acredita. Acredita que uma mulher pode ser um grande aprendizado sobre todas as outras mulheres. E, finalmente, um homem que sabe mentir, sabe. Sabe que o amor não é uma doença, nem uma sucessão de dores e flagelos e muito menos a impossibilidade de ser livre. Sabe que o amor é algo calmo e por vezes visceral, que apenas transita entre amizade e paixão. O homem que sabe mentir tem curiosidade e paciência, mas graças a Deus ele também tem pressa. E existe.

Manias, pequenas obsessões e alegorias da vida

Se despirmos uma pessoa de suas manias e pequenas obsessões isso contribuirá para que reste apenas um ser sem forma própria, amorfo? Talvez. Quando criança eu tinha aquela mania, uma maniazinha, admito, quase envergonhada, de não pisar nos entremeios da calçada. Sei que isso lembra o personagem de Jack Nicholson em “Melhor Impossível”, certamente um portador de Transtorno Obsessivo Compulsivo o chamado TOC, mas eu vi o filme depois de criança. E eu tenho apenas “toquinho”, como dizia minha querida amiga Janaína ao me ver limpando compulsivamente o balcão de mármore na minha pequena cozinha americana: “Mara, você tem “toquinho” com esta mesa”.

Comunico que na mesa agora tem uma televisão: que ainda não tenho um rack, esse objeto que sem dúvida inaugura o advento da civilidade entre os homens, um suporte para eletrônicos de entretenimento, na verdade quase um altar - e algumas contas, e um montinho de papel e ainda umas canetas. Venci este “toquinho”, mas estou preocupada em não perceber algum outro. Tenho tido essa mania de me observar para descobrir aonde o “toquinho” sufocado pela mesa de mármore vai parar.

Porque de alguma forma as manias perderam o caráter inocente, elas agora podem ser o indício do terrível Transtorno Obsessivo Compulsivo.

E então aquela criança que contava árvores da janela

do carro dos pais pode ser um adulto com TOC, ou não, vai saber. Mas Woody Allen parece um maníaco e é o que é: gênio. Por isso invista na boa educação do seu filho e pare com este TOC de achar que ele vai ter isso ou aquilo, falou?

De qualquer forma, pesquisei sobre manias para quem sabe identificar a minha, e me surpreendi com um verbete na Wikipédia, aliás, pesquisar coisas compulsivamente pode ser considerado uma mania? Tá. Deixa pra lá. O que me deu satisfação foi que descobri palavras lindas. Doromania? É a mania de dar presentes. Tenho um amigo que tem essa, parece bom no início, mas eu tenho a noção cristã de retribuir, herança dos Reis Magos e tal, ou mera educação, então o amigo que dá muitos presentes sai caro, e o pior é que ele tem tudo, então tenho que ser criativa e ainda não consegui retribuir uns oito presentes. Tenho anotado numa lista.

Doxomania? Paixão em adquirir glórias. Não conheço ninguém com esta, cartas a esta coluna caso lembrem, mas certamente deve ser alguém famoso, ou a glória é uma noção pessoal?

Drapetomania: mania de andar sem destino. Confesso que já tive vontade de ter essa, sair por aí pelo mundo, só empaco quando lembro do cheiro que os andarilhos espalham por este mesmo mundo.

Tem a calomania, mania de imaginar-se possuidor de extrema beleza pessoal. Vendo alguns fotologs e álbuns no orkut e imagino que essa é mais comum do que pensamos e, por fim, a ergasiomania: desejo patológico de trabalhar permanentemente e que a Wikipédia diz que também é "a impaciência indevida de sofrer intervenção cirúrgica. Mesmo que ergomania".

Não entendi essa... Então a pessoa acha que se sofrer cirurgia vai parar de trabalhar e por isso ela não tem paciência? Bem, deve ser isso. De qualquer forma estou com esta mania de tentar encontrar minha mania. Não tem nada sobre escrever, nem sobre usar filtro solar na frente do computador por causa da luz que emana do monitor, nem sobre... Bem... Para algumas manias é melhor que a gente as guarde em segredo. Qual é a sua?

Os riscos além da sua janela

Escritos soltos para dias felizes

1) Vida, modo de usar: propostas de utilização.

Veja: há uma luz lá fora, intensa. E os amigos perguntam por você. O sol faz as cores se espreguiçarem, mas elas podem ser delicadas nos seus óculos escuros. Lembra quando você era criança e queria muito usá-los? Agora você pode. Você poderá sentir o vento. E o vento destes dias de março deve te pegar de jeito, numa grande lufada quente. E uma escritora para-sempre-iniciante, como eu, pensa em chamar lufada de outro nome, mas admite que tem um dicionário de palavras queridas que se intrometem. E ainda sei que você pode descobrir coisas geladas pequenas, picolés de frutas, três por um real e cinquenta centavos. E tomar água mineral com gás nesta cidade ao olhar navios é um programa extra-sensorial. E é sempre bom lembrar que apesar de confundirmos intensidade com urgência, não há pressa.

As coisas todas poderão esperar por você, elas me dizem que concordam. E há música estendida nas calçadas. E eu penso como deve ser acordar todos os dias, estender um pano qualquer e vender semi-originais. Não os chamo de piratas, eu gosto de nomes maquiados. E há pessoas que têm sempre um pouco de vida a te dar. Esta que me sobra, me inunda e me transgride. Mas tudo pode esperar suspenso. Como aqueles círculos etéreos que o moço cego faz com sabão em pó e entrega àquela criança. Criança. Meu amor, esse isolamento é invencível só por hora. Há tempo. E o tempo é apenas a convenção da pele,

dos tecidos e de nossa condição de sermos perecíveis. Mas ainda há o que chamamos de alma... E ela me disse que precisa de um pouco de tempo.

2) O amor só é possível ao tempo

E com o perdão desse clichê tremendo e com as mãos idem. Só é possível se formos como à missa com a mãe, contrafeitos, mas purificados. O amor só é possível com o respeito a pequenas insinceridades. O amor só é possível para quem tem tolerância à constrição, músicas ruins, poetas caretas, olhares na rua, odores. O amor só é possível para quem fez mapa astral. O amor só é possível para quem tem hóspedes, dividindo o quarto do afeto.

Ela amou tão suíte presidencial que fechou o hotel. Amou tão sem seguros e sem dias e sem marcas de calendários, sem mapas e sobe na janela a contemplar a ausência de perdas, a maior ausência do que não viu. O amor só é possível para quem tem outros vícios maiores, mas não liga não: amor só é possível quando tem calos.

3) O trânsito das horas

Somos a vitrine do tempo. Exibimos mais que a sua passagem. Somos vivas amostras do tempo em intervalos inteiros de orbitações matemáticas: ponteiros. Subtrair a vida parece a primeira idéia de tempo. Uma idéia errada. Porque o tempo sempre assoma. O tempo é feito de uma substância sutil. Partículas de olhares, pó de memória, cheiro de lavandas já usadas pelos avós, pais, nossos filhos. O tempo é a naftalina na gaveta da gente. O tempo

é o tatuador de nossa memória. Sem o tempo não seríamos. Perder a noção das horas é viver. O trânsito das horas é ir e vir nas ruas-pessoas. Quem não usa relógio acha que tem mais tempo. O tempo começa onde termina a espera. Um tempo, pedimos quando queremos saudades. Há tempos, dizemos quando lembramos de quem não vemos. Dar um tempo é como dar um presente ao contrário. Dar um passado. Há tempo: aprendemos a lembrar principalmente quando parece que temos menos tempo. No fim. O fim vem em letreiros e tem música e as luzes todas acendem. Faça um pedido de casamento à vida: ame a passagem do tempo [nela]. Passadas a limpo pelo tempo as memórias são cidades, paisagens, aviões, vestidos de noiva, amigos rindo, praias das infâncias, doces da avó. O tempo é casado com o futuro e são filhos do passado e netos da felicidade. E pais da alegria.

Coisas para se fazer nas tardes mais felizes

Quando você me pediu criatividade naquela tarde de sábado, esqueci de te recomendar um livro que li e que me salva sempre, aquele do Rubem Braga. Ele faz tardes de sábado tão boas que ainda nos preparam para as tardes de domingo. Eu leria o meu “O que eu amava”, da Siri Hustvedt, para te acompanhar. Esqueci de te sugerir uma ida a nossos museus, aquele restaurante na Barra do Jucu que serve moqueca de banana a preço irrisório e a um sabor inesquecível. Esqueci de te levar naquela lagoa bem perto daqui. Te convidaria para tomar café com doces, ou uma boa massa, exatamente nesta ordem inversa, porque era sábado sem sol. E ainda fiz pouco caso pedindo para continuar a dormir.

É que não sou tão diferente assim: esqueço sempre de pensar em ser feliz simplesmente, mas sei que devo ser, mesmo que os acontecimentos delicados sejam pulverizados entre fatos das primeiras páginas da vida.

Poderíamos ter ido a Manguinhos, mesmo sem sol, ainda encontramos bons camarões por lá, e adoro aquele muro que emoldura a vista da praia. E andar nas ruas da Praia do Canto e ver os cachorros desfilarem, levando seus donos a caminhar. Poderíamos ter escrito um poema a quatro mãos. Ter brincado de correr e ver a palavra Igualdade na Praça dos Namorados, refletindo a cidade que passa. Poderíamos tantas e variadas coisas. Uma caipirinha no restaurante favorito em Vila Velha, a circular com

os olhos ao mar da Praia da Costa.

Mas esse "o que poderíamos ter feito" é que segue atravessado na garganta, e como houve outras tardes de sábado depois daquela, muitas sem te ver, ainda me pego inventando coisas: pratos por fazer, viagens para Riacho Doce, visitas a ateliês de artistas que nos receberiam com seus cheiros de tintas e de arte. Mesmo que alguns mais contemporâneos ao pé da letra prescindam de tintas, sem prescindir de arte. E há duas galerias que abrem suas portas pontualmente aos sábados. Nem falei em praias porque naquele sábado estávamos sem sol.

Mesmo assim elas estão todas aí... Poderíamos ter ido pedalar pela cidade. Poderíamos. Tantas coisas que agora faço em minha imaginação ao menos, esses pontuais passeios do sábado que não houve.

Passeia por meus pensamentos uma gata*

Quando não pude ser apresentada à Tarsila achei que ela fosse uma ilusão. Explico-me: ela nunca surgia na casa onde mora. Fui introduzida aos seus aposentos e pude somente ver seus utensílios e saber as suas manias. É que Tarsila é uma gata, mas ainda não era naqueles dias. Poderia dizer que ela era... Farpada.

O fato é que Tarsila era um mistério maior do que os gatos costumam ser:

A história dela envolve um lar onde nasceu com companheiros de novelas: os seus irmãos gatos. De pura sorte, naqueles tempos, ela tinha todo um quintal. Porém seu primeiro dono apaixonou-se e a namorada, que tem alergia a felinos, engravidou. Tarsila foi presenteada então, sob esse argumento, e com a sedução de ser um filhote pequenino e dócil. Meu amigo a foi buscar e ela já se chamava Tarsila, por coincidência ou o que se pode chamar de. Ela tem ainda este nome de artista plástica, calcado em Tarsila do Amaral, e este meu querido amigo sempre teve animais com nomes de personalidades da arte. Se é que alguém “tem” animais. Tarsila logo ficou sabendo-se dona da casa, e costuma dizer este meu amigo N.F que ela trata a todos como intrusos. Eu o visitava algumas vezes por semana, porque escrevia um texto para o livro dele. E a Tarsila nunca aparecia. Seu vasilhame de água com ilustrações de Hercovitch, e sua comida, a caixinha de areia, tudo indicava que havia um gato por ali, mas aonde?

Nem cheiro residual ela deixava e cheguei a suspeitar que era uma gata invisível e que meu amigo a cultivava apenas em seus pensamentos. Como na infância algumas crianças criam seus amigos. Tarsila seguiu impassível a meus chamados, ou melhor, invisível, até que um dia eu a vi de relance, quase um vultinho a me surpreender, e ao longo da natural conquista da amizade de seu dono, ela também se mostrava, à medida que nossos papos passaram do tatear inicial, Tarsila surgia mais palpável, em alguns momentos até deixava-se ficar na sala.

Apenas oito meses após minha primeira visita, no dia em que eu cuidei do dono dela, que estava com uma pequena indisposição --febre típica de gripe que se aproxima-- somente após este dia, Tarsila deixou-se tocar por mim, e pediu carinho. Seu pêlo há muito não tosado, pela recusa dela de ser manuseada por qualquer um, e seu semblante ainda em sobressalto, indicavam que a natureza de gata farpada ainda espiava esta Tarsila de agora: dócil de fato e ainda assim ressabiada.

Valorizei cada carinho em Tarsila como uma amizade alcançada a conta-gotas. Apenas me lembrei que não prescindimos nunca da sedução do outro, que nossa confiança nunca é gratuita e entregue a qualquer um. Em parte, talvez, por temer ser novamente abandonada, Tarsila ficou ensimesmada, a lamber suas próprias patas e a brigar por seu isolamento: comia, bebia, não tinha exatamente uma depressão, mas tinha sua própria postura, não obedecia sem a nossos comandos, natural dos gatos, mas ainda com certo desdém por nossa natureza humana parecia dizer: quem você pensa que é?

O fato é que semana que vem, por causa de outra história de amor, Cândido Portinari vai chegar para habitar o lar de N.F, ou melhor, a casa de Tarsila. Aguardem as cenas do próximo capítulo. E adianto-me: ela é uma gata persa e ele um siamês, os siameses são mais recentes na escala da evolução dos gatos. Achará Tarsila em Cândido, Dido para os íntimos, um amigo? Voltará a se esconder em algum armário e fazer aquele grunhido típico dela: fu! --ao dizer: quem é este fedelho da escala evolutiva de meus nobres antepassados? Ela parece exclamar este "fu!" entre dentes, um esgar de absoluta convicção, quando está absolutamente aborrecida. Sei que há fatos mais graves neste mundo, aquecimento global e mesmo bichinhos mais famosos, como Knut, o urso que escapou do chamado radicalismo dos defensores da natureza. Só que me atenho à Tarsila e suas aventuras neste novelo de uma vida animal que poderia ser um pouco a minha ou a sua. Ei! Esqueceu que também somos animais?

*Título inspirado em estrofe do poema "O Gato", de Charles Baudelaire.

Relato de um feriado santo

Quando tudo pára bruscamente, eu consigo ouvir até os sons abafados de carros lá fora como um assobio da inspiração. O asfalto reluz nas pessoas depois do verde alto das árvores chegar à minha retina e lagartas parecem felpudas, picolés parecem tóxicos alucinantes, só porque gelam minha garganta, e cordas vocais me surpreendem com seu apergaminhado. Minha cara mais lívida que o dia de ontem e pelas frestas desses sentimentos eu percebo que o hoje é enorme, e é quinta, sábado, segunda, terça. A semana inteira é um poema imenso que me coroa as horas de espera de algo fulgurante que chega a ter mais adjetivos que o permitido pela alta literatura. Então percorro as ruas de meu bairro, ele que tem “Penha” em sua grafia, e lembro do dia em que eu me vi na frente do Convento, na primeira vez em que eu subi suas escadas, ainda não havia a Terceira Ponte, nem aquela construção estranha. Como pode um cinema tomar parte da vista? Mas voltemos ao Convento: quando o vi novamente neste feriado, percebi que ele era o personagem que eu buscara. Tijolos, histórias e pedaços da montanha mágica e jardins de fé. Nesse feriado que passou não o visitei, o vi de relance na TV. Tranquei-me em casa, molhando minha alma com um regador cheio de poemas, um livro de Paul Auster e a descoberta de um Fernando Tatagiba: escritor de timbre solitário, por vezes alucinado, do qual tenho somente um livro emprestado. Não vi o filme que deveria ter visto, mas abracei meu velho pai e almocei à mesa com a família, numa espécie de oração. Senti medo de viajar, como

quase todos nestes dias onde nos ônibus ocorrem infelicidades que sequer são indenizadas. Onde aviões nunca têm passagens e sempre têm esperas de preços altos. Prometi contar o final da saga de Tarsila, a gata, que receberia um amigo felino, egresso de uma história de amor desmanchado. Porém não continuo, escrevo somente este agora, com nuvens pesadas que parecem que vão chover e penso como a amiga escritora, que cada qual sabe a necessidade do que precisa, e se não sabe, talvez nem precise. Canso-me de ouvir conselhos e me rebelo e volto para o sol dormiente numa segunda-feira mágica que começa inusitada, um dia inteiro para cada um de nós. Entristeço de pensar naqueles que têm trabalho, imagino como seria uma cidade realmente deserta de ofícios e pessoas, como certas vilas espanholas na hora da sesta. Ainda bem que estamos na quarta, antecedemos hoje uma quinta, em breve será domingo e eu quase enchi essa crônica de vento, poupei resmungos, descobri como é andar nas ruas com músicas tão estranhas que você sequer as esperaria de mim: *Bagdad Café* --a trilha do filme; *Do make say think*; Urubu, do Tom Jobim, e várias do Paolo Conte, que parece um italiano misturado com Tom Waits; além da passional trilha de "O Último Tango em Paris". E ainda há a esperança a permear meus pedidos. Eu sempre peço: ao vento, ao Convento, às músicas que ouço. Porque quando pararmos de pedir, internamente, paramos de crer. E mais do nunca me resta crer.

Nunca mais voltar

“inteiro é o que tem começo, meio e fim”.

E o que falar das pessoas que um dia saíram para comprar cigarros e nunca mais voltaram? Algumas nem eram fumantes. Em certos dias eu fantasio que sou uma destas pessoas. Maria, por exemplo, é. Além de ser cabeleireira, especializada em escova progressiva, é calma, plácida e feliz. Ao menos, aparentemente. Um dia, sem avisar, sumiu. Foi embora para Uberlândia, com o novo namorado. Deixou marido e três filhos e quatro meses depois telefonou contando calmamente que resolveu mudar de vida.

Gente que se arrisca, que sai debaixo das asas de sua segurança, que diz a verdade a si mesma, eis um de meus tipos favoritos de personagens, ao mesmo tempo em que eu tenho certa vontade de ser do tipo pacato, com o qual sempre me envolvo, aqueles espécimes que chamo de pessoas calmantes, dóceis e apaziguadoras.

As pessoas que um dia dobram a esquina e constituem uma nova família servem para dar ao mundo este caráter movediço. Neste exato momento, um pai de duas meninas abandona tudo e se muda para Recife, para morar com a morena que ele deu carona em seu caminhão. Para ser pai de um filho que essa mesma morena, Gilda, teve com Arnaldo, que foi embora com José, quando descobriu que era deles, e

dele em especial, que gostava mais.

Mas não recrimino quem assim o faz. Porque as pessoas vão embora às vezes permanecendo justamente à nossa frente. Tudo que imaginávamos ser verdade límpida e adorável, de repente some, deixando um estranho com quem escolheremos compactuar ou romper bruscamente e irmos, nós mesmos, comprar cigarros, mesmo que não fumemos.

Eu gostaria de partir hoje, uma mochila nas costas e colher azeitonas numa aldeia portuguesa para combinar com minha intensa tristeza. Lavar navios num istmo da Grécia. O dia arde cheio de novos desafetos e a dura constatação de que não conheço mais as pessoas, de que quase não gosto mais delas de modo genérico, e de que sei que isso é uma espécie de loucura que tende a me fazer mais solitária e amarga. Não pretendo explicar a mim e nem terminar a história de Maria, cabeleireira especialista em escova progressiva, que nesta hora pode estar feliz em Uberlândia. Não assumirei o tom auto-ajuda que percorreu minhas crônicas (se é que as posso chamá-las assim) anteriores. Hoje a tristeza fez casa nos meus olhos e é com eles que enxergo o branco do monitor que pontuo de palavras.

Deixo um recado para quem quiser ler: nunca esperei algo maior que a docilidade da verdadeira amizade na convivência entre seres da mesma espécie, não ofereço mentiras edulcoradas em ironias, nem uma disputa para medir quem diz as maiores verdades um ao outro. E (oh!) não sou perfeita. Da minha parte tento ser menos ácida e tenho que confessar que posso ter quinas sim, posso ser severa. Porém sinto o profundo alívio de saber que não verei mais ao seu lado

aquela pessoa que você descreveu como eu.
Sigo não falando com novas pessoas a cada dia, os eventos tornam-se insustentáveis, talvez por isso a TV a cabo e os livros são mais adoráveis. Porque tantas vezes percebemos que o melhor de nós é não estarmos juntos com alguns humanos, e pronto. Então vamos partir um do outro como Maria, Arnaldo e o caminhoneiro sem nome partiram de suas antigas vidas. Alguém dúvida que cada pessoa é uma vida inteira? Esta é uma crônica expiatória. E quero apenas desejar que morar numa cidade-ilha não nos torne amigos por geografia. Eu? Estou constantemente procurando a leveza e me defendo de batidas sim. Se me vir novamente nas ruas vire o rosto para o outro lado. Eu parti. Não fui comprar cigarros para você. Fui buscar minutos da bruma do silêncio e da amizade sincera. É que prefiro a vida que não é apenas um *fast-food* de prazeres sensoriais imediatos e vazios. Não olho para o céu procurando somente confetes. Mas sim o azul de poder partir por ele.

A biblioteca

Escrevo esta crônica no primeiro um quarto de hora da segunda-feira. Acabo de voltar de uma curta viagem à cidade de Muqui. Sonho em passar muitos tempos por lá, a escrever e ouvir aqueles pianos que tocam ao cair da tarde. Sem internet, sem celular, sem televisão, ou seja, sem nenhum contato com este mundo que chega em monitores tantas vezes invasivos. Talvez escreva um romance de época.

A cidade tem casas que me doem de tão belas, viveu seu apogeu na época do café, mas não quero falar de exteriores. Como é de meu feitio, vou traçar o meu próprio itinerário, um roteiro sentimental da cidade, o que me convém e o que a mim convenceu.

Conheci um homem e sua biblioteca. E nada é mais sagrado para um homem que tem uma biblioteca do que esta mesma. Uma biblioteca é algo do caráter das inutilidades. Caso você não possua uma, não sentirá a menor falta, caso a tenha, nada será mais importante. Soube que um de meus escritores favoritos chegou aos Estados Unidos com mais livros do que roupas. É comum aos escritores --os de verdade-- terem nos livros as vestes mais preciosas. E possuir uma biblioteca é como ter um amor. Quem não tem, contenta-se com outras similaridades, mas quem o possui torna-se exigente, e se o perde, na ânsia de outro igual, pode nunca mais se achar.

Esse homem eu conheci primeiro pelos livros, uma curiosa biblioteca ao contrário, poderíamos chamá-la assim.

Ele me contou que biblioteca contava com cada vez mais livros novos, ao contrário dos livros encapados em couro que eram de seus avós. E esses livros coloridos e caóticos o irritavam pelas cores cheias de ruído. Então ele desenhou a estante de modo que seria um caracol e as lombadas dos livros ficariam voltadas para fora, e da mesa de carvalho, do meio, também herança de seu avô, ele veria apenas a parte das folhas dos livros, em branco ou no máximo o amarelado suave do papel pólen. Apenas ao redor da biblioteca, há uma área de circular uma pessoa de cada vez, assim ele poderia ver a lombadas somente na hora de pesquisar e escolher para a leitura. Ou seja: a biblioteca fez silêncio, enfim.

No parágrafo acima descrevi sutil o nome do papel que mais gosto, tanto do nome mesmo, quanto da coloração pólen. Há algum nome mais apropriado para portar palavras contidas num livro? Afinal, ler tem este caráter propício a germinar coisas, sensações, paisagens interiores, que sequer sabemos que não conhecemos, antes de ler. Acho que foi uma bela invenção este nome. Encerro-me, neste exato momento, nessa biblioteca, e é para lá que vou em pensamento, sinto muito que ela já tenha um dono, a recrio inteira para mim. Leio deitada em seu divã e percebo que talvez seja pouco o tempo do mundo para ler, justamente por isso ele se torna menos mundo a cada dia.

Sósingular

Às vezes podemos ser salvos pelas bobices da vida. Eu mesma, um dia desses, quem diria, fui socorrida pela seção de auto-ajuda. Logo eu: uma leitora de Kafka aos doze anos, que achou Crime e Castigo uma grande aventura aos dezessete, e que era alheia a novelas de TV para ficar trancada em meu quarto lendo A Montanha Mágica, por exemplo. Esta mesma “eu” parou numa dessas livrarias de nossa querida Vitorinha e ao perguntar por quinze livros, ou mais, e obter negativas sobre todos os títulos se deparou com um volume fininho, colorido e editorado quase em forma de fanzine, um livro para solteiros ou como diz o subtítulo: Manifesto para Românticos Irredutíveis.

Por isso é bom dizer que a palavra que dá título a esta coluna, não está escrita de forma errada, é assim mesmo, sem hífen, como propõe Sasha Cagen, autora do livro Sósingular ou “Quirkyalone”, que defende que devemos ignorar a conspiração da sociedade para que sejamos parte integrante de um casal. Algo como aquelas tias que perguntam se você está namorando, ou a simples inexistência de quartos “singles” em pousadas e hotéis, ou suas amigas perguntando por este ou aquele quase-relacionamento que nem você se lembra mais. Sasha diz que não somos metades. E eu me pergunto pelas pessoas que acham que são um terço, mas este é outro assunto, mais vanguardista, eu diria.

Ela escreve que ser sósingular significa ‘gostar de ser solteiro, mas não necessariamente ser uma pessoa

que se opõe a ter um relacionamento; apenas prefere estar sozinha a namorar só para fazer parte de um casal'.

Comecei a ler e não parei mais, em algumas partes me peguei rindo, como nas páginas em que ela classifica atitudes como "comer ervilhas direto da lata", ou "deixar sua pia de louça virar um pântano", como integrantes do comportamento das solteiras que moram sozinhas. Ou ainda sobre pessoas que se casaram consigo mesmas. Uma delas, uma poeta performer, casou-se com ela mesma, com a presença de amigos, num rito celebrado por um sacerdote iorubá. Parece que em *Sex and the city* a personagem Carrie já havia realizado algo assim.

Pesquisei resenhas sobre o livro e acho que quase todas foram escritas por jornalistas casados, porque ele foi tratado com desdém, por ser considerado raso e bobinho, ou ainda apenas mais uma forma das encalhadas se sentirem melhor. Como se isso fosse pouco.

Mas o livro é inteligentemente leve, e eu sei que isso é possível. Há até um capítulo que ensina como ser "juntosingular", ou seja, como namorar ou casar e continuar mantendo sua identidade sósingular. Um desafio que propõe como solução velhos moldes, como quartos separados em casa. Bonitinha é a hora que fala de coisas que devem fazer os sósingulares que se apaixonam, uma delas é ler cada um seu próprio livro, apenas com os pés se tocando volta e meia, numa confortável tarde de domingo. Porém se essa imagem virar uma constante, e no papel que desempenha os

pés masculinos houver um cara (ou garota) que não está nem aí, cujo número nunca aparece no visor do celular e o endereço de e-mail nunca aporta na sua caixa postal... Bem, vá até ao capítulo que fala de Obsessões Românticas e inspire-se para a cura. Claro que logo após ler o libelo eu voltei para a profundidade do Cioran que eu havia abandonado. Quem é Cioran? Ah, este merece uma crônica só sobre ele. Até lá.

De meu encontro com Paul Auster e Siri Hustvedt Ou de quando olhei a eternidade

A primeira vez em que tive uma inveja passível de ser confessada sem ferir minha dignidade após a declaração foi em 2004, na Festa de Literatura Internacional de Paraty. A cidade histórica é cercada de um mar arroxeadado, de pedaços da Mata Atlântica e recebe nas chamadas FLIP's, desde 2003, grandes personalidades do mundo literário e o homenageado de então era, nada menos, que Guimarães Rosa.

Fui com um grupo de amigos e me hospedei em um lugar simples e bom. Assisti o máximo de palestras, madruguei nos bares onde sorvia literatura e cachacinhas misturadas a amigos novos escritores, que eu só conhecera antes de diários virtuais e alguns e-mails, livros e telefonemas fortuitos.

Pela manhã, bem cedo, eram as maçãs santo remédio para ressaca, e a caminho da tenda do evento propriamente dito, tomava sorvete de coco na praça central.

Num desses dias, talvez sensibilizada pela grande atividade intelectual entre copos e citações literárias e entre um amor mal resolvido que se hospedara próximo a mim, vi algo que jamais irei esquecer: Paul Auster, em pessoa, em sua altura que parece um metro e noventa, com seu rosto de moreno singular, com olheiras e fleuma à prova de qualquer dúvida, o

escritor pelo qual nutri certo preconceito, por ser tão *best seller* e por ter se metido com a mesma desenvoltura pop no mundo do cinema. Apoiada por ele, ao mesmo tempo em que o apoiava, estava sua mulher, Siri Hustvedt, uma norueguesa que foi para os Estados Unidos da América escrever e lançava naquela FLIP o livro “O que eu amava”, romance que me tirou muitas noites de sono. Eram os dois quase da mesma altura. Ambos se apoiavam um no outro. Era a tentativa de equilibrarem-se nas pedras pontiagudas de Paraty. Ruas irregulares que ao nos colocar para caminhar devagar e com olhos voltados para o chão, nos dimensionam novamente humildes e humanos. Os dois conseguiam, pelo porte e por terem um ao outro, até olhar para frente com natural altivez. Eu já sabia que eles são casados desde 1982, que se ajudam mutuamente com a escrita, apesar do único roteiro escrito a quatro mãos não ter agradado a ambos, que pediram para tirar seus nomes dos créditos.

As referências são muito parecidas e os dois começaram a carreira literária escrevendo poesia. Porém, a força maior do que pude sentir ao vê-los não repousa apenas em conterem a eternidade, mas em seu amor de compreensão mútua, amor de cumplicidade, e perceptível para mim, ou ao menos imaginado por mim.

Eles são belos, são imortais, altos e magros, dois dos melhores escritores que existem, sem contarmos com a opinião de algumas críticas. Mas o que me deixou estarecida foi um pensamento que me corroeu e se fincou em minha mais secreta fantasia: se não for assim, não é amor e eu não quero. Se não for esse caminhar de suportar e levar, sem que se

..... crônicas de Mara Coradello

sobrecarreguem um do outro, extremamente calmos
em meio à multidão e tão alheios, felizes, certamente,
e prontos, como um ideal. Eis que descobri que idealizo
sim o amor, mas não sei se quero deixar de.

Fale baixo nas manhãs

Eu não existo de manhã. Sou o espectro suave do que andou por aí, pelos sonhos. Não entendo quase nada de sono, sou uma insone famosa entre meus amigos mais próximos. Mas o amanhecer eu respeito como a um novo nascimento. Se um dia inteiro é uma vida, de manhã sou um bebê. Quem me dera se todos falassem baixo perto de mim, usassem cores suaves e não estranhassem meu olhar vago.

Para as pessoas que fumam cigarros pela manhã eu peço que respirem. Para as que riem alto, eu conto que daqui a pouco é meio-dia, e que riremos juntos.

Nesta semana li que o presidente teve uma insônia e reclamou da programação da TV a cabo, por não conseguir achar nenhum filme que o agradasse. O que mais gostei da matéria foi a lisonjeira --ao menos para nós, insones-- observação da jornalista que a escreveu: "o insone é um exigente, senão estaria dormindo".

Acho que há diversos tipos de insones. Um deles é aquele que tem medo do devaneio imediatamente anterior ao sono, quando grandes idéias são concebidas, quando descobrimos verdades até então ocultas. Quem pode afirmar com certeza aonde vamos quando dormimos? Há os que sofrem de medo da entrega, segundo minha própria e pessoal percepção e conforme afirmado por um mestre yogue: pessoas que não conseguem conciliar o sono têm vontade de ter mais controle sobre suas vidas. Eu, inclusive, tenho

vontade de ter uma espécie de controle digital de mim mesma, que me desligue às 22 horas da noite, para que eu possa acordar às sete da manhã e ver a luz mais clara do dia, somente possível de ser descrita com exatidão por um Robert Frost, nunca por essa escriba para sempre iniciante, que vai enrolar o peixe de amanhã: eu.

O fato de ser insone também tem um grande peso em minhas ações, ou poderia dizer que não ter um sono pesado me faz medir, em gramas e miligramas, tudo o que eu faço e falo ao longo do dia. Imaginem se eu fosse um dos envolvidos no último escândalo, o do Ministério das Minas e Energia? Mesmo que eu fosse uma assessora distante, que apenas cumpre ordens e meneia a cabeça, jamais voltaria a dormir. Ou se eu estivesse no lugar da diretora do Procon de nosso Estado, aquela mesma que queria “sair bem na foto” quando foi presa. Eu não sairia, porque minhas olheiras e meus cansaços de insone anuviariam para sempre o meu semblante. É, tem gente que não comete delitos por medo de nunca mais dormir.

Eu também tenho um insone favorito, que por coincidência integra o elenco de um dos filmes que mais gosto, Edward Norton em Clube da Luta. O casal formado por Edward e Helena Bonham Carter como Marla Singer (outra de minhas personagens prediletas) assistindo todo aquele espetáculo ao som de Pixies “*Where is my mind*” é simplesmente sublime, só não descrevo detalhadamente porque seria um *spoiler*. O que um *spoiler*? Detalhes que entregariam um enredo, exatamente o tipo de pensamento que atormenta um insone. Desvendar *spoilers* sobre sua vida na vidência cinza da insônia é desejo de muitos

dos que não conseguem dormir de jeito nenhum.

E para terminar de falar de insônia, tenho, naturalmente, que contar de sono. E não vou falar de Morfeu e nem de Sandman de Neil Gaiman, outra referência popsagrada, mas sim de Antonio Maria e sua crônica sobre o sono, uma das mais primorosas coisas que já li: “A pessoa que dorme está inteiramente só. Quando o homem dorme, o seu rosto se desmarca de todas as tramas e de todos os desgostos. Nada entenece mais uma mulher que o rosto do amante, dormindo. Ela se debruça sobre a face do amado e descobre que eram simples palavras todas as valentias que ele lhe vinha dizendo ou dando a entender. É quando a gente se parece menos com os mortos... é quando se está dormindo”.

A imobiliária da falta de sutilezas

Eneida dizia-se uma mulher sem asteriscos. Com isso ela queria dizer que não fazia segredo do que pensava. Não havia nada escrito em letrinhas miúdas aos pés dos seus pensamentos. Eneida diz agora que não entende por que sua praia favorita está em construção, a sua querida praia onde o vento desfolha os jornais, a praia que poderia alcançar simplesmente caminhando, quase sempre de saia branca. Essa praia agora é um pátio de obras, num dia tão perto do verão oficial, de um tempo que já é verão, até para os incautos que adoram datas e regras.

O que Eneida vê? A praia repleta de barro, esturricada, e seus coqueiros marcados com "x" significam o quê? Que morrerão? Aos homens da obra Eneida queria falar que aquelas árvores estão aqui antes deles ocuparem seus cargos de pouca vontade política. E Eneida vai à praia e vê seus coqueiros favoritos soterrados num desterro de dar dó. Eneida não chora, ela espera paciente e acha que talvez por isso o bairro tem acordado mais calado ainda nas manhãs de domingo. Este mesmo foi um domingo de feriado e o bairro estava em Manguinhos, Praia da Costa, Costa Bela, e tantos outros lugares não seus. O bairro exilado de Jardim da Penha, a tristeza nos nadadores de Jardim Camburi. Os desvios dos andarilhos do calçadão. Tão bom era ver todos no mesmo patamar nas manhãs, com tênis importados ou de chinelos com unhas sujas... O homem que sempre fala bom-dia. A loira que vive correndo com

seus cabelos cacheados.

Antes da praia, Eneida caminha no bairro universitário e vê os canteiros do meio das ruas, antes tão verdes, cobertos de um cimento arrogantemente pintado de amarelo e vermelho. Nada contra o amarelo e muito menos contra o vermelho, mas o que os senhores das obras têm contra o verde cáldo que entremeava este cinza obrigatório das ruas?

Eneida suspeita de obras no período imediatamente anterior às eleições e ainda mais de alguém que promete uma ponte sanfrancisqueana em pleno Andorinhas. Logo ao lado da Universidade cada dia mais sucateada, com, só para citar um exemplo, uma piscina imensa a luzir o lodo mais fedorento e a alardear um total abandono.

São verbas de origens diferentes, alguém disse. Eneida então respondeu que a origem é a mesma: a imobiliária da falta de sutilezas, a mesma que remexe na Praça do Papa, cimentando mais uma área que poderia ter mais verde. Ou será que ainda pretendem árvores ali?

Eneida nem quer falar da biblioteca portentosa que promete desencadear novos leitores e novas idas ao Centro. Ela tem a delicadeza de lembrar da grama que entremearia as ruas, e de coqueiros quase cobertos da terra do descuido. E Eneida pede mais elegância com Camburi, já coberta pela chaga de ser imprópria para o que, obviamente, se destinam todas as praias do mundo: um simples banho de mar.

A pessoa spam

Nestes dias tenho pensado, tergiversado e elucubrado muito sobre a pessoa spam. Spams, você certamente e infelizmente deve saber o que são: aquelas mensagens não solicitadas que chegam até você, por meio de sua caixa de e-mails, e sorrateiramente roubam minutos preciosos do seu dia, ou te deixam meio culpado por não lê-las, afinal são enviadas muitas vezes por amigos: correntes, mensagens de *power point* sobre câncer de mama, textos chorosos sobre amizade, escritos de um senhor que se intitula “filósofo da cidade de São Paulo” e coisas assim. A Pessoa Spam não é diferente. Ela entra no seu mundo e fala, sem ser convidada, sobre um assunto que não te interessa. Acha que pode passar ensinamentos sobre qualquer assunto que ela domine. Ignora quando você gosta de determinado autor e gostaria de falar sobre este. A pessoa spam é aquele companheiro de trabalho, até bem intencionado, mas que tem um talento desperdiçado para lecionar e teima em usá-lo a qualquer momento. A maioria das suas pérolas são *made in China*, sem querer ofender a China, mas são pérolas falsas mesmo, lidas naquela revista importante de circulação nacional, catadas nos afobados provedores de Internet. A qualquer momento a voz dele pode irromper na sala e despejar profundo saber, para interromper pesquisas, a criação de um título que tinha tudo para ficar ao menos agradável e coisas assim.

A pessoa spam é aquela moça que se veste no último grito da moda e que pára a sua frente na festa da

corde e fala que na última entrevista de emprego, a sua ex-futura-chefe irrompeu na sala onde a pessoinha spam trabalha e perguntou se alguém te conhecia, “porque você tem cara de doida”. A pessoa spam, claro, jamais poderá provar se disseram isso mesmo de você, tampouco ela define o que seria cara de doida na visão da chefe em questão, mas mesmo assim ela conta a história com um sorrisinho falsamente ingênuo. O fato é que a pessoa spam é aquela que senta nas mesas plugadas do restaurante e decide falar da comida e reclamar da falta de lugares. Ou ela é aquele carente freqüentador de locadora que adora conversar sobre os filmes, ou ainda é aquele parente que insiste em saber por que você não casou, se você é solteiro, e por que você nunca aparece com uma moça, se você é gay.

O mundo está cheio de pessoas spam e muitas vezes me vi transformada numa delas, por impulso, por mero esquecimento das normas de educação ou pela falta do que fazer. Gostaria de pedir desculpas se fiz algo assim com você que está me lendo e aproveito para tentar entender qual a melhor forma de deletarmos um comentário spam dito não por e-mail, mas cara a cara?

O efeito sanfona no amor

Vejo Vitória através dos vidros do grande ônibus amarelo, cujas janelas têm nesse momento a vista digna de um fantástico hotel cinco estrelas. Vejo Vitória e Vila Velha e assim descubro meu Espírito Santo lindo e me apaixono por minha cidade novamente. Pela paz que encontrei aqui, pela praia apelidada de Havaizinho que comoventemente se abre pequena para um mar tão vasto quanto vertigem e voragem.

Por vezes odeio Vitória sim, e detesto a configuração pequena e puramente política de alguns que ordenam que qualquer divulgação de Vitória não inclua a Terceira Ponte, e de que qualquer descritivo de Vila Velha tem de frear bruscamente o texto quando deveria chegar aos atributos de Vitória, aqui, tão perto. As cidades parecem em continentes distantes em todo material de divulgação turística das duas e só se unem quando falamos do Estado todo do Espírito Santo.

Mas volto ao assunto daqui: odeio e amo Vitória e tantas coisas, que poderiam ser enquadrados como sentimentos bipolares o que sinto. Mas que mania é essa da psiquiatria reles de exterminar a poesia? E aprisionar arroubos em tarjas? Porque sei que é tão vital amar e odiar ao mesmo tempo, assim como te amo e te odeio, e tantas vezes idiossincriticamente odeio e amo as mesmas características, o mesmo perfume. Te acho bonito fumando e odeio teu excesso dos mesmos que tiram minutinhos seus de mim. Imagina quantos beijos a menos em cada cigarro?

Quantos passeios a menos com Catita em cada tubinho maldito de papel, pólvora, nicotina, alcatrão e tabaco. Amo sua postura impecável, da mesma forma que por vezes detesto seu ar soberbo. É assim o amor, ou como bem definiu a amiga Cris Hatab, o efeito sanfona no amor. A gente ama e detesta tantas coisinhas, revira atitudes achando defeitos, enumera qualidades de olhos fechados à pequena bagunça que virou minha mesinha de granito, ou ainda ao sumiço das meias de usar com tênis.

São tantas em mim e tantos em você, dois deles se encontram em dias errados e pronto, não tem jeito, brigam com a mesmíssima paixão com que se amam. São tantas disposições diferentes de humor e de compreensão das diferenças e de alteridades. Porém, desconfio que o pior de conviver seja justamente o que temos de igual. O espelho e seus reflexos que ofuscam e confundem, num labirinto estreito e asfixiante. Mesmo assim ando com pena daquela que fui, como disse Jana: “tão sozinha que tecia redemoinhos ao redor de si mesma”, aquela que fui antes de você.

O que sei é que amo tantos de você, mesmo aqueles com os quais implico, que o certo seria falar: eu amo tantos você.

“Histórias acerca de botões*"

*Ao ler isto adicione a informação da chuva.
E não o chame de confessional, o chame de
autópsia.
Uma história universal do amor ao pai,
ao verbo e à memória.
Recorte as palavras que mais gosta e coma.
Recomendo que chores. Não pelo texto. Pela
janela ao largo das folhas.*

Uma menina mora num quarto com muitos botões.
Eles estão num enorme pote de maionese comprada
no macro. Numa promoção.

A avó guarda rancores, a lembrança dos passos do
vovô Dorico às 5 da manhã e botões. São sobras das
roupas dos oito filhos. Botões solitários que a menina
acha iguais às pessoas sem centro no mundo. Os
botões parecem querer olhar através de seus furos
para linhas.

Em seus furos para eixos de uma ocupação. Um
enorme botão dourado de farda que a menina
amedontra-se com o brilho, estamos em 78 e há uma
série de botões iguais e pequenos que recebem ordens
desse botão de farda. Um botão que tem arabescos
que escondem uma pedra azul: o príncipe. Uma pérola
com tons de um rosa que nunca houve, essa é a
princesa.

A menina cria histórias com esses botões. Passa
horas no quarto.

Assim que chega à casa da avó corre para o quarto e
demora-se mais e mais ali.

Parece morar com as histórias. Dizem que a menina se esconde do que há lá fora, nas ruas de pedras irregulares no bairro do subúrbio. Mas a menina sabe que para ela esse sempre será o mundo que ela verá. Um mundo inteiro nas córneas das palavras. Estou no Rio de Janeiro e me mudei 5 vezes em 3 anos. Minhas coisas diminuem em cada mudança. Vendo o colchão, vendo meu fogão. Vendo minhas palavras a barganhas que chegam em cheques novos e cheirosos de rosa. Tudo cabe em caixas de pão que soltam farelos que alimentam formigas felizes por estarem entre livros e trigo. Elas sabem que isso basta. Eu não. Não tenho conta no banco, não tenho cerca de dentes, cartão de plano de saúde e helicópteros são alvejados por meninos comandos em ação que vendem drogas que serão usadas por pessoas que colocam trancas em suas casas para cheirar. Mal. Mas num dia desses no metrô vi um guarda trazendo um casal pela mão.

Vi que os dois importavam apenas para os dois.

Me senti egoistamente feliz, podendo olhar durante todo o trajeto sem vistas, Glória, Catete, Largo do Machado, Botafogo, Siqueira Campos, Arcoverde, olhar para eles sem ser vista. Sem que eles jamais soubessem o quanto eram belos. Vi a mão deles entre as suas e um dialeto novo entre seus narizes e ela parecia com os olhos parados para o alto e brancos numa espécie de platô onde é possível chegar quando se ama.

Eles eram cegos.

* Esses são alguns episódios publicados originalmente

..... crônicas de Mara Coradello

e integralmente em 2005, na Editora Agir, na Antologia
Paralelos: 17 Contos da Nova Literatura.

Pseudocrônica

Vamos fazer um movimento? Sim, uma dessas revoluções de improviso. Com um bom jazz de Brubeck, que limpo de referências com um bom solo de caixa de fósforos. Vamos pernoitar insones? E tecer no escuro pequenas bolhas de luz, trazendo nos dedos as unhas intactas de não roer. Vamos ouvir os ruídos de vitamina C efervescente em crianças pequenas sem carências? Vamos aglutinar os dias onde as alegrias são coalhadas? E unir todas as alegrias, na pequena indiferença às arestas, brechas, recônditos, desvãos. Uma alegria compacta, lisa, rutilante, perolada, de brilho quase leitoso, como um capô de fusquinha. Luzir. Vamos luzir incipientes? Vamos ser jovens, o novo, e cálidos para sempre? Vamos marcar encontro com o acaso? Sabe como funciona? Assovie ao caminhar, sem óculos escuros, num dia em que o sol franza sua testa. Tropece sem querer nos interstícios da calçada.

“Penetra surdamente no reino das palavras, lá estão as coisas que nunca foram ditas”. As novidades de verdade estão nas palavras, que parecem velhas ao contrário: neologismos, muitas vezes, são palavras que fizeram uma plástica infeliz.

O ruminar do tempo não polui os mares das palavras. Elas são banhadas em claras de ovos, em doces portugueses caudalosos, em fremito ansioso de ventura e do toque sincero de asas de borboletas abestalhadas nos cílios das estátuas: substituem os momentos, as palavras, e assim intensamente os

causam.

E a palavra é a pipoca no óleo quente da vida. Se trancar palavras na mão elas morrem, como pássaros antes quentes borbulhando o ruído de suas penas na palma da mão. Sufoca pegar palavras, mas ao contrário da metáfora do pássaro, prender palavras sufoca quem as segura.

O melhor invólucro das palavras é o mesmo cristal que se parte ao ruído silábico. Inaudito para matérias mais duras.

Escapista eu? Até gente tem saídas de emergência: buracos no nariz, para sair bolhas de água tônica, olhos por onde escapa a luz interna.

Wanderlust

Todas as cidades se parecem em dias de feriado? Talvez. Quem sabe seja algo na expressão das poucas pessoas que vemos nas ruas. A mesma que é mais apropriada nos mendigos, que enfim, estão em dias seus. Dias de não fazer nada. Aliados de nossas tarefas diárias, temos tempo de ver melhor esse nada. Talvez nem todas as cidades sejam iguais em dias de feriado. Não em qualquer bairro você pode ir andando até a Liberdade. E talvez seja mesmo singular em seus trejeitos e em sua história, o mendigo que passa com sua mala de rodinhas, sua vida sobre rodinhas. Ele nos fala: feliz casamento! Não estamos vestidos à caráter para festa alguma. É algo na combinação de dois capixabas andando nas ruas paulistanas com suas expressões de festa que o faz desejar vida longa a essa festa. A cidade parece dormir. E a cidade é exatamente igual a todas em sua função de aglomerar pessoas, de organizar algo, que muitas vezes recai no fracasso desse intento. Sem termos o trabalho, o escritório, e e-mails importantes para ler, ficamos perdidos aqui, mesmo com os trinta e sete teatros tão próximos. Mesmo que o mais novo filme do Wong Kar Wai esteja em cartaz perto de casa, assim como o vencedor do prêmio do júri popular de Cannes em 2007: Irina Palm. Mesmo que as ruas signifiquem uma profusão desordenada de esquinas desconhecidas. Há algo de familiar nesta cidade. Nesta segunda-feira de feriado nublado. Nestes cães que passeiam com seus donos, levemente mais gordos que os de Vitória. Os cães, não os donos. Mesmo que a vista agora seja uma

alucinação de concreto. Que seja a Baía da Guanabara ou Montmartre. Ou uma casinha no interior de Minas. O que há de tão igual assim em todos esses lugares onde estive ou não? Nada além do que acontece de igual em todas as paisagens onde me inscrevo: eu. E ser tão definitivamente “eu” é saber que a casa se resume a pouca coisa, e se as levo comigo, estou em minha habitação mais familiar. Nesse “poucas coisas” claro que há pessoas. Estamos em casa sempre ao lado de algumas pessoas. As verdades mais simples são as que mais demoramos a aprender. Então, narro o que vejo para mim mesma. Para habituar-me antes da volta iminente. Há pessoas vestidas de modo igual pelas ruas, há um cinza insistente no céu, houve um acidente com um motoboy, há inúmeros teatros, e um deles é o Oficina. Há a padaria da esquina onde não encontramos leite. E existe sua saudade de Vitória, por estar aqui há mais tempo. E existe minha ânsia de viagens, e há até uma palavra em alemão que traduz essa vontade irresistível de viajar: *wanderlust*. Que por sinal é uma música daquela sua cantora favorita. Que por sinal me faz pensar que todos os lugares são iguais, porque quem estará vendo-os e sentindo-os são estes meus olhos entediados que insistem em ver letrinhas no mesmo português e em tudo. Mesmo assim, há *wanderlust*. E há a convicção triste de que eu serei sempre igual.

Eu na praia

Ah!... As sextas-feiras... As semanas só existem para conter as sextas-feiras, pensam alguns, e confesso, às vezes eu também penso assim.

Ah!... As sextas à noite, quando imaginamos o sábado no sol, costumam ser aquele limiar que antecede o sabor do picolé de limão. O imaginar do sabor. Dois segundos antes.

E às vezes confundimos os sabores só por causa da imaginação.

Ah!... A areia de uma praia com o livro favorito e o filtro solar spray gelado.

Ah!... O dia de São Nunca. Quando fará sol, não ventará em demasia, você não terá excessivos ciúmes de mim e eu lerei na praia calidamente.

Ah!... A arte de ignorar as mulheres hediondas falando alto e brincando de afogamento com seus biquínis errados e de cores que berram mais que elas. E os homens devassos e feios com olhos invasivos. A criança melequenta que passa correndo enchendo meu livro e minha cara de areia. Os berros da mãe dela gritando: Deidison!

Ah... A música tenebrosa que emana dos quiosques. E o vento que nos torna *nuggets* crocantes, grudados no tal filtro solar de mais de quarenta reais. Que não serve pra nada.

E se serve é pior: as partes em que esquecemos de passá-lo ficarão desconcertantemente vermelhas.

Estaremos coalhados de vermelhidão. E ai! A areia enchendo a casa recém-varrida. O cão que não pôde ir à praia, aproveita e reclama resmunguento. O picolé de limão queimou minha boca. Tenho um bigodinho rosa agora.

Ah...e ainda temos os receios do mar. Não pela sua ancestral e assustadora possibilidade do infinito. Não por suas profundezas e mistérios. Ou ainda pela possibilidade de tsunamis. Antes era assim o medo do mar. Agora tudo está inscrito num bicho geográfico. Numa micose chamada vulgarmente de "pano branco".

Ah...tomar antibióticos por causa de um inocente mergulho no mar. E acompanhar, esperançosos, o desenrolar das obras à beira-mar.

Ah...vou fechar as janelas, assistir TV com algum vinho gelado e dormir no sábado todo.

Ah... se vou.

A felicidade é um bocado simples

Um dia de sol e folguedos. Uma maneira daquela moça caminhar em direção a seu amante.

Ela tinha 29 anos e morava numa pequena cidade do Espírito Santo.

Só poderia encontrar com ele em suas pequenas viagens de negócios à cidades vizinhas, por ele ser casado e nós sabemos o quanto de desesperança ela teria que cultivar. Manicure, assoprava o esmalte azul claro da cliente com olhos na porta esperando a hora em que ele entraria para limpar as unhas dos pés. Calos de amor nos pés, calos de andar até os arredores da cidade fingindo estar preocupado com sua barriga e com esperança de que ninguém desconfiasse de que ela o esperava na porteira, encostada nesse portão de madeira semelhante ao esqueleto de uma pipa.

Várias vezes ele lhe deu carona ao voltarem do culto. Ela andava atrás no carro. Uma das coisas que deveriam deixá-la triste mas a deixavam feliz por poder assim aspirar o perfume dele: sabão em pó e anil das camisas, o leite de rosas das axilas e um leve gotejar de poros que ela sequer sabia do que se tratava, mas era o desejo.

Neste dia ele entrou e a procurou sem delongas. Ela fez as unhas dos pés dele como gostava, sem base.

Lixou as solas e passou a loção hidratante Universal e logo depois eles saíram de mão dadas e foram à praça tomar um sorvete, na verdade, dois.

Se eles não estivessem tão felizes observariam a
hostilidade crescente ao redor deles.

Mas simplesmente olhavam apenas um para os olhos
do outro.

Era começo de outono.

A Ilha de Verdana

Copacabana, segundo as lendas estatísticas demográficas, tem cerca de um milhão e duzentos mil habitantes. A Ilha de Verdana, localizada num país não muito distante daqui, tem cerca de duzentos e setenta mil. E essa não é a única diferença entre os dois paradeiros.

Dizem que a Ilha de Verdana é doce e pequena cidade com facilidades arquitetônicas que a assemelham a “um imenso condomínio fechado”. Mas seus habitantes têm a alma, senão expansiva, de certo calorosa. Contam também que por lá (aqui?) nada pode ser feito em segredo, e ao sermos apresentados é comum dizermos nome e sobrenome, nossas famílias podem se conhecer... Repito tudo isso de ouvido, até porque isso me parece uma das funções da crônica: escrever de ouvido o que falam.

(Mas se é mesmo verdade que a Ilha é um átomo, por que nunca mais vi aquela pessoa macia?)

Atualmente boatos e notícias dão conta de que o grande mal da cidade de Verdana é a violência que chega em manchetes que chocam pela proximidade. E fala-se que, estatisticamente, morar em Verdana é quase como morar na cidade que contém Copacabana. Eu suspeito que não. Acho o Rio de Janeiro mais rico em museus e assaltos, mais cheio de uma convulsão de um ponto a outro, só para citar duas impressões imediatas.

Morei naquele Rio e lembro dele ser, à época, um borrão colorido que contém um amor perdido. Tudo na

civilização às margens da Guanabara cheira a esse amor passado, adulterado e de uma dor feliz, que mesmo bela, ainda é dor, mesmo alegre, permanece dor.

Uma euforia permanente pode ser indício de profundas depressões, respondeu-me o senhor Onofre, psicanalista e ótimo cozinheiro de mexilhões, que em Verdana são chamados de sururus.

Verdana, por sua vez, é o futuro. Cresce a olhos vistos, debruçada na paisagem única, porém maquiada por aterros e poluições que se fossem mais bem vigiadas, seriam apenas ínfimas. Mas pouco, ou quase nada, sabemos do futuro, a menos que o cuidemos. E cuidar do futuro é exigir escolas com nossos filhos dentro, mesmo que eles não tenham nascido. É transformar em praça aquela área vazia em uma das avenidas principais de Verdana. Cuidar para que o centro de alimentos no bairro *de Jardim* se transforme também num canteiro que reúna idéias, gente e planos de cultura. E ainda vamos querer mais metros de ciclovias para que possamos pedalar livremente. Dizem que Verdana é linda sem estarmos contidos em cápsulas de vidro: carros, ônibus ou naves intergalácticas.

Mas o que mais impressiona em Verdana é quando me sussurram que não podemos sentir muito. Dizem que o minério está na alma de pessoas de ferro. Fala-se baixo de política, como nessas linhas. Uma outra empresa poderia tentar contornar esse endurecer, criando uma contrapartida para o estado das coisas nas quais está inscrita Verdana. Que tal mais alguns museus e núcleos para projetos sociais? Queria um Femusquim o ano inteiro. Vocês não? E uma livraria

de verdade que tenha café e que demore a fechar? As de agora não permitem nem que usemos o banheiro direito. Apoiar o teatro local. Que tal se as pessoas daqui, que gostam de tudo isso supracitado, o façam sem precisar da ponte aérea? E reformar nossos prédios históricos? Cidades não são de papel. No último baile da corte, encontrei o afeto de sempre nas pessoas, uma característica de seus moradores, e mais uma vez muitos falavam em ir embora, outros elogiavam profusamente o cotidiano de Verdana. É quase clichê dizer que o amor e o ódio andam de mãos dadas e também em Verdana. As pessoas podem se magoar com cidades inteiras, e delas partir. E antes que nos tornemos pessoas blindadas, dessas que não se chocam com crimes. Antes que eu mesma me torne de ferro. Vou começar ao menos a reclamar, mesmo que troque o nome de Vitória em respeito. Afinal, antes de qualidade de vida precisamos mesmo, muito e plenamente, de vida.

A vida é breve

Semana retrasada minha crônica saiu incompreensível e peço perdão a você, eventual leitor. Aproveitei a explicação para resolver minha crônica de hoje. Houve um terrível atropelo. E o acontecido me fez pensar no tempo, que nunca foi tão escasso como agora. Neste mesmo instante você deve estar pensando em me deixar aqui, sozinha, virar a página na minha cara para ler outra coisa, ou para começar, de fato, a trabalhar. E o tempo que realmente poderíamos ler, como nos engarrafamentos, quando ficamos parados dentro das grandes latas de pessoas, que são os carros do transporte coletivo? Que tal se houvesse livros, devidamente atados com correntes, dentro dos ônibus? Haveria alguma espécie de discussão velada para as pessoas sentarem nas cadeiras dos *best sellers*? Esses que são tão mais rápidos de ler. Filas para pegar ônibus e mais filas para *O Segredo*? Acho que é uma sugestão ingênua, mas muitas idéias nascem assim, de pura ingenuidade. E sempre espero a sorte de pegar aqueles ônibus que têm jornais, atitude simpática, nublada por aquelas pessoas que insistem em levar embora o jornal. Tsc, tsc, tsc para elas. E pensar no tempo me fez observar que os relógios hoje estão inseridos no celular, poucos ainda usam a chamada coleira dos homens, no pulso. Abrevia o tempo de lembrar se os dois acessórios estão mesmo conosco ao sairmos de casa. E ambos têm uma ligação intrínseca mesmo. Da onipresença com o tempo. Creio que alguma teoria da física ou da metafísica pode unir esses dois paradigmas em alguma equação que explique uma verdade ancestral.

Mas deixa pra lá... O que sei é que nesta vida corrida ainda nos fazem perder tempo com tanta coisa inútil: atendimento lento e desorganizado nos restaurantes, aquelas correntes por e-mail, amores não declarados, amores teimosos no sofrimento. E pessoas que moram em Jardim da Penha vão de carro ao trabalho na Praia do Canto e perdem tanto tempo na Ponte Ayrton Senna, menos talvez do que investiriam caminhando. E a perda de tempo de escrever prosa poética no jornal? Li-me um dia desses de sobressalto, fingindo que eu era outra pessoa e descobri que agora só farei crônicas chãs. Dessas bem sorrateiras e sobre o cotidiano da gente. Afinal, há algo mais mágico?

Anacronismos contemporâneos

Sou uma cronista anacrônica, propensa a ignorar solenemente o tempo, mesmo em sua pueril atualidade. Quase nunca cito o primeiro caderno, em parte porque simplesmente tenho estes meus escritos situados neste Caderno Dois e tento me comportar de acordo com o lugar. E a tempo: sinto-me confortável aqui em cima dos quadrinhos, do Passatempo e dos horóscopos.

Porém, nesta semana, dois episódios envolvendo câmeras portáteis me chamaram a atenção: as cenas extra-oficiais da execução de Saddam Hussein e a tentativa de censura na internet a "pedido" da Cicarelli. E sorrio ao lembrar que a preocupação reinante quando surgiram os celulares com câmeras era a privacidade, por exemplo: temia-se ser fotografado numa boate com outro ou outra. Recordo-me das epifanias do querido Xico Sá sobre o assunto, na qual ele dizia, entre outras conclusões, que o celular com câmera era a evolução da carta anônima no ato de denunciar cônjuges adúlteros. Depois a Kate Moss foi filmada em atitudes indecentes de outra forma: utilizando, com bastante ênfase, doses do pó extraído da folhas de coca.

De qualquer forma aumentou consideravelmente o número de pessoas aptas a fazer parte da construção da notícia, e, arrisco-me a dizer, da história. Quem se mune de um aparelho pequeno e ainda geralmente retangular pode sair por aí a documentar discretamente a vida. O que me lembra o sempre

citado, óbvia referência obrigatória, o romance 1984 de George Orwell. E alucinadamente emendo com sincero agradecimento pelas câmeras instaladas em alguns pontos da grande Vitória e ainda deliro: deveríamos poder assistir tomadas, sem edição, dos pensamentos e da vida, vinte e quatro horas, de certos homens e mulheres da política, seria provavelmente mais emocionante do que o Big Brother.

Agradeço às câmeras e aos celulares com filmadoras porque há muito esquecemos o senso de ridículo, o que me lembra o mito de Medusa, a personagem da mitologia grega que petrificava quem a olhasse nos olhos. Muitas vezes carecemos de ver nossa imagem refletida nos olhos de algum espelho para que viremos pedra e imobilizemos gestos e vontades de um copo a mais, de um decote maior, da gravata de bichinhos Disney, das olheiras do descuido, da mentira deslavada, de viagens suntuosas com cofres públicos, ou simplesmente da pura confusão do público com o privado, da ética com a moral. Mas ao contrário da personagem da mitologia grega, com cabelos de cobra, as câmeras não podem afugentar exércitos. Dado que lembrei ao passar mais uma vez sobre a ponte Ayrton Senna, caminhando sozinha à noite, constatando a ausência de policiamento, ou mesmo ao assistir lá de cima, de um cantinho do palco do reveillon de Camburi, um arrastão. Só para citar, alienadamente, de áreas próximas a minha casa. O fato é que com sinais óbvios de alta periculosidade em determinados locais, os mesmos não contam com sequer uma sombra de policiamento ostensivo. De que servirão estas maravilhas tecnológicas sem material humano para acionar socorro? Ao primeiro momento elas serão notadas, serão lembradas, mas depois de localizada a

violência buscará as margens, as tangentes, e então lembraremos mais uma vez que é necessário pensar no antes, na prevenção e não somente no após a catástrofe. Câmeras não têm braços e nem voz de ação e quem estará do outro lado é a mesma polícia que está aí, ou mais apropriadamente, que muitas vezes não está aqui. Afinal, camadas mais privilegiadas de nossa sociedade, integradas por um grande número de senhoras e senhores governantes já pagam por sua vigilância.

Não faço a menor idéia da conclusão a qual quero chegar, reconheço que deveria fazer um silêncio de quem se reconhece autora de ficção, mas é que estas medidas me lembram esta mesma ficção. Só gostaria de lembrar que ficção e mentiras são substantivos com significados exatamente opostos. A mentira é o que adulteramos para transformar em verdade, e ficção é justamente o que mesmo sendo pura verdade, assumimos como mentira.

O que me faz decidir que acabo de chegar a uma singela conclusão: gostaria muito, como qualquer cidadão e cidadã deste país de políticas com mais verdade e menos desta ficção de eterno show de palanque eleitoral.

Fragmentos de pequenos natais.

Ana:

Ela preferia os livros já lidos por outras pessoas, livros de sebo, assim parecia percorrer acompanhada o caminho das palavras, na solidão que se insinuava entre as prateleiras da sua estante na noite de Natal. Seu filho havia morrido há apenas um ano, mas o tempo era pesado e dilatado entre prateleiras inertes dos dias. Na morte do filho dela, ela abandonou a velha casa e mudou para o primeiro apartamento onde não entrava o sol. O filho tinha mania de janelas. Havia sempre cheiro de sol no quarto dele, talvez a tentativa dos raios entrarem na cortina de voal branco, esquentando a natureza transparente do tecido com a textura quente da luz.

Lia e esquecia-se de que era Natal, enfim.

.....

José:

Ele é, nesta tarde quente do dia 24 de dezembro, apenas um namorado aqui, com sua namorada lá, no outro extremo do continente, com todas as comunicações cortadas, numa expedição de biologia marinha. No elevador tentava dizer bom-dia àquela mãe que, soube pelos vizinhos, perdera o filho. Encontrava com ela em sua palidez de mãe como num contraste com as cores avermelhadas dos cabelos. Achava por vezes que ela não existia. Tamanha a desolação estampada nos olhos. Na tarde da véspera

de Natal pensou em sua solidão, de amor que mora longe, na solidão da mãe que perde o filho, e resolveu pedir açúcar.

.....

Saturnino:

O pai do menino foi expulso da vida da mãe, quase como se ambos se culpassem por terem concebido uma criança que morrera antes deles. Não eram mais marido e mulher, eram os pais de um filho morto.

.....

Ana:

Achou uma velha cartinha de Natal do filho, pedindo uma bicicleta. Perdeu a tarde inteira repetindo as palavras num lápis sem ponta, como uma cega lendo num braile afetivo o desenho das letras do filho.

.....

Nós:

Em certos dias eles: a mulher que perdera o filho, o pai e o homem, cujo amor está do outro lado do continente, sentiam que haviam inexoravelmente falhado. E todos nós sentimos este desacordo juntos, não sabemos que isso é a membrana de desconforto de cada um elevada à infinita impotência de não saber sequer de onde surge este mesmo desconforto. Resta-nos rir: hohohohoho!

.....

Eu:

Saí para comprar cigarros na noite de Natal, vi uma família vestida em trapos, mas penteada e com cheiro de sabonete. Mãe, pai e dois filhos andavam de mãos dadas, certamente em direção ao ponto de ônibus da Fernando Ferrari. A filha exclamou surpresa:

--Agora sei por que enfeitam a cidade para o Natal, as ruas ficam sem ninguém e quem anda nelas, sozinho, precisa de luzinhas para se sentir acompanhado.

.....

Enquanto isso a avó, com mal de Alzheimer, ganha pelo terceiro Natal o mesmo anel, brilhantes e águas-marinhas a lembrar o dia distante de seu noivado. A lembrar, porém esquecido pela doença degenerativa. Ela sorri ante o presente pedido e está sinceramente surpresa com a jóia, ao piano toca pela quarta vez consecutiva, certamente as primeiras de muitas, La Vie en Rose.

O descaso com arte é o descaso com o delicado da vida?¹

Meu amigo veio de longe e em seus olhos há tantas viagens, eu acho que ele se partiu em fragmentos. E ama arte como quem levita ao ver uma obra. E se pergunta, com todos os seus fragmentos tristes, porque muitas pessoas pagam dez vezes mais num sofá do que ousariam pagar num quadro. E ainda lembra o episódio daquela mostra de decoração que exibiu impunemente uma cópia barata do trabalho de um grande artista, somente porque o original era, para os padrões de quem encomendou, muito caro.

E meu amigo exagera em sua paixão até porque paixão precisa mesmo ser exagerada. Exalta-se ao me contar que sequer fizeram uma referência ao artista original, e se fosse feita uma alusão ao nome dele, seria supostamente homenagem e, portanto, seria no mínimo honesta.

Gosto de exposições desde muito pequena, antes de ir a qualquer uma delas. Como? Desde a enciclopédia Século XX ou da Barsa. Adorava ler os seus volumes como quem fazia adivinhação, ao método inglês: abria a esmo. Parecia que o mundo estava todo guardado ali, para meu deleite, e lia sobre artistas e sonhava visitar exposições. Sequer sabia como elas eram de fato, imaginava algo como pessoas de diversas classes e perfis, reunidas a olhar quadros, objetos, gravuras e qualquer outro suporte, como se olhassem a si mesmas em suas profundidades.

Sempre sonha que os espectadores falam baixo em museus, galerias e afins, como se as obras pudessem ser ouvidas, e agora sei que algumas são mesmo paisagens sonoras².

Não tínhamos muitos quadros em nossa casa simples, mas nunca zombamos de quem os amava. Quando meu irmão optou por artes plásticas, tivemos algum receio que ele não pudesse se sustentar, mas percebemos que era a sua mais pura vontade, ou se preferir: vocação.

Não entendo mesmo porque mais pessoas não coabitam com o delicado da vida: arte.

Livros, músicas e filmes muita gente gosta. Mas quantas vezes você já teve desejo por uma obra de arte, vontade de acordar todos os dias e olhar para sua forma, ou contraforma, para suas cores e vazios ou ainda, de ser atropelado e incomodado por ela.

Não consigo imaginar uma vida em colarinhos de camisa, como costume chamar a vida oficial de trabalhar, ir para casa e trabalhar, sem delicadezas amaciantes dos dias, como cinema, música e livros, e atrevo-me a dizer: ver uma exposição de arte.

Quero mais espaços grandes e bonitos para a arte em minha cidade, como quem quer um doce, um doce de vida.

E acho que experienciar arte é exercer algo que anda esquecido nesses dias de *Big Brother*: a curiosidade sincera. Ou ao menos curiosidade intelectual.

Que a gente olha músculos, quadris, e contra culotes e esquece de lembrar de querer ver o substrato do que passa em mentes de nossa geração e o que ficará de resquícios de nossas passagens, enquanto humanos, neste tempo e nesta era.

Ou será que lembramos sempre que silicones e outras próteses não se desmancham nem em mil anos e isso nos apazigua a busca?

1. “Delicado da vida” é uma expressão cunhada por Clarice Lispector em seu livro *Água viva*.

2. Paisagens sonoras é o título de uma obra exposta no Salão do Mar, de Sérgio Bonilha e Luciana Ohira num dos armazéns do Porto de Vitória,

Biologia I

Cereja do meu *sundae*. Logotipo em néon escrito
L'amour.

Acordeom de festa italiana tocado pelo amante da
matrona.

Amor lá. Longe. Entre objetos que se desfazem no ar,
como suspiros, espuma de sais de banho, pequenos
trocadilhos em inhos. Pode ser um dia desses de sol:
escolha as rédeas de sua vida, a partir delas molde
seu caráter. Construa o que você quer com base no
que você não pode jamais permitir, viva dosando as
gotas que rompem as linhas dos seus limites. Seja
o homem a impor as regras, seja infeliz como uma
janela de um lindo quarto branco e verde ácido de um
hotel de 1999, vazio numa tarde cálida, numa beira-
mar poluída, num prédio azulejado, numa cidade de
minichicletes adams, numa vida com esse óleo opaco
das pastilhas de azulejos, lambidas por um céu sempre
encoberto nessa noite eterna de estar longe do que
você quer, em nome do que você não pode suportar.

Carlos tinha uma arma em sua mão, a biologia de
suas mãos feridas pelas linhas que uma mulher
atravessou de minério e ácido. Eu reencontro meu
texto enquanto Carlos pernoita com seus medos
tomando um espumante quase quente cozido em
seus ódios mornos nos segredos que ele conta entre
ásperas pílulas de um futuro beta-caroteno. Metade
ósseo, metade pulso. Tomadas de verdades em
pressões em seus dedos. Ridículo tanto quanto pode
ser um homem sozinho num quarto de hotel com um

papelzinho contendo um telefone escrito às pressas em suas mãos, arma que jamais tocará além do cano, ânsia fálica, a desejar preenchimento, metade respirar, metade o segredo bem contado dos rótulos de remédios opacos pelos anagramas que seus nomes podem cruamente significar. Carlos é um atalho do que todos os homens podem significar na desembocadura da noite em uma cidade que não é o que jamais poderá ser. Carlos é minha ficção. Edulcorada em segredos guardados em potes herméticos. Isolamento acústico, pernoite em quartos de pensão. Carlos a luzir na noite da janela, cigarro em pirilampo, açudes nos olhos onde pastam mentiras seguras de uma mulher a esperar por ele numa cidade, enquanto ele espera pela outra nesse quarto.

Cláudia entra portando armas: bolsas, isqueiros perfume num rótulo novo no velho cheiro de jasmim da avó. Cáries bem escondidas lá atrás. Enquanto desdenha dele arde em infinito pulsando com seus ansiolíticos, vitaminas com sais minerais, selênio e metade do salto esgarçado porque pisa torto essa Cláudia, igual a tantas outras, quebrando nas pedras em novos corais a boca esculpida em cera, carnaúba, respiração de ciclista, pouca memória para nomes, um filho de dezesseis anos, pernas com micro-anagramas azuis, temperos exóticos entre filigranas de preto em suas costas que parecem estranhamente mais antigas que ela. Cláudia é metade de porvir, metade pó-royal, metade enchimento de matéria plástica, rugas petrificadas com ácidos novos que impedem o sol, avermelhada pela verdade nova de ser possuída em gotas pelos medos do homem. O que se mete antes de tudo nos orifícios gestantes das mulheres é o medo dos homens. Preenche e esculpe a verdade

mole e complacente. Cláudia foi achada numa padaria, no dia 22 de maio, tem olhos de cor esparsa ao sabor do sol e de outras luzes. Oftalmológica essa Cláudia. Trocaram telefones e claudicam impassíveis entre copos de escuro drinque e entre disfarces.

Em algum momento eles vão tombar e pensar que se amam. E se salvarão.

Carrossel

Não me falou a palavra saudade, que imagino seja para ele uma palavra estridente, armário que range no meio da noite. A palavra saudade quando não dita já tem seu peso contido na ausência. Falou-me que não queria nada sério e eu pensei seriamente que gostaria mesmo de um carrossel, girar de pião dentro da caixa torácica, bolhas de sabão na alma. Não, não quero mesmo nada grave. Quero algo profundamente bem-humorado.

Não quero ter austeridade em excesso porque viver uma vida em punhos de camisa, acreditar sempre nas primeiras impressões, jantar no restaurante dos sábados --somente aos sábados, e assistir apenas aqueles filmes da seção lançamento... Ai, isso tudo não passa de fiapo de vida. Não passa de uma espécie de vida oficial.

Antes de qualquer coisa, antes que essa crônica fique hermética, conto que eu não tenho nenhuma intenção de transformar esse periódico em consultório sentimental particular e confesso que é bom ter uma vida à paisana. Viver assim, com pensamentos de chinelos, pensar de vez em quando em forma de ilustrações, abolir itens de consumo, imaginar que desentendimentos entre humanos existem desde dos tempos bárbaros. E escrever aqui, humildemente, achando que escrevo escondido, que eu não importo muito e que vocês me lêem como a um passatempo.

Até porque acho cedo para surtos emocionais,

possivelmente agora é de manhã. Geralmente vocês, que lêem os jornais, o fazem no primeiro horário, aquela novidade colorida debaixo da porta. Espero que a capa de hoje tenha um ponto de fuga dessas notícias todas inevitáveis depois que acontecem e ao relento antes de sucederem.

Acho que as coisas acontecem, em parte, porque estão com velhos nomes errados. Porque não um Ministério da Solidariedade? Secretaria da Pan Diversidade Cultural? Tribunal da Vontade Inquebrantável de Aperfeiçoamento? Prefeitura do Pró-lirismo nas Crianças? Deveríamos também criar novos títulos para relacionamentos. Ao invés de namoros, casos, casamentos e essas coisas, vamos nos esforçar e criar nomenclaturas amorosas novas, para, quem sabe, mexer na estrutura além dos nomes. Falo em encantamento, platonismo real, amizade de libélulas.

E porque faltam dois dias apenas para um sábado ansioso, três para um domingo que pode ser ensolarado. E porque as bolhas de sabão do início da crônica vieram para os olhos, o pião a girar me fez tropeçar e meus sentimentos causaram enjôo como num carrossel de parque infantil. Só por isso eu desejo que você esqueça de tudo e seja apenas. Sem culpa.

Eu que ouvi do cara (inventado, conta tanta doçura na crônica passada), que não sou para ele nada sério, me pego nesse exato momento decidida mais uma vez a antes de ser séria: ser feliz.
E claro, não mais para ele.

Crônica de amor desajeitada

Acho que usam errado esse substantivo: amor. Tão errado quanto a menina linda que chora na rave pelo cara insosso que ela acha que ama. Se ela amasse mesmo, seria amada e choraria até, mas não nos braços do abandono.

Amar também é se aborrecer e acordar de mau-humor, como eu acordei hoje. É não querer mais ver a pessoa, é ter enjôo do sujeito ou da sujeita, como quem enjoa de doce de abóbora. Amor não é indiferença, mas também é desavença, eu prefiro as elegantes, mas até entendo aquelas em público e sim, já cometi uma vez essa grosseria com o amor: brigar na rua, no meu caso pelo telefone, ostensiva, num orelhão em plena Nossa Senhora de Copacabana. Quase a gritar. Dizem que vim da cidade onde fica esta Nossa Senhora por causa do amor, ou do fim dele. Não nego nem assumo, mas sei que é belo imaginar pessoas indo embora de cidades por causa do desamor, e lembro do Tom, que ouvirei ao longo dessa escrita: “que todo grande amor só é bem grande se for triste” da música que sempre me faz querer amar novamente: “*Eu não existo sem você*”, porque Tom Jobim quase não canta, ele praticamente fala nesta canção de amor demais, com sua voz de pai condescendente, ele fala que a gente pode sofrer sim, por que não?

Lembro do que ele fala em outra: “pois o amor é a coisa mais triste quando se desfaz”, e vejo que tem gente que não acha, cada vez vejo mais histórias de

amor bizarras para meus padrões de amor.
Eu, que tantas vezes achei que amor era como o de
Hans Castorp por Claudia no livro A Montanha Mágica.
Um livro que talvez eu ame mesmo: ele retribui.

O que eu acho e comecei a falar, que me fragmento
toda e fujo do assunto, é que o amor é um elo, algo
que é trocado entre duas pessoas, não existe um só
amar, e outro declinar, então o nome disso é paixão,
admiração, interesse, ou desejo incorrespondido.

Assim como não existe amor à primeira vista. Façam-
me o favor, e parem de mentir, é desejo à primeira
vista. De quem era o poema que falava que estão
maltratando a palavra amor? Eu mesma, que prometi
falar dele na crônica passada, tenho vontade de não
falar, de calar o amor nas dobraduras deste jornal,
de lembrar que o amor romântico pode parecer o
fraterno, mas não pode ser o inferno, isso não é
amor, é outra coisa, aquela que faz o menino com
uma peruca estilo *black power* que saiu da festa de
formatura e que chora em minha frente por causa
da moça morena de *bois* branco: birra. Ele faz birra,
essa coisa de bater o pé e querer e querer, o que
muita gente confunde com amor. Que em quase todas
as histórias de amor, o que se ama é o amor em si,
a possibilidade dele, ou amamos nosso espelho, ou
ainda amamos o que queremos ser, dizem que tem
gente que acha que ama, mas na verdade odeia, e
que descobre isso muito tempo depois. Eu sei do
amor para mim: é algo como uma brisa, pode ser
de ventilador, mas de repente parece que tudo faz
sentido, e acredito que as pessoas que se amam
sentam em restaurantes com a atenção voltada
uma para outra e que principalmente as cores do dia

ficam mais bonitas e parece que travamos um diálogo diferente com esta pessoa e sente-se paz. O que eu imaginava do amor era exatamente o contrário do que se admite: paz. Eventualmente as pessoas até perdem desejos biológicos umas pelas outras por causa desse excesso de paz, mas isso já é assunto para outra crônica. E vou tirar a moça que chorava no início do primeiro parágrafo e trazê-la para cá. Já que colocam química na paixão, lembre-se da lei da física: dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, trate de jogar fora esse moço daí da sua cabeça, porque só assim caberá o próximo. E tomara que caiba direitinho também no seu imenso coração.

Um céu repleto de distâncias demoradas

No instante em que inicio a falar e as palavras saem como num passeio de bicicleta, sem pressa, uma corrida do cotidiano, para ir à padaria, por exemplo. Neste instante em que você me ouve e completa algumas frases e perdemos o intento inicial da conversa, que seria sua palestra numa faculdade, e adentramos outros interesses e quase que guardamos a delicadeza dos minutos gastos com nossas palavras. Minutos ganhos com miudezas. Então lembro do conto de Fitzgerald que compara a relação daquele casal como um diálogo intermitente e fico a nos comparar com os personagens. E você parece sempre saído de um conto ou romance de Fitzgerald e sua paixão pelos livros dele, estranhos, porém íntimos. Começo então a comparar nossa fala com outros diálogos. E neste instante percebo que ao menos por hoje, da cidade que deixei para trás, sinto falta de tantos amigos com os quais não consigo falar, algumas livrarias, um botequim e também da entonação de sua voz. As suas definições de sentimentos e suas invenções de lugares incomuns de linguagem. E de como conta sua vida com graça, uma vida em que os livros e os verbos possuem peso de acontecimentos. Neste instante telefono e aviso do futuro atraso ao compromisso médico, e me perco a pensar em frases espirituosas para que não me aches triste. E tento rir, imaginando como seria minha risada neste novo aparelho de comunicar que burla a telefonia paga, onde falo sem segurar o fone e posso gesticular mesmo, porque não estou sendo olhada.

Então me falas de seu novo amor, que decidimos ser uma moça do estrangeiro, e de sua nova filosofia, que será exposta em palestra num curso de línguas, agora lembro que não era uma faculdade. E penso com quantas pessoas tenho esta fluidez de palavras e as enumero nos dedos de minhas mãos e lembro do discurso de Paul Auster ao ganhar o prêmio Príncipe de Astúrias por sua obra literária, ele fala da narração e da arte de contar histórias como uma arte inútil, por isso mesmo essencial, completa em si mesma. Gostaria de narrar por narrar, liberta do peso das palavras e entregue à pura narração.

Já te disse que furto você como personagem e ainda transformo as palavras em horas de conversa gravadas, como o núcleo deste personagem, e você gentilmente terá que viver para esperar que meu livro se conclua, por que tenho a sorradeira e presunçosa pretensão que meu livro se guie, senão levado pela desacreditada mão da inspiração, ao menos pela vontade das palavras suaves como Shirley Horn cantando "Once I loved", de Tom Jobim, sem querer me comparar com ambos, claro.

É inútil falar em saudade, o certo é pegar aviões ou oferecer a casa para a visita dos amigos que deixei, ou torcer para que vocês venham a meu estado de espírito santo.

De coincidências o céu anda repleto e os atrasos das horas dos voos não me farão desistir de algum dia aportar por aí e tomarmos aquele café com cigarrilhas na cafeteria próxima a seu trabalho: subirei até aquela ladeira onde mora a amiga historiadora, visitarei a antiga casa onde Joana ainda está. Por favor,

controladores do céu: se aprumem. Afinal, dividimos em tantas vezes a passagem e em tantas saudades as distâncias que fica tudo mais longe e, portanto, de falta mais próxima.

Dê-me tudo que eu tenho por direito

De repente percebo que ouço cada vez mais pessoas reclamarem de sua solidão. Oprimem-se ao imaginar que as noites seriam melhores com namorado ou cônjuge. Até o mais insuspeito solteirão convicto reclama para si uma mulher para amar de vez em quando.

Muitas vezes uso livros como antídotos, e para o caso da solidão vir bater em minha aorta, na minha porta e quem sabe, me assustar: leio. Um amor que me diverte é o do casal de “Um copo de cólera”, de Raduan Nassar, que declaro um dos meus escritores preferidos, apesar da sua curta obra. O casal passa cerca de oitenta e uma páginas em sua discussão feroz, só pontuada por intervalos de puro amor, uma beleza de poesia feroz inunda os trechos descritos de seu amor que é um verdadeiro embate de idéias e deleite dos corpos.

Uma vez li numa entrevista de Contardo Calligaris, psicanalista e colunista de jornais e revistas, a afirmação: “um bom casal é um casal que briga”. Ele observou ainda que essa coisa dos casais chamarem-se um ao outro de apelidinhos, e falar com voz de criança, o chamado *baby touch*, faz mal ao amor. Calligaris defende brilhantemente que entre quatro paredes há uma questão de poder e que neste momento devemos ter algo diferente do carinho que toda relação mantém como fundamento em seu cotidiano.

Pensando assim, o casal de *Um copo de cólera*

manda muito bem. E pensando um pouco mais romanticamente, deveríamos cultivar as relações, apesar das brigas, e criar tensão de desejo depois de uma acirrada discussão não me parece tão estranho.

Abrir parênteses para amar mais livremente neles, retornar ao respeito sólido após esses interstícios.

Calligaris também defende relações longas, compara relações curtas, o chamado “ficar”, com uma excursão pela Europa, em que você conheceria no máximo por dois dias cada país, enquanto uma relação longa é morar numa cidade, conhecer seus hábitos, atalhos e culturas.

Eu concordo, é bem mais sublime ser habitado pelo amor do que ter a paixão como hóspede eventual.

Na semana em que se passou tive o retrato que faltava para completar a idéia de que talvez atualmente, não queiramos o tipo de tensão que o amor e a paixão provocam, não queremos nada que nos complique a vida. Assisti na TV uma moça em seu depoimento sobre o namorado morto no acidente no voo 1907 da Gol. Ela afirmava que havia perdido o homem de sua vida, para logo em seguida falar naturalmente que os dois apenas se encontraram uma única vez, o restante do amor foi exercido via Msn. Caso você não saiba do se trata, Msn é um programa de mensagens, em tempo real, via internet.

Nesses tempos digitais, onde tudo é conseguido com apertar de botões, o amor ficou fora de moda? Esse sentimento analógico, conquistado a duras penas, ficou antiquado?

Poucos casais desafiavam essa hipótese, mas nas noites de sexta, quando as pessoas pelos bares, boites e ruas, parecem personagens de vídeo-game, de um *Pac Man* dos desejos, eu chego a pensar que sim, estamos fragmentados e rápidos demais para o amor, esse leito tecido com fios e tramas demoradas, que têm de sobreviver ao esgarçamento natural dos dias, dos diferentes pontos de vista, das contas, dos ciúmes e das diferenças.

O que me lembra a frase: não tenha medo de casar, casar é fácil, separar mais fácil ainda, tenha medo de permanecer junto.

Crônica em terceira pessoa

Não era porque a feira em sua rua de Jardim da Penha deixava todos os resquícios do peixe bem em frente a sua casa. Mesmo quando ela dizia, sorrindo, que no passado aquela rua ainda era o mar, por isso escamas e aquele cheiro. Mesmo assim o dia não tinha graça.

Não porque a mesma feira era ocupada por políticos que certamente seriam os mesmos a ignorar os cheiros. E seus próprios e demasiado apodrecidos cheiros.

Não porque havia roubos em toda a vizinhança e cada vez mais sua Ilha de Vitória parecia uma baixada do Rio de Janeiro, mas de promessas de política cultural e de maior cuidado com os espécimes vivos, disso esta ilha estava cheia de vazios.

Não porque hoje era domingo e a semana cobrando as dívidas que lhes dedicavam semanalmente se iniciava, via pessoas confusas com desculpas ao invés do mínimo de desenrolar e ela própria era desculpa em pessoa.

Não porque não tinha amigos, mas sim porque eles pareciam querê-la a sua imagem e semelhança, como se ela tivesse que ser mais doce, menos áspera e mais esperta o tempo todo e como estava menos adolescente não podia mais ser para o outro, e por isso abreviava ligações e saídas.

Não porque Camburi continuava feia, com os piores quiosques em relação à engenharia e ao atendimento a quem quisesse uma água de coco, e parece que todas as melhorias ficariam mesmo por São Pedro, mas será que não se pode pensar em uma cidade ao todo: tudo tem sempre que se dividir eleitoreiramente? Para criar de fato a desigualdade de uma cidade partida?

Não somente porque ninguém parava nas faixas de pedestre e os motoristas ainda olhavam, como se ofendidos pelos bebês e suas babás.

Não porque ela sabia que Vitória não é só Vitória, era a Serra e Vila Velha e Cariacica e a penitenciária de Viana, além do bairro bonitinho de Viana que conhecera no dia dos pais, mas mesmo assim até cartões postais eram delimitados em cada cidade com orgulho tão besta de ser em si mesma: "o Penedo é de Vila Velha" , " não se pode contar com a Terceira Ponte, não nos pertence". Que havia graça em entrar no restaurante da Barra do Jucu e ver um cartaz dizendo que "esta ilha é uma delícia", como se não houvesse de fato definição em síntese, a não ser em tese.

Não porque não tinha paciência e em certos dias como hoje, sorrir parece extremamente desnecessário, tanto quanto ter fé. E deixem-na em paz com seu mau humor que ele passa, ao contrário da idiotice humana, essa parece permanecer ainda, pelo menos enquanto ela puder ver.

Há dias em que ela tinha imensa vergonha de escrever em primeira pessoa.

Na verdade, havia dias em que tinha vergonha de ser pessoa.

Da natureza itinerante de uma ilha

Uma grande amiga, após a tentativa fracassada de irmos ao cinema, atrasadas pela chuva e pela conversa, afirma, ao ser perguntada onde gostaria de jantar: “eu queria mesmo pegar um avião, tenho ânsia de novas paisagens”.

Outras duas simpáticas estão de partida para lugares quase opostos: São Paulo e Trancoso. E uma noite dessas, no jazz favorito, os comensais de batatas fritas lembraram que Carlinhos de Oliveira, Sergio Sampaio e Rubem Braga construíram suas obras fora de seus locais de origem. Fora daqui do Espírito Santo.

Mas esta não se pretende uma crônica sobre a concentração das políticas culturais no eixo Rio-São Paulo. Nem se pretende a defesa de morarmos na cidade que nos viu nascer.

Esta é a crônica que fala das conversas ouvidas, sobre quem migra, sobre os capixabas espalhados pelo mundo, sobre os amigos que querem ir. Sobre idas e voltas, pousos e decolagens, “o Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”. Os versos são de Fernando Pessoa, sob o heterônimo de Alberto Caeiro. Mas a aldeia poderia ser Vitória.

Será que é da natureza de um Estado que tem uma ilha como capital ser porto e repouso? Ser parte do itinerário? Gostaria de saber estatísticas a respeito das idas e vindas dos capixabas, mas me lembro de Paulo Francis: "jornalismo hoje virou análise e pesquisa. Ninguém tem mais opinião sobre nada. Eu sou um dos últimos dinossauros que ainda emitem uma opinião". Lembro-me dessa frase entre aspas e sei que não sou jornalista, mas tenho a percepção pelo que escuto e afirmo destemida: muitos de nós, humanos capixabas, quando estamos entre os vinte e trinta anos queremos ir embora. Estudar, trabalhar, ou somente iniciar. Este verbo assim mesmo, não seguido de nenhuma palavra: iniciar, simplesmente. Começar. Recomeçar, precipitar.

Nessas conversas ouço sobre São Paulo coisas que a fazem parecer um paraíso. Ignoram-se fatores-pesadelos de quem mora no Rio. A Europa parece o lar ideal de qualquer um. Os Estados Unidos com seus pratos sujos esperando por nós.

Confesso um grande susto ao ouvir falar tão mal desta cidade, desta mesma cantada com graça e elogios aqui, aos domingos, por Bernadette Lyra. Ou alvo do alerta elocubrado e cuidadoso das palavras de Francisco Aurélio às terças. Esta cidade parece outra nos comentários que escuto.

Lembro-me do moço bonito que conheci, estrangeiro de Portugal, que disse com seu belo sotaque que a cidade era confortável por ser compacta, mas e as outras cidades?

E os interiores? Os jovens ainda se reúnem nas praças

onde provavelmente existem pizzarias para contar quem vai, quem fica ou para sonhar com a viagem da mudança?

Temos esse espírito desbravador. Ao escrever “temos”, refiro-me presunçosamente ao contexto da humanidade. Gostamos de falar sobre as viagens, provavelmente uma das origens da narrativa. O certo é que se fala mal de Vitória, de São Mateus, de Linhares, e de tantas outras cidades e quem o faz são justamente (ou injustamente) seus moradores. Como um dono a falar de sua própria casa, ignorando que ela é sua morada, abrigo e escolha, como devem ser as casas.

Inútil paisagem

Podem dizer: lá vem ela, tão classe média, teve de andar de Transcol um tempo e descobriu que não é tão agradável assim.

É isso mesmo, podem dizer, quem fala mal da gente sempre haverá de arrumar um motivo e eu só posso responder fazendo o que sei fazer de melhor: vivendo do meu jeito e dando ouvidos a quem realmente merece.

Sei que adoro viver e adoro paisagens, principalmente as paisagens de meu Estado natal, este lugar onde teço o relicário da minha existência. O fato é que adoro a Terceira Ponte da janela do Transcol, mas odeio o jeito como os ônibus, que dizem ser originários do Sul do país, são quentes. Quentes não, verdadeiramente infernais, desumanos, desrespeitosos e outros adjetivos do mesmo naipe. Minha xará Mara - ex-colega de trabalho, verdadeira unanimidade em Vila Velha - me contou que os ônibus vieram do Sul, onde nunca faz tanto calor quanto aqui, ou se faz, é por menos tempo. Isso explica tudo. Assim como a lenda que diz que os pontos de ônibus são importados de um lugar que neva.

De qualquer forma serei petulante e lembrarei que o Rio de Janeiro, cidade que o capixaba adora amar e odiar igualmente, tem metade da frota de ônibus circulando com ar condicionado. E nós? Igualmente expostos ao aquecimento global e à cuca fresca do pessoal dos Transportes, que gasta verbas com outdoors falando mal – muito mal, diga-se de passagem -- do transporte alternativo e mais verbas com cartazes nos ônibus onde dizem querer

agradar quem é mais exigente: nós passageiros. Eu posso ser passageira na vida, carona ou algo assim, mas dirijo sozinha minhas opiniões e vou começar uma campanha solitária e nada exigente, apenas sensata. A campanha será em prol de mais respeito aos trabalhadores, que saem de casa pontualmente, contam com poucas linhas de ônibus e quando eles chegam, depois de certa demora, os veículos estão sujos, calorentos, com aquelas janelas que ficariam melhor na Antártida ou em algum confinamento frio. Não aqui, ilha tropical que encontra o continente, cheia de calor e de gente que merece respeito, que paga uma passagem equivalente a de qualquer capital – diga-se de *passagem*, literal e figuradamente – vou falar que acho que os senhores velinhos lá na frente, lindos e alvissareiros, e que as mocinhas que pegam às dez horas nos shoppings, que têm de estar elegantes e cheirosas como pede o ofício, que os nobres pedreiros que constroem esta cidade, que os jornalistas que escrevem a vida no efêmero, que as donas de casa, as mães levando seus filhos aos colégios, os professores que recebem tão pouco e tantos outros profissionais, que raramente desfrutam de sombra e água fresca -- todos nós merecemos um transporte público mais humano e sim, ao menos 40% da frota com um bom ar-condicionado, tipo este do seu gabinete.

Lugares-comuns ou procedimentos para um sarau

Li um livro que dividiu a crítica e o mais impressionante para mim: meus colegas escritores. O petardo chama-se “Como me tornei estúpido” de Martin Page. Conta a história de um jovem, Antoine, que descobre que toda a sua construção intelectual não serve para nada, apenas para criar conflitos e inadequações. Li de um fôlego só, feliz por tal façanha, já que ultimamente poucas obras me despertam essa fúria de leitura.

Dias antes estava com os comensais de batatas fritas no jazz favorito, quando uma amiga exclama que em sua casa o filho dileto se tornou o filho bem-sucedido e, portanto, mais favorito ainda. Afirmação que surpreendeu um outro filho, este de ex-hippies, que exclamou convicto: ser bem-sucedido é ser feliz!

E você, pode me contar em segredo se na sua casa ser bem-sucedido é mesmo ser feliz? A quantidade de informação sobre determinados assuntos ou uma obra criativa interessante são tão aplaudidas quanto o carro novo? Sua ética é tão elogiada quanto um grande salário? Sua facilidade em sorrir e seu bom humor são queridos como uma conta bancária recheada? Pode responder em silêncio e até te deixo corar se for inevitável.

Eu poderia citar outros lugares-comuns: a importância de ser casado antes dos trinta e cinco, ao menos. A felicidade de passar num concurso público e se optar por uma vida intelectual, a necessidade de títulos de mestrado e doutorado. A cintura fina e o manequim

38 para mulheres, músculos protuberantes para os homens. Até sou adepta eventual de algumas dessas verdades fáceis, porém me pergunto até que ponto estamos mergulhados nos lugares-comuns, verdadeiros desertos da espontaneidade? Eu tento ver alguma autenticidade, mas os cabelos das mulheres cada vez mais loiros e lisos dissuadem-me. Se paro numa noite de quinta numa academia de musculação e olho com olhos de quem veio de fora, de um alienígena, talvez me surpreenda rindo alto. Eu mesma tento praticar alguma atividade, afinal, como disse a Kate: “somos animais e vivemos agora sentados, se não fosse pela civilização teríamos que conseguir nossa água e comida, faríamos esforços”, então temos de nos exercitar ainda que para lembrar que justamente não precisamos mais de quase nenhuma atividade física para conseguir viveres, mas nossos corpos não sabem disso. Nesta vida de aparências, pouca coisa me salva da sensação de mediocridade, a poesia é uma delas, porque ando achando até o cinema por demais produto de segundos e terceiros. Lendo poesia eu mando em mim. E entre as compras do final deste 2006 do Shopping Vitória, eu, adepta de anti-saraus, descrente do formato de ouvir poemas sendo pronunciados, me diverti e me enlevei com Miguel Marvilla, Aline Yasmin, li Caê Guimarães e vi o concretismo renascido pelo texto de Douglas Salomão.

Em certa altura, percebi que os participantes do sarau queriam atrair os passantes, carregados de suas sacolas de lojas do shopping, para que ouvissem e lessem as palavras salvadoras. Eu falei, com alegria refletida pelo brilho do chope: deixe-os, se a poesia ficar muito comum vai ser terrível, teremos uma Micareta Literária, imagina os abadáes de páginas.

Claro que eu estava brincando, mas o fato é que esta alienação da maioria a respeito da poesia dá a ela um lugar de quase privilégio. Logo depois li “Como me tornar estúpido” e a incrível semelhança entre minha galhofa sobre micaretas e a opinião secreta sobre poemas uniram-se e concluíram num novo pensamento: se ficarmos chamando todos para a poesia, ela será barulho, eu sempre escolho este silêncio do poema como salvação do cotidiano. E nada contra micaretas, mas deixem que o poema continue lirismo absurdo em contraponto ao corriqueiro, mesmo quando o poema é simples e mudo. Ou seja, num sarau, quando os transeuntes não quiserem participar apenas pense: eles não sabem o que estão perdendo. E na vida, quando cobrarem apenas que você seja bem-sucedido, em 2007, ou em qualquer ano, pense em ser bem-resolvido, com hífen mesmo, para pontuar uma nova palavra como um ano todinho novo para você e para mim.

De plantas de plástico e dos inseticidas do amor

Então as plantas de plástico são melhores de cuidar. Prescindem de água e estão sempre alheias ao estado de ânimo do dono. São mudas como as plantas de verdade, mas o ar que rufa sobre elas não as toca em seu íntimo verde. O seu amor por ele parece uma planta de plástico. O que pode acontecer entre você e ele? Tudo pode melhorar. Afinal vocês não têm nada. Então é natural que se agarre a ele e a seus pequenos descasos de planta de plástico. Aquela vez que você operou. Uma cirurgia corriqueira, eu diria, e ele não se aproveitou disso para cuidar de você, nem que fosse em um breve telefonema. Na outra vez em que você ficou presa no aeroporto e ele estava on-line, mas ocupado o tempo todo. E você descobriu, quase sem querer, que ele estava conversando com outra, feliz e sincero. Assim foram se fazendo os dias, todos em desespero suave e você agora percebe que este desespero era suave porque dói mesmo quando tudo dá certo, não há dor maior que ser correspondido e ter de conviver com os altos e baixos dessa coisa venturosa, afinal o que você poderá perder se tudo estiver dando certo é imenso e raro. A morte de uma planta de fato, comigo-ninguém-pode, é sempre maior do que uma planta de mentira por mais florida e cara que seja. Falsamente florida e sem cheiro. Embevecem somente aos olhos e são sempre tremendamente cafonas. Morte às plantas de plástico.

Morte aos amores platônicos que não precipitam.
Morte a nossos band-aids constantes, usados antes

da queda. Ultimamente todos nós nos jogamos de joelheiras.

Força a esta mania de esperar o pior e inventar consternações mesmo que apenas ao vislumbrar a dor alheia. Tiro de espingarda a esses sentimentos edulcorados e caramelizados ao gosto das convenções. Viva às folhas que temos de molhar diariamente e enfiar os dedos na terra e puir por debaixo as unhas. E viva ao arrependimento de ter feito aquela loucura exposta, feito fratura no fêmur, ao invés de se preocupar em esconder em gesso. E sim, sim, andar de mãos dadas, inventar uma gargalhada nova, parar de adiar aquele telefonema e amar loucamente e ser correspondido somente porque ainda não inventaram nada melhor a se fazer num domingo à tarde. E precisa de motivo maior? Grite de verdade as músicas que você gosta sem se preocupar em ser inserido no gosto do que é cult. Volte a comer carne porque você é feito dela mesma, e apodrece também caso se mastigue demais. Parece uma verdadeira confusão mental esta crônica? É que eu me recuso a compactuar do seu plástico. Eu erro por querer este texto desigual e com sintaxe de pé quebrada. Lirismos de lixos. Porque, sinceramente, mundos que não têm a menor dissonância não me interessam neste dia luminoso em que as falhas fazem apenas as coisas parecerem de verdade. Como uma costura lateral exposta na saia, como uma lasquinha da minha xícara preta a exhibir o branco da louça por baixo, como um dente quebrado na frente do rosto, sem clareamento, como as nuvens que volta e meia não cabem no figurativo da forma inventada e por isso mesmo são tão plenamente nuvens. E chovem.

Do que poderia ter sido

“O homem solitário é um idiota ou um Deus”.

Aristóteles

Olhe para seus números digitais mais próximos:
1,2,3,4,5,6,7,8,9, asterisco e 0, seguido daquele
sinal que me lembra esqueleto de jogo da velha e que
não sei mesmo qual o nome. As teclas de seu celular.
Talvez há meses sem créditos. E você? Tem créditos?
Há bônus a ganhar em seu telefonema fundamental?
Ou seria a perda total neste jogo tão declamado,
comparado com flor, dor e horror?

Ora bolas. A cidade desfila cinza na noite de sexta.
Todas as caixas de isopor enfeiam calçadas que
parecem temer os saltos pontiagudos das mulheres,
quase tanto quanto você as teme. Talvez elas mordam,
mas somente se você tiver sorte.
E o medo do não, o vazio de voltar pra casa com mais
uma verdade numérica a lhe estreitar os olhos e as
possibilidades de um sábado que preste: zero.

E a certeza renitente de que só ao tentar chegar
bem perto da mulher --moça, senhora, ou sonho
enfumaçado de tantos desvios calculados de olhares--,
você poderá obter ao menos um não conclusivo.
Desculpe o gerúndio e o tom de auto-ajuda, mas só
tentando, amigo. Saia de seu salto imaginário da
borracha do tênis recém-comprado. E não adianta
misturar-se ao éter. Esse não vai acolher com candura
sua timidez. Vai apenas te quebrar a cara no poste do
excesso de coragem, esse um impedimento tão grave

quanto a timidez de outrora.

Muitos dirão que ela não vale todo esse esforço. Amigas dela não lhe contarão seus decretos. Ela vai continuar sem te ver e vai casar numa tarde dessas de sol, na Catedral, com um cara que ela nem sequer ama, por falta de outro, que poderia ser você. E com você ela talvez até entrasse de sandálias baixas na igreja da Barra do Jucu e muito mais feliz, quem sabe? Do alto do meu lugar de narradora, eu sei e tenho a certeza que te falta.

Então fique protegido na trincheira de seu grupo de amigos, que pouco a pouco capitulam a novas e mais macias companhias. E os poucos que sobram bradam em alto e mentiroso som que “é isso mesmo”, que a vida de não-querer mais nada é o que há. E mais uma cerveja, mais uma noite e as novas músicas e os sábados com outras donas, porque para essas sim, você arruma a coragem de quem não liga para perdas.

Pode parecer uma escolha inicial adolescente, mas a essa desistência se somarão outras tantas, num desenrolar, mais uma vez numérico ou numerológico, isso nem eu sei. Vai passar a ser escolhido pelo que oferece menos perigo: o emprego mais perto, a casa dos pais, as roupas de cores sóbrias. Seu carro vai ser preto, branco ou prata. Sua casa vai ser de pastilhas por fora e em bairro onde parece bom viver, como num cartaz de construtora. Suas músicas serão aquelas consideradas de bom gosto. Suas verdades, as que podem ser faladas na mesa do jantar. Os livros eventuais, os mesmos das listas dos mais vendidos, e os programas caberão quase sempre em telas ou em roteiros comprados a prazo, viagens

que ficam melhores em fotos. E um dia você acorda e olha para seus pés e não os vê. A nova barriga que surgiu enquanto sua bicicleta, essa marginal das vias urbanas, enferrujava.

Então a moça dos seus dezoito, vinte e cinco ou quarenta anos, que seja, vai desfilas em seus pensamentos e vai somente e infelizmente ser o que não foi ou pior, o que poderia ter sido. Para você que tentou fazer tudo direito, sem risco algum, eu posso dizer: bem feito.

***Quando vejo o céu desaba sobre nós**

Então você começa a ler esta crônica de leve, passa os olhos acima das palavras, com pressa, querendo desprender-se logo dela, para ler coisas mais urgentes.

Se for um leitor que dá preferência ao primeiro caderno talvez ache que não tem tempo para essas bijouterias da vida, que são as crônicas, que parecem enfeitar os jornais. Se gosta dos segundos cadernos, então lê um pouco mais devagar, mas o dia é curto, sobre a mesa abstrata das horas tarefas te esperam, ansiosas.

Essa poderia ser a crônica da chuva da semana passada e de um homem e uma mulher que ficaram ilhados num apartamento em Bento Ferreira: ela havia ido até lá para dialogar sobre um evento comum aos dois, chegou antes da chuva grande, marcaram cedo. E lá teve que ficar horas, beberam café, almoçaram e quem sabe iniciaram uma estranha história de amor, de duas pessoas que aparentemente não combinam, mas que se encaixam completamente, como certas pedras que circulam Vitória.

Ou poderia ser a crônica sobre o menino que vende amendoins e que ao ver a bailarina passar, lentamente na carona do carro da mãe, quase navegando sobre as águas, pensa em ter uma vida mais suave, pela primeira vez. No cabelo preso em coque da pequena bailarina as pérolas azuis e falsas que prendem os fios impecáveis parecem avisar que a vida pode ter gentilezas de existência. O menino encharcado, pronto

para vender seu amendoim, mesmo que ainda não seja noite, decide tentar mais uma vez. E a bailarina sorri neste exato instante. Sorri para ele como um sinal.

A própria chuva parece um sinal, e não lembro ainda da poluição como a culpada pelos céus desabarem. E você me acusa, neste momento, de não ler o primeiro caderno.

Então isso está parecendo uma crônica, mistura de primeiro e segundo cadernos e você me acusaria de trair o gênero tão nobremente representado pelo capixaba Rubem Braga, e eu lembro de “Ai de ti Copacabana”, e “A corretora do mar” e ainda “Homenagem ao Sr. Bezerra” e dou por terminada a discussão, porque nessas crônicas ele denuncia a cidade que cresce desorganizadamente, a cidade vertical e inchada como mero fruto do anabolizante doentio da falta de escrúpulos da exploração imobiliária. E se Vitória virar uma Copacabana enfeada e ainda sem o Copacabana Palace?

E neste exato instante o casal do segundo parágrafo detém minha atenção sendo fielmente feliz. E por existir assim, com todas as pequenezas da infelicidade contrafeitas, eles quase magoam o restante de nós. Que apesar de tudo, esperamos.

E essa intensidade da espera me faz mais uma vez adiar normas do “Manual para sermos muito menos intensos”. E ele não poderá mais ser escrito tão cedo, me parece. E este parecer admite a possibilidade de sonho. O que fazer se os dias parecem escritos num calendário de extremos, se continuamos marionetes patéticas ao sabor dos ressentimentos, dos amores,

..... crônicas de Mara Coradello

das buscas infundadas e porque não dizer, das
esperanças.

* Trecho da música Deusa Urbana, do novo Caetano
Veloso: Cê.

Sapos ao sugo

A arte de engolir sapos não tem relação alguma com a arte de beijar sapos que se transformam, segundos depois, em príncipes. Os sapos de que falarei, por hora, são da categoria das coisas que se transmutam, mas não instantaneamente. E geralmente estes sapos metafóricos são originados do puro desconforto.

Os sapos que aprendi a engolir jurei nunca sequer chegar perto, mas eu tinha então dezessete anos, não pagava contas e portava cabelos que beiravam a cintura e uma bolsa estampada com lhaminhas. Ou seja: fase em que juramos o que exatamente torcemos para não ter de cumprir. Hoje rogo para que ninguém perceba o volume seco em minha garganta quando engulo um grande, viscoso e verde batráquio.

Quando sou mal-atendida no café que tem o melhor pão de queijo da cidade eu engulo sapo em nome da textura repleta de tradição e carinho mineiros. Quando me assusto com piadas de teor sexista em pleno século vinte e um, lembro-me de “mulheres de Atenas” e engulo um polpudo sapo recheado de raiva.

Os sapos em relação a amigos eu não quero engolir, adoto a política de contê-los em alguma misteriosa região da anatomia fictícia de minha glote, ou melhor, da minha goela. Então ele fica retido e sempre lembrado, o famoso gosto metálico me assalta, para que após quatrocentas e noventa e cinco elucubrações eu expresse, aos poucos e com cuidado, minha

insatisfação e desacordo. Porque amizade a gente não inventa, pelo menos não depois de certa idade. Eu mesma nunca mais tentei criar amigos imaginários, embora algumas vezes sinta falta dos antigos companheiros das brincadeiras de criança eremita.

A capacidade de engolir sapos poderia se chamar “diplomacia”, porém grandes nomes da política são famosos exatamente por não engoli-los bem; e cito Churchill em lugar de Antonio Carlos Magalhães por uma questão de princípios.

E a música-tema desta crônica não poderia ser “Resposta”, cantada pela Maysa, certamente com seu olhar fulminante para a platéia: *“Só faço o que gosto e aquilo que creio. Se alguém não quiser entender e falar, pois que fale.”* Até porque, além de cantora, ela foi apresentadora de um programa de TV. Imagine quantas vezes não teve de engolir ao vivo um nada suculento sapo?

Na matéria misteriosa dos sentimentos guardados, os sapos transmutam-se, e por vezes são argamassa para a construção de boas relações. Perdi mais horas de sono pela verborragia raivosa que destilei do que pelos sapos que engoli. E os sapos ingeridos sempre podem virar pedaços de crônicas ou, ainda, combustível para tomada de decisões e mudanças de vida. Portanto fica a pergunta: será que alguém aí teria um saleiro? Os sapos que engoli, e ainda engulo, estão meio insossos...

**Maior que a vida
ou
No lugar de auto-ajuda: auto-amor**

Inúmeras vezes achei a literatura menor que a vida. Menor que crianças, sol, cerveja gelada com amigos, flores, café. E a literatura pode ser um escape, mas ao levantar os olhos do livro há sempre o mundo tridimensional ao meu redor. Este texto é piegas e é para inspirar pena, se der certo, portanto é só um pedido mudo, apesar de ostensivo, como a própria literatura é: muda e ostensiva.

Falaram-me que escrevo docemente sobre dores, deve ser porque sou assim mesmo, com essa minha mania de cultivar angústia como quem cultiva uma violetinha no parapeito da janela, sem molhar muito, para não morrer. É uma mania meio adocicada e adoidada de doer. Vejam só, estou até sendo bucólica, eu que nego, em roupagem “de agora”, que sou mesmo é uma provinciana do interior do Espírito Santo, criada com cavalos, girinos e histórias de assombração, tudo isso no final de semana, porque durante a mesma eu era escola, cadernos grandes para esconder os livros e muita inadequação. Talvez a sensação de não pertencer, da qual fala Clarice em *A Descoberta do Mundo* e em outros textos, se não me engano. Ando desleixada não só com isso aqui, ando desleixada comigo. Fingindo não ver o óbvio, o Santo Óbvio que a tudo salva quando acendemos uma vela, e ao invés de rezar, olhamos a nossa volta. Meus amigos estão longe e meio longe demais com risco de muito em breve virarem uma ligação no aniversário. Uns sem *messenger*, outros sem créditos no celular, outros

avessos a tudo, espalhados pela cidade em que morei e por outras do mundo. E também por esta.

Dá vontade de apertar o *reset*, mas ando desleixada, sem vontade de fazer coisas básicas de cuidados comigo, porque ando mesmo sem vontade de me ver. Como eu aqui, falando de mim a esmo, a todos vocês e a ninguém em particular, sendo chata de verdade, só para ser de verdade alguma coisa. Ando desleixada com meu texto e também com minhas máscaras. Somente porque às vezes acordo e acho a vida um Camelô de Meus Sentimentos. Desculpe, ando mesquinha de mim também.

Quero trazer à moda uma coisa que a auto-ajuda estragou: a felicidade.

Quero decretar que a própria é algo encontrado em slogans de rua, em ironias de tias, em qualquer lábio que a diga. Que sou simples e viva e que de minha vida a melhor parte é ser toda, de ser toda eu tenho as metades, umas terríveis como ontem, cheias de medo. Outras: luminescências, como aquele peixe de nome raro e fúcsia.

Quero decretar que qualquer ausência já é a presença compacta dessa própria ausência.

Deliciosa por si própria. Quero decretar gritos de esmero no único intento de alegria pura, derramada como óleo ungido em qualquer presença que emperre. Quero decretar que a única forma de ver é antes ter olhado a mais completa escuridão.

Quero decretar que se erga agora e faça seus escândalos. Que rasgue seus papéis, que escreva suas frases, que coma e engorde, que corra e emagreça.

Que suma e apareça, que mude, que fique, que seja. Recomece. Quero decretar mesmo um estado de graça, ao invés deste de sítio.

Deus e o Diabo sem maniqueísmo

Estamos no dia 27 de maio de 2006, apesar do que mostra o cabeçalho deste jornal.

Um dia de temperatura agradável, um sol suave sobre todos na entrada da tenda central daquela conferência que era a mais esperada em todo o evento. Moira nunca leu de fato Roberto DaMatta, só trechos aqui e ali, espalhados como seu próprio pensamento em fragmentos e *hiperlinks* constantes que desembocam em outros e esses em terceiros, e mais trechos disso e daquilo como uma navegação pela internet, ou um zapear de TV, e muito menos leu Leonardo Boff, mas lá estava ela, ansiosa em ouvir palavras novas.

A princípio Moira lembrou do trecho do conto *A conferência* de Ignácio de Loyola Brandão: ...” _ Para que serve uma conferência?

_ Para conhecer as coisas, saber do mundo, alargar horizontes.

_ E por que eu me interessaria por isso tudo? Qual a vantagem para nossas vidas?

_ Confesso que não sei.

_ O que sabemos no fundo?

_ Quase nada. Ninguém na cidade sabe coisa alguma. Saberá no mundo? E não existe gente infeliz por aqui.”

Mas naquela cidade tampouco se sabia de nada e muito menos inexistia gente infeliz. Então Moira decidiu ir. Sentou-se numa das fileiras da frente, quase debruçada no palco e mirou os dois palestrantes que a interessavam, nos sofás de cor bege: os dois

senhores com ar distinto e com o mesmo bege nos blazers bem cortados.

Ouviu, como não poderia deixar de ouvir em tão boa acústica. E via as expressões repetidas com alguns segundos de atraso em todos os grandes telões a adornar a tenda levantada especificamente para a ocasião.

A primeira pergunta do mediador Paulo Markun foi a melhor que ela já havia ouvido em toda sua breve carreira de freqüentadora de debates: "Onde a gente se perdeu perante a construção das cidades?" Roberto DaMatta eriça ainda mais as sobrancelhas e entre suas colocações contundentes Moira escuta: " Nas cidades quem está em cima na verdade está em baixo, quem está em baixo está em cima". Fala do entrelaçamento percebido nas palavras que remetem à palavra cidade: civil, cidadão, cidadania. Situa o anonimato numa grande cidade como causador de um maior individualismo. Cita os dois assaltos sofridos por ele no Rio de Janeiro como objetos de reflexão. E logo em seguida elogia os encontros casuais também ocasionados pela urbanidade, diz ser feliz com a possibilidade de ser espectador do artístico numa metrópole.

Lembra que a Revolução de 1789 aconteceu justamente numa cidade: Paris.

"Aonde que o Brasil perdeu o bonde? Não pensamos em construir uma cidade igualitária. Simplesmente tratar o outro como gostaríamos de ser tratados. Devemos começar desde já pensar em métodos para que a igualdade seja praticada. Dois ideais a serem buscados:

Liberdade e Igualdade. Desde os ideais mais transcendentais até o nosso cotidiano. Nós nos

politizamos muito pouco. É melhor nos situarmos: vivemos num mundo em que existe por parte das pessoas uma demanda de igualdade. Para tanto basta que tratemos o rico e o pobre como iguais. Surgirá uma malha urbana civilizada, razoavelmente decente se soubermos que o que está ao nosso lado não é um bobalhão, não é um bobo alegre, não é inferior nem superior, é um igual, um companheiro de jornada.” Leonardo Boff tem seu ar angelical ainda mais caracterizado ao falar:

“A existência da marginalidade nas favelas é um dos atos mais violentos que o povo brasileiro vem sofrendo. Tem ligação com a estrutura de formação da sociedade, ligação com casa grande e senzala. Ainda reproduzimos o padrão casa grande e senzala. Um outro Brasil é possível fruto de novas formas de integração e cooperação. Movimentos sociais são o esboço de uma outra energia. Deslocar o eixo das classes que sempre estiveram no poder e que sempre fazem políticas pobres para os pobres, que se faça política rica para os pobres.

Após essa fala, Leonardo Boff cita desintegração da máfia como exemplo de uma sociedade que derrubou o crime organizado.

Em algum ponto, em meio às respostas dos conferencistas, um casal adentra o recito e empunha palavras como instigação. Uma faixa estendida em frente ao palco coabita com o silêncio dos palestrantes e da platéia. Uma palavra sequer é mencionada sobre o assunto.

Nesse exato instante Moira olha os dois palestrantes e tem uma visão, na verdade uma troca lúdica e

brincalhona: eles parecem com os estereótipos de Deus e o Diabo. Mas por vezes concordam. E parecem da mesma forma perdidos e nesse estar perdido talvez esteja situada toda a sua intensa atividade intelectual. Mesmo que o amigo de Moira fale que nenhum deles tem mais tempo para estudar. São muitas conferências ao longo dos dias, muitos aviões. Será por isso que sequer mencionaram as palavras contra a Aracruz na faixa?

Volatéis

O mais surpreendente é que não te amo mais. Porém esse não te amar mais é algo ainda, um não-amor ao menos. Como os filósofos das artes chamam o não-lugar. O pior de tudo é que em meio às contestações que pratico, volta e meia, quando novas histórias param na palavra “novas” e não desembarcam em “histórias” é que não há nada para provar o que foi dito por nós, de um para o outro. Apaguei as mensagens do correio eletrônico, assim como os recados na caixa postal do aparelho de falar e escutar. Essa sensação de ter um passado sem selos, sem envelope que o contenha, sem qualquer coisa de tátil. Aqueles presentes que tu me deste, o perfume já inodoro, repousa em minha coleção de frascos vazios. O colar se desfez um dia desses, caindo em meu colo onde sua cabeça tortuosa pousou em certo dia em que senti lágrimas nesse mesmo colo. Mundo volátil, fragmentado, sem envelopes. No entanto, não falo da volta às cartas como solução de minhas reclamações, reclamar é quase um anagrama com meu nome, falo que queria rebobinar e ouvir a prece que me faria sentir que fiz o que deveria ter feito: tuas palavras. As que disseram que me amavam, num dia, de súbito, muito antes que o tivessem pregado em códigos regulamentares de encantamento. Aquelas mais vermelhas palavras, gostaria de tê-las emoldurado.

E agora sei que não precisaria quebrá-las, somente guardar longe dos olhos. E tantas outras mentiras ou não, palavras de puro açúcar corrosivo, me estragaram as sensações. Queria ler tudo em papel almaço, para ao menos saber que tive motivos de acreditar e confiar

que tudo mudaria. Sentir-me-ia menos tola com as palavras impressas, escritas em tinta fina de caneta, uma daquelas que você trazia em dupla de suas viagens de trabalho, que por instantes me fazia esquecer de que nunca viajamos juntos de verdade.

Todos os manuais para amores que terminam ordenam que joguemos fora fotos, olhares, números telefônicos, endereços e acho que estão certos. Mas como vou saber quem fui eu? Se jogar tudo que me dói no lixo, onde ficarão as partes boas? Como pequenos centríolos estragados em frutas, os extirpo e o resto pode ser aproveitado? Prefiro que se transformem em outra coisa: adubo do que viria. Ensino. Estamos atentos a uma “ética analgésica, onde “não há lugar para os riscos do sofrimento”? Como diz a Elisabeth Badinter, em *L’um est l’autre – des relations entre hommes et femmes*.

Mas ainda prefiro minhas letras às minhas lágrimas e retirei justamente do livro *Sem fraude nem favor*, do Jurandir Freire Costa, uma leve crítica à Badinter e a constatação: “ e se a analgesia diagnosticada por Badinter tiver outros motivos, que não o medo de amar e sofrer por amor? E se as pessoas, corajosas ou não, tiverem tão-somente concluído que o êxtase amoroso não compensa os estragos feitos à paz de espírito? E, por fim, será que para ter o amor ideal é realmente preciso ocultar o que nele existe de incongruente, complexo, difícil e humanamente imperfeito?”

Vou mesmo rasgar todas as cartas que sobraram: por coincidência, procurando o livro do Jurandir, acabo de achar um bilhete, e nesse rasgo não-rasgo escrevo frases que perduram:

Sabe por que o amor é uma palavra tão curta? Porque é a abreviação. Não caberia. Alguns acham que o amor é precipício, eu acho que precipita.

O sorriso do gás do Curinga

Aconteceu comigo dia desses. Percebi numa sessão de fotos o “sorriso do gás do Curinga”. Este mesmo Curinga que você está pensando: o tal personagem que dizem foi tão bem interpretado por um dos homens mais lindos e instigantes do mundo, agora não mais no plano físico: Heath Ledger. Além de ter valido uma atuação de Jack Nicholson. Jack dispensa comentários: é, foi e sempre será um dos mais charmosos do mundo e em seu rosto o enigmático sorriso perdura até hoje. Mas Jack pode ter esse sorriso grudado na face, porque nele soa a cinismo calculado, talvez para defender sua imensa sensibilidade e generosidade, conforme contam nos bônus dos DVD’s. E as pessoas todas que vejo pela cidade em fotos ou presencialmente, o que aconteceu com o charme elegantemente *blasé* capixaba? Que história é esse de alegriazinha fácil? Que música absurdamente boba e ruim é essa no seu carro? Cadê aquela coisinha quadradinha e ultra *fashion*, da marca da maçã, onde você escondia seu mau gosto? Porque é verão e quase ainda Carnaval todas as mulheres usam tecidos ultra-estampados e os coqueiros balouçam docemente nas águas azuis esverdeadas de nosso estado tão litorâneo quanto montanhês, por isso que rimos tanto e por qualquer bobagem?

Uma vez li um colunista, que por vezes odeio e por outras amo em segredo, Arnaldo Jabor, defender a possibilidade de tristeza. Ele falava que no Rio de Janeiro era *démodé* ter depressão. E eu sorri feliz com minha melancolia ao pensar que somos um estado

que permite tão bem essa tristezinha, mesmo com nosso céu estupidamente azul. Porque nossas ruas são vazias no domingo, com o sorvete de frutas preferida que pode ser tomado com o olhar no infinito. Porém, estamos perdendo esse *approach*. Andamos tão felizes com nosso crescimento, tão serelepes, tão avançadinhos em tudo, menos no que se trata da moça nua do baile funk.

Então, de repente, nossa alegria pode ser nudez da moça do baile funk: feita às pressas para faturar algum. Algum trocado, algum emprego, alguma adulação. E olha que sempre defendi a moça: todas as outras podem tirar a roupa no carnaval, mas a moça nua do baile funk fez apenas alguns dias antes e foi até comparada com mazelas. Que exagero.

Mas volto à vaca fria: pare de sorrir já e pense se grudadas nas nossas bocas não viceja uma mera alegriazinha mentirosa, de superfície. O que posso saber da verdade é nada, verdadeiros tratados filosóficos, que ainda tenho de ler, foram traçados por ela, mas sei que o ar de alegria fosforescente, aquela que não coaduna com olhos, que parece foto de miss em segundo lugar, esse sorrisinho não te cai bem. Prefiro sua tristeza de fato à alegria de clareamento e pode me contar seus problemas e se tudo não der certo pode me cantar que eu escuto “tire seu sorriso do caminho que eu quero passar com minha dor”.



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Av. Fernando Ferrari, 514 - CEP 29075-910 - Goiabeiras - Vitória - ES

Tel: (27) 3335 7852

ediufes@yahoo.com.br

Este livro é fruto da premiação Taru 2007,
parte de seus recursos foi originado através da Lei
Rubem Braga, com apoio da Dacasa Financeira.



SÍNTESE DO MANUAL DE PROCEDIMENTOS PARA SER MENOS INTENSO

- 1) Sempre nos é permitido ser intensamente leves. Rir e não se levar a sério exceto em velórios, mas tente ser mais leve em filas de banco, em pontos de ônibus, em engarrafamentos na Fernando Ferrari e na hora da briga com o seu par.
- 2) Saia à noite para um bar num bairro que você nunca foi, olhe as pessoas como velhas conhecidas, converse com o cara atrás do balcão, coma os ovos coloridos.
- 3) Desapareça, conte que seu celular caiu na água, que você teve uma gripe oriunda de extraterrestres que foram dissecados pela NASA, e, portanto, teve que faltar a todos os compromissos.
- 4) Coma a fruta que te lembra a infância. A minha seria um cajá robusto, que percebi somente ontem, ao olhar para o alto, fruto da árvore de um dos meus restaurantes preferidos. Fiquei feliz por dias com esta descoberta. Esqueça sua infância como ela foi e lembre-se do que você imaginava que ela seria. Olhe mais para o céu e não somente para ver se vem chuva.
- 5) Naquela festa, quando te perguntarem "como a vida vai te tratando?" responda: "bem, obrigado". Mesmo que ao responder "bem" você saiba que está sendo simplesmente obrigado.

